

Autor da saga AS CRÔNICAS DE NÁRNA

C. S. LEWIS

A
TORRE
NEGRA

E OUTRAS HISTÓRIAS

C. S. LEWIS

A
TORRE
NEGRA
E OUTRAS HISTÓRIAS

Tradução
Jorge Camargo

 Planeta

Copyright © C. S. Lewis Pte Ltd., 1977
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Dark Tower*

Preparação: Osmar de Souza
Revisão: Cleber Nadalutti e Hires Héglan
Diagramação: Triall Editorial Ltda
Capa: Companhia
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ



L652t

Lewis, C. S.

Torre negra: e outras histórias / C. S. Lewis ; [tradução Jorge Camargo]. –

1. ed. – São Paulo: Planeta, 2016.

Tradução de: *The Dark Tower*

ISBN 978-85-422-0778-1

1. Ficção inglesa. 2. Ficção científica inglesa. I. Camargo, Jorge. II. Título.

16-35395

CDD: 823
CDU: 821.111-3

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário

Prefácio, por Walter Hooper

A Torre Negra, com notas de Walter Hooper

O homem que nasceu cego

As terras fajutas

Anjos ministradores

As formas das coisas desconhecidas

Depois de dez anos, com notas de Roger Lancelyn Green e Alastair Fowler

Prefácio

C. S. Lewis morreu em 22 de novembro de 1963. Em janeiro de 1964, fui me encontrar com o Dr. e a Sra. Austin Farrer no Keble College e, nessa ocasião, o irmão de Lewis, major W. H. Lewis, começou a esvaziar a casa da família, que eles costumavam chamar de The Kilns. A ideia era preparar-se para se mudar para uma casa menor, para onde eu deveria mais tarde mudar-me também, a fim de ficar com ele. Os irmãos Lewis tinham também um pouco daquela veneração por manuscritos tão típica de muitos de nós, e o major Lewis, depois de separar aqueles papéis que para ele tinham uma importância especial, começou a se desfazer dos outros. E foi assim que muitas coisas que não fui capaz de identificar foram parar em uma fogueira que queimou ininterruptamente por três dias. Felizmente, no entanto, o jardineiro de Lewis, Fred Paxford, sabia que eu tinha o mais elevado interesse por qualquer coisa que tivesse sido produzida pelas mãos do mestre, de forma que, quando ele recebeu uma grande quantidade de cadernos e de papéis de C. S. Lewis, que deveriam ser jogados nas chamas, ele pediu ao major que os mantivesse até que eu tivesse a chance de vê-los. Parece mais que uma simples coincidência, pois apareci em Kilns naquele dia e fui informado de que, a menos que naquela mesma tarde eu carregasse comigo os papéis, eles seriam de fato destruídos. Havia tanta coisa que foram necessárias toda minha força e minha energia para carregá-los até o Keble College.

Naquela noite, enquanto os examinava, deparei-me com um manuscrito que me deixou bastante empolgado. Amarelado pelo tempo, mas ainda perfeitamente legível, começava com as palavras: ‘É claro’, disse Orfeu, ‘o tipo de viagem do tempo sobre a qual você lê nos livros — viagem no tempo no corpo — é absolutamente impossível’. Algumas linhas abaixo, na mesma página, encontrei o

nome “Ransom”, sobre quem se diz “ter sido o herói ou a vítima de uma das mais estranhas aventuras que jamais tinha acontecido a um homem mortal”. Imediatamente percebi que estava lendo um trecho de mais um dos romances interplanetários de Lewis — “A Torre Negra”, como eu vim a chamá-lo — que agora é publicado pela primeira vez no Brasil.

Os que já conhecem a trilogia interplanetária de Lewis, formada por *Além do planeta silencioso* (1938), *Perelandra* (1943) e *The Hideous Strength* (Essa horrível força de 1945), vão certamente se lembrar de que o primeiro desses romances termina com uma carta do fictício Dr. Elwin Ransom, de Cambridge, ao seu amigo C. S. Lewis (ele mesmo um personagem secundário nas histórias). Depois de observar que seu inimigo Weston havia “fechado a porta” para a viagem espacial através dos céus, ele termina sua carta (e o livro) com a declaração de que “o caminho para os planetas está no passado” e que “se for para haver mais viagem pelo espaço, ela terá que ser também uma viagem no tempo...!”.

Durante o breve período em que fui seu secretário, Lewis me disse que ele nunca, em tempo nenhum, havia tido a intenção de escrever três romances conectados entre si ou criar o que alguns veem como um “mito” único e coerente. Eu acredito, no entanto, que, embora imaginasse estar completamente livre de seus antagonistas, Weston e Devine, ele também tinha em mente a possibilidade de uma sequência para *Além do planeta silencioso* no qual Ransom teria alguma participação, e a viagem no tempo teria lugar de destaque — como fica evidenciado pela ligação óbvia entre a última sentença de *Além do planeta silencioso* e a sentença inicial de “A Torre Negra”. Na verdade, isso é comprovado por uma carta escrita para a Irmã Penelope, da Comunidade de Santa Maria Virgem, datada de 9 de agosto de 1939, na qual ele diz que a “carta” no final de *Além do planeta silencioso* e “as circunstâncias que desatualizam o livro” são simplesmente uma maneira de preparar uma sequência. Minha suposição é que Lewis começou escrevendo a

história quase imediatamente após concluir *Além do planeta silencioso*, em 1938, e isso parece encontrar eco em uma passagem na qual MacPhee, cada vez mais impaciente com a conversa sobre viagem no tempo, zomba de Orfeu em relação à “descoberta extraordinária” de que “um homem em 1938 não consegue chegar a 1939 em menos de um ano”.

O manuscrito de *A Torre Negra* é formado por sessenta e duas folhas de papel tamanho carta e numeradas de 1 a 64. As páginas 11 e 49 perderam-se, e — infelizmente — a história está incompleta. Ela é interrompida no meio de uma sentença na página 64 e, como nunca encontrei outras páginas, não posso ter certeza se Lewis concluiu ou não a história. Buscando preservá-la da melhor maneira possível, inseri em uma nota, ao final do fragmento, tudo o que consegui apreender dela.

Há os que pensam que é muito cruel publicar-se fragmentos de histórias porque, em muitos casos, não temos sequer como adivinhar como o autor teria terminado a história. Essa é uma das razões pelas quais aconselhei os responsáveis pelo patrimônio de Lewis, naquele momento, a guardar “A Torre Negra”. Outra razão é que percebo que existem comparações com a trilogia que não lhe são favoráveis. Apesar das elevadas expectativas geradas pela caneta de Lewis, não acredito que seria possível esperar que uma obra como *A Torre Negra* se aproximasse da inventividade e da completa perfeição da sua extraordinária trilogia interplanetária. Podemos inclusive supor que nem mesmo Lewis acreditou nisso, pois nunca tentou publicá-la e, considerando a vastidão dos seus escritos, ousou dizer que ele havia esquecido há muito que a tinha escrito. Mas de uma coisa ele não teria se esquecido: do erro de se publicar algo que se esperava que fosse um pouco mais do que uma mera diversão literária, algo que se esperava que fosse o avanço de um teorema ético. Isso não lhe pareceu sábio. A boa literatura de férias não exerce grande influência sobre o mundo e devemos entendê-la como um

entretenimento que dá prazer às pessoas, mas não tratá-la com a infeliz seriedade que a coloca no mesmo nível das Escrituras.

O trecho seguinte do livro, o conto “O homem que nasceu cego”, foi encontrado em um dos cadernos que me foram dados pelo irmão de Lewis. É uma história que nunca havia sido publicada e sobre a qual, até onde sei, ninguém teve conhecimento enquanto o autor esteve vivo, à exceção, possivelmente, de Owen Barfield e de J. R. R. Tolkien. Embora eu me arrependa por nunca ter perguntado a Tolkien sobre essa história, fiquei interessado ao saber que ele falou sobre ela para o professor Clyde S. Kilby, que diz o seguinte em *Tolkien and the Silmarillion* (Tolkien e o Silmarillion) — 1976: “Tolkien contou-me sobre a história de C. S. Lewis a respeito de um homem que nasceu com catarata em ambos os olhos. Ele sempre ouvia as pessoas conversando sobre a luz, mas nunca conseguiu entender o significado dessas conversas. Depois de uma cirurgia, ele conseguiu recuperar parte da visão, mas ainda assim não foi capaz de compreender totalmente o que era a luz. Um dia, então, ele viu um nevoeiro subindo de um lago (na verdade, disse Tolkien, era a paisagem da frente da casa de Lewis) e pensou que finalmente estava vendo a luz. Em seu entusiasmo por experimentar a verdadeira claridade, ele correu alegremente para dentro dela e morreu afogado. Como não há na história nenhuma menção sobre o que havia causado a cegueira do homem (algumas crianças efetivamente nascem com catarata) e sobre como ele se afogou, parece provável que Tolkien ouviu Lewis contar uma versão da história e não que ele mesmo tenha lido a versão aqui publicada. Owen Barfield me disse que o conto “O homem que nasceu cego” foi escrito no final da década de 1920, quando Lewis e ele estavam profundamente envolvidos no debate acerca da “Grande Guerra” entre Aparência e Realidade, ao qual Lewis se refere em sua autobiografia *Surpreendido pela alegria*. Embora a história seja bastante clara, a “ideia” por trás dela foi mais tarde um pouco mais bem desenvolvida por Lewis no ensaio *Meditation in a Tollsled*

(Meditação em um barracão), no qual ele fala sobre o fatal hábito moderno de sempre olharmos para as coisas tais como se fossem um raio de luz, de olharmos por meio delas, ao longo e não simplesmente para elas ou para os objetos que elas iluminam. Outra possível motivação para a história pode ter sido a fascinação de Lewis pela narrativa do homem que nasceu cego em Marcos 8.23-25, em que está registrado que Jesus “tomou o cego pela mão e o levou para fora do povoado. Depois de cuspir nos olhos do homem e impor-lhe as mãos, Jesus perguntou: ‘Você está vendo alguma coisa?’ Ele levantou os olhos e disse: ‘Vejo pessoas; elas parecem árvores andando’. Mais uma vez, Jesus colocou as mãos sobre os olhos do homem. Então seus olhos foram abertos, e sua vista lhe foi restaurada, e ele via tudo claramente”.

O Sr. Barfield havia dito em sua introdução a *Light on C. S. Lewis* (Luz sobre C. S. Lewis) — publicado em 1965, que Lewis, algum tempo depois de ter mostrado sua história a ele, “me disse... que havia sido informado por um especialista de que a recuperação da vista por um cego adulto não havia sido realmente a experiência massacrante que ele imaginara para os propósitos de sua história. Anos mais tarde, ele encontrou em um dos livros de Sir Julian Huxley uma alusão aos resultados iniciais de uma operação dessa natureza, que sugeria que Lewis os havia verdadeiramente imaginado bem acuradamente”. Certamente Lewis se dedicou bastante a imaginar os resultados de uma experiência como essa. A história foi anotada nas páginas à direita, em seus cadernos. Nas páginas à esquerda, anotadas alguns anos depois, estão as revisões dessas anotações, que mostram o que o protagonista esperava que a luz viesse a ser. Lamentavelmente, esses trechos revistos não podem ser unidos ao resto da versão original do conto e tive que me contentar em publicar o original, com a versão completa da história.

Lewis não era apreciador daquele gênero caótico de histórias que são colocadas sob o rótulo de literatura “sem profundidade” — uma literatura “rala”, como eu o

ouvi chamá-la — porque ele acreditava ser impossível para a mente humana observar os seus pensamentos e ser, ao mesmo tempo, o objeto deles. Seria como se olhar no espelho para enxergar sua aparência, quando, na verdade, você não está olhando para si mesmo. No entanto, ele achou que seria divertido fingir que estava fazendo algo assim e o resultado foi o conto “As terras fajutas”, que foi publicado pela primeira vez no número 10 da revista *Magazine of Fantasy and Science Fiction*, em fevereiro de 1956, e, mais tarde, no livro *Of Other Worlds: Essays and Stories* (De outros mundos: ensaios e histórias), em 1966.

“Anjos ministradores” foi um conto escrito em resposta ao artigo do Dr. Robert S. Richardson, intitulado “The Day After We Land on Mars” (O dia seguinte ao nosso pouso em Marte), publicado na *Saturday Review*, em 28 de maio de 1955. Dr. Richardson propõe algo bastante sério, dizendo que “se a viagem espacial e a colonização dos planetas por fim tornarem-se possíveis em larga escala, parece provável que sejamos forçados primeiro a tolerar e, mais tarde a aceitar abertamente uma atitude para com o sexo que atualmente é tabu em nossa estrutura social vigente... Dizendo de modo bem objetivo, será que não seria necessário para o sucesso do projeto enviar algumas garotas legais para Marte, em intervalos regulares, a fim de aliviar suas tensões e levantar o seu moral?” O que são essas “garotas legais” e qual é o tipo de “moral” que elas serão capazes de promover é o assunto do delicioso texto de Lewis, chamado de “Anjos ministradores” e publicado no número 13 da revista *Magazine of Fantasy and Science Fiction*, em janeiro de 1958, e mais tarde no livro *Of Other Worlds*.

Muito antes de alguém colocar os pés na Lua, Lewis havia predito que “a verdadeira Lua, se nos fosse possível alcançá-la e nela sobreviver, seria, em um sentido profundo e definitivo, como qualquer outro lugar... Nenhum homem poderia enxergar na Lua uma constante estranheza, a menos que fosse o tipo de ser humano capaz de se sentir estranho em seu próprio quintal”. Para além da

suposta estranheza indígena que Lewis atribui a Marte em *Além do planeta silencioso* e a Vênus em *Perelandra*, ele faz com que Ransom pergunte: “Todas as coisas que apareceram como mitologia sobre a Terra foram espalhadas em outros mundos como se fossem realidades?”

Foi uma resposta parcial a essa pergunta que deu a Lewis assunto para sua história “As formas das coisas desconhecidas”, o manuscrito que encontrei entre os papéis que me foram dados pelo major Lewis. C. S. Lewis havia decidido opor-se à sua publicação porque supunha que muitos dos seus leitores não estariam suficientemente familiarizados com a mitologia clássica para entender seu argumento. No entanto, em vez de desistir do “argumento” e eventualmente privá-los da surpresa no fim do conto, decidi reimprimir a história como ela tinha sido originalmente publicada em *Of Other Worlds*.

“Depois de dez anos” é, como “A Torre Negra”, um fragmento do que se esperava que viesse a ser um romance completo e foi reimpresso como estava em *Of Other Worlds*. Lewis falou sobre a ideia do livro a Roger Lancelyn Green em 1959, e os primeiros quatro capítulos foram escritos logo depois disso. A história começou — como Lewis disse sobre sua trilogia de ficção científica e sobre *As crônicas de Nárnia* — com “imagens vivas” em sua cabeça. Nessa época, ele dedicou quase todo seu tempo e compaixão à sua esposa, muito amada, que estava doente. Quando ela morreu, logo após eles terem feito uma viagem à Grécia, em 1960, a saúde de Lewis deteriorou-se e a sua fonte de sua inspiração — “as imagens vivas” — quase secou. Ele, no entanto, manteve-se perseverante e conseguiu escrever mais um capítulo. Roger Lancelyn Green, Alastair Fowler e eu, com quem Lewis discutiu a história, acreditávamos que ela poderia tornar-se uma de suas melhores histórias e o encorajamos a seguir adiante. Mais nenhuma “imagem” lhe surgiu na mente, porém o desejo de escrever ainda estava presente e ele me fez o maior elogio que eu poderia receber ao me perguntar, no meio do trabalho, o que

eu gostaria que ele escrevesse. Pedi-lhe que escrevesse sobre “um caso de amor — algo parecido com o que eu havia lido nos seus romances de ficção científica”, ao que ele respondeu que não havia mercado para esse tipo de coisa naqueles dias. No início dos anos 1960, a Inglaterra e muitos outros países estavam voltados para o “realismo sobre os pedaços da vida”, e nem mesmo Lewis seria capaz de antever o enorme efeito cataclísmico que as fantasias do seu amigo Tolkien em breve teriam sobre a literatura e sobre o nosso próprio entendimento da realidade ou sobre a influência crescente e constante que as suas próprias obras teriam. Em todo caso, Lewis não conseguiu seguir adiante com sua história, antes de sua morte.

Até onde sei, Lewis escreveu apenas um esboço de “Depois de dez anos”, o manuscrito que, volto a dizer, foi um entre aqueles que não foram queimados. Lewis não dividiu o texto em partes (ou deu-lhes um título), mas como cada “capítulo” parece ter sido escrito em um tempo diferente, decidi adotar essas divisões naturais. Devo advertir o leitor, no entanto, de que o que chamei de capítulo 5 não é uma continuidade do capítulo 4. O autor estava antecipando o fim da história. Se ele a tivesse completado, teria havido muitos outros capítulos entre o 4 e o 5.

Lewis discutiu essa obra em detalhes com Roger Lancelyn Green e Alastair Fowler e, por isso, pedi-lhes que escrevessem sobre a conversa que tiveram com ele. A natureza da história — especialmente a “reviravolta” brilhante que ocorre no fim do primeiro capítulo — torna imperativo que o leitor leia essas notas até o final.

Há muito tempo o sonho de muitas pessoas tem sido ver os textos de ficção escritos por Lewis e que ainda não foram publicados e selecionados, reunidos em um único volume, que poderia ser colocado na estante ao lado de todos os seus outros romances. Essas outras obras (exceto, é claro, os textos juvenis de Lewis) já estão disponíveis em inglês e também em outras traduções estrangeiras e podem

ser vistas em um conjunto formado por *Além do planeta silencioso*, *Perelandra*, *That Hideous Strength* (Uma força medonha), *As crônicas de Nárnia* e *Até que tenhamos rostos*. Com a inclusão de *A Torre Negra*, os possuidores dessas obras terão em casa a ficção completa de C. S. Lewis.

Para mim, uma vez que tenhamos lido e tocado um livro, ele passa a ser parte indissociável das nossas vidas — passa a ser uma realidade, a ser a origem de algo que, com o correr do tempo, só vem a crescer. Antes que este livro se faça tão presente a ponto de tornar-se uma necessidade, quero registrar minha dívida para com os meus companheiros, responsáveis pelos bens de Lewis, Owen Barfield e o falecido A. C. Harwood, bem como com os meus outros bons amigos, frei dominicano Gervase Mathew (que faleceu na época em que este livro estava sendo preparado), R. E. Harvard, Colin e Christian Hardie, Roger Lancelyn Green e Alastair Fowler, todos que conheceram Lewis há mais tempo que eu. Nessa época tão liberal é quase sempre muito difícil fazer com que as pessoas acreditem que não estarão se desvalorizando por buscarem conselhos junto aos seus superiores, e tenho a clara sensação de ter crescido bastante por conta da ajuda e da bondade que me foram dadas por Owen Barfield e também por outras pessoas, no que diz respeito à edição destas histórias.

WALTER HOOPER, OXFORD

A Torre Negra

— É claro — disse Orfeu —, o tipo de viagem no tempo sobre o qual você leu nos livros, a viagem no tempo no corpo, é absolutamente impossível.

Éramos quatro no escritório de Orfeu. Scudamour, o mais jovem da turma, estava presente porque era assistente de Orfeu. MacPhee havia sido chamado a Manchester porque era conhecido por todos nós como um cético inveterado e Orfeu pensou que, se pudesse convencê-lo, o mundo instruído em geral não teria nenhuma desculpa para não crer. Ransom, o homem pálido com uma sombra verde sobre seus olhos cinzentos, com ar angustiado, estava ali pela razão contrária — porque ele havia sido o herói, ou a vítima, de uma das mais estranhas aventuras que jamais aconteceram a um homem mortal. Com exceção de MacPhee, poderíamos ser vistos como uma sociedade secreta: o tipo de sociedade cujos segredos não necessitam de nenhuma senha, juramento ou encobrimento, porque eles se mantêm naturalmente. O equívoco e a descrença inconquistáveis os defendem do público, ou, dito de outra forma, protege o povo deles. Muito trabalho dessa natureza nasce de meras suposições, e os mais importantes acontecimentos de todas as épocas nunca chegam aos livros de História. Todos nós três sabíamos — e, no caso de Ransom, ele havia de fato passado por uma experiência — quão tênue é a linha que separa a “vida real” da fantástica.

— Totalmente impossível? Por quê? — perguntou Ramson.

— Aposto que você vê — disse Orfeu, dando uma olhadinha para MacPhee.

— Continue, continue — disse Scot, com ar de quem se recusa a interromper a brincadeira dos filhos. Todos concordamos com ele.

— Bem — disse Orfeu —, a viagem no tempo claramente significa ir para o futuro ou para o passado. Agora, onde estarão as partículas que compõem seu

corpo daqui a quinhentos anos? Estarão em toda parte, algumas na terra, algumas em plantas e animais e outras nos corpos de seus descendentes, se vocês vierem a ter descendentes. Assim, ir para o ano 3000 d.C. significa ir para um tempo no qual seu corpo não existe e isso quer dizer, de acordo com uma das hipóteses, que você vai se tornar nada e, de acordo com outra, que vai se transformar em um espírito desencarnado.

— Um momento — disse eu, de uma maneira um tanto quanto tola —, não é preciso encontrar um corpo esperando por você no ano 3000. Você pode levar o seu corpo atual com você.

— Mas você não percebe que isso é justamente o que você não pode fazer? — perguntou Orfeu. — Toda matéria que compõe o seu corpo neste momento estará sendo usada para propósitos diferentes em 3000.

Eu me calei, boquiaberto.

— Olhe aqui — ele disse —, você é capaz de me assegurar que o mesmo pedaço de matéria não pode estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. Muito bem. Agora, suponha que as partículas que neste momento presente compõem a ponta do seu nariz no ano 3000 sejam parte de uma cadeira. Se você pudesse viajar para o ano 3000 e, como sugere, levar seu corpo presente com você, isso significaria que em algum momento em 3000 as mesmas partículas estariam em seu nariz e na cadeira, o que é absurdo.

— Mas, de todo modo, as partículas em meu nariz não estão mudando o tempo todo? — perguntei.

— É verdade, é verdade — disse Orfeu. — Mas isso não ajuda. Em 3000, você somente terá *algumas* partículas para compor um nariz se, àquela altura, você tiver um corpo. E todas as partículas do universo em 3000 já estarão empregadas de outras maneiras, fazendo seu próprio trabalho.

— Em outras palavras, senhor — disse-me Scudamour —, não há nenhuma

partícula de sobra a ser recebida pelo universo em determinado momento. É como tentar retornar à faculdade depois que você a deixou: todas as salas estão ocupadas, como estavam em seu tempo, mas por pessoas diferentes.

— Sempre supondo — disse MacPhee — que não haja nenhum acréscimo à matéria contínua total do universo.

— Não — disse Orfeu —, apenas supondo que não seja feito nenhum acréscimo notável de matéria nova a este planeta, da maneira complicada e no ritmo acelerado que seriam necessários de acordo com a hipótese de Lewis. Suponho que você concorde com o que estou dizendo.

— Certamente, certamente — disse MacPhee bem devagar e forçando seu “R”. — Nunca pensei que houvesse algum tipo de viagem no tempo, exceto o tipo de viagem que já estamos fazendo, quero dizer, viagem no futuro à velocidade de sessenta minutos por hora, quer você goste disso, quer não. Interessaria-me mais se você pudesse encontrar uma maneira de *deter* o tempo.

— Ou voltar — disse Ransom, com um suspiro.

— Voltar surge em oposição à mesma dificuldade de ir adiante, senhor — disse Scudamour. — Você não poderia ter um corpo em 1500 assim como não teria em 3000.

Houve um momento de silêncio. Então MacPhee falou, com um sorriso lento.

— Bem, Dr. Orfeu — ele disse —, eu vou retornar a Manchester amanhã e contar a todos que a Universidade de Cambridge fez uma descoberta extraordinária, a saber, que um homem em 1938 não tem como chegar em 1939 em menos de um ano e que corpos mortos perdem seus narizes. E vou lhes dizer ainda que os seus argumentos me satisfizeram completamente.

A zombaria fez Orfeu se lembrar do verdadeiro propósito do nosso encontro e, depois de alguns momentos de brincadeiras e piadas, que, no entanto, foram trocadas sem grosseria entre os dois filósofos, pusemo-nos de novo a escutar.

— Bem — disse Orfeu —, o argumento que analisamos me convenceu de que qualquer “máquina do tempo”, qualquer coisa que seja capaz de levar um corpo a outro tempo, é algo intrinsecamente impossível. Se for para termos experiências relacionadas ao tempo em datas anteriores ao nosso nascimento e depois da nossa morte, esses experimentos devem ser vividos de algum modo bem diferente. Se isso tudo for possível, deve ser algo como olharmos para outro tempo, enquanto permanecemos aqui, olharmos para as estrelas através de telescópios, enquanto permanecemos aqui na Terra. O que se quer, de fato, não é um tipo de máquina voadora do tempo, mas algo que faça para o tempo o que o telescópio faz ao espaço.

— Um *cronoscópio*, na verdade — sugeriu Ransom.

— Exatamente! Obrigado pela palavra, um *cronoscópio*. Mas essa não foi a minha primeira ideia. A primeira coisa em que pensei, depois de abandonar a ideia enganadora de uma máquina do tempo, foi a possibilidade da experiência mística. Você não precisa rir, MacPhee, ao contrário, deve cultivar uma mente aberta. De um modo ou de outro, a minha mente estava aberta. Observei que nos escritos dos místicos havia um enorme corpo de evidências, vindas de todos os tipos de diferentes tempos e lugares e, na maioria das vezes, de uma forma bem independente, que mostravam que a mente humana tem o poder, sob certas condições, de elevar-se a experiência para além da sequência normal do tempo. Mas isso também se provou um caminho falso. Não quero dizer simplesmente que os exercícios preliminares pareceram extraordinariamente difíceis e, na verdade, levaram ao completo abandono da vida normal. Quero dizer que, quanto mais longe olhei para essas evidências, mais claramente vi que a experiência mística é capaz de nos levar totalmente para fora do tempo, para dentro do eterno, não de outros tempos, que era o que eu queria, agora, e você está achando graça do quê, Ransom?

— Desculpe-me — disse Ransom. — Mas é engraçado, sabe. A ideia de um homem pensando que poderia tornar-se um santo, como se isso fosse um mero

detalhe em seu treinamento científico. Seria o mesmo que imaginar a possibilidade de usar as escadas do céu como um atalho até o negociante de fumo mais próximo. Você não vê que muito antes de alcançar o nível da experiência eterna seria preciso interessar-se por algo mais, ou, francamente, por Algum Outro, que não estivesse se incomodando com a viagem no tempo?

— Hum... Bem, talvez — disse Orfeu. — Não havia pensado nisso sob essa ótica. Bem, de todo modo, pelas razões que já mencionei, decidi que o misticismo era algo inútil para o meu propósito. Foi somente então que me ocorreu que o verdadeiro segredo estava muito mais próximo de casa. Você conhece as enormes dificuldades que encontramos ao tentar dar qualquer explicação filosófica para a memória? E talvez tenha ouvido que, na área da metafísica, há muita coisa a ser dita sobre a teoria de que a memória seja a percepção direta do passado. Cheguei à conclusão de que esta teoria estava certa: que quando nos lembramos, não estamos simplesmente resgatando o resultado de algo que acontece dentro de nossas cabeças. Estamos experimentando diretamente o passado.

— Nesse caso — disse MacPhee —, é muito extraordinário que nos lembremos somente daquelas partes do passado que se encaixam em nossas vidas e têm afetado nossos corpos físicos (ele, na verdade, falou “organismo”).

— Seria mesmo extraordinário — respondeu Orfeu — se fosse verdadeiro. Mas não é. Se lesse com a mente aberta a história das duas senhoras inglesas em Trianon, MacPhee saberia que há registrado no mínimo um exemplo indiscutível no qual os sujeitos viram uma cena inteira de uma parte do passado em um tempo muito distante das datas de seu nascimento. E, se tivesse seguido esse conselho, teria descoberto a verdadeira explicação de todas as histórias chamadas fantasmagóricas que as pessoas como você têm que explicar. E, a essa altura, talvez lhe ocorresse que há uma grande quantidade de informações em seu painel mental sobre, digamos, Napoleão ou Péricles, informações que você não consegue resgatar

lendo em nenhum livro e talvez descobrisse que concorda, da maneira mais estranha, com as coisas que as outras pessoas pensam sobre eles. Mas não vou continuar falando isso. Você mesmo pode verificar em minhas anotações, depois do jantar. Eu, de qualquer forma, estou perfeitamente satisfeito com o fato de que a nossa experiência com o passado, com aquilo que você chama de “memória”, não está limitada à nossa própria vida.

— Ao menos você vai ter que admitir — eu disse — que lembramos das nossas vidas muito mais frequentemente que de qualquer outra coisa.

— Não, não admito nem mesmo isso. Temos a impressão de que isso acontece, e posso explicar por que temos essa impressão.

— Por quê? — perguntou Ransom.

— Porque os fragmentos das nossas vidas são os únicos fragmentos do passado que reconhecemos. Quando você resgata um painel mental de um garotinho chamado Ransom, em uma escola pública inglesa, você imediatamente o rotula de “memória” porque sabe que aquele garotinho é o Ransom e sabe que ele frequentou uma escola pública inglesa. Quando você tem um retrato de algo que aconteceu muito antes do seu nascimento, você chama a isso de imaginação e, de fato, a maioria de nós, no presente, não tem nenhum teste por meio do qual possa fazer distinção entre fragmentos reais do passado e ficções mentais. Foi por conta de um pouco de sorte que as senhoras de Trianon conseguiram encontrar mecanismos de controle objetivos, que demonstraram que o que elas haviam visto era parte do passado real. Cem casos do mesmo tipo poderiam ocorrer sem esses controles (na verdade, eles ocorrem), e os sujeitos meramente chegarem à conclusão de que estavam sonhando ou que tiveram uma alucinação. E então, naturalmente, eles se calam sobre esse assunto.

— E o futuro? — perguntou MacPhee. — Você não vai dizer que também “lembramos” dele?

— Acho que não poderíamos dizer exatamente que lembramos — disse Orfeu —, pois a memória significa a percepção do passado. Mas é perfeitamente certo que vemos o futuro. O livro de Dunne provou isso...

MacPhee urrou, como urra um homem quando está com dor.

— Está tudo muito bem, MacPhee — continuou Orfeu —, mas a única coisa que lhe permite zombar de Dunne é o fato de que você tem se recusado a fazer os experimentos que o livro sugere. Se você os levasse a cabo, teria os mesmos resultados já obtidos, os mesmos resultados que obtive e que todos os que se deram ao trabalho de fazê-los obtiveram. Você pode dizer o que quiser sobre isso, mas isso tudo já está provado. E é tão certo como qualquer outra verdade científica, qualquer que seja ela.

— Mas, olhe aqui, Orfeu — eu disse —, deve haver algum sentido no qual *não* somos capazes de enxergar o futuro. Quero dizer... bem, afinal de contas, quem é que vai vencer a regata este ano?

— Cambridge — disse Orfeu (eu era o único representante de Oxford presente). — Mas, falando sério, não estou dizendo que você seja capaz de ver todo o futuro, nem que possa apanhar aquelas partes de futuro que bem quiser. Você não pode fazer isso com o presente, não sabe quanto dinheiro tenho em meu bolso no momento, ou como seu rosto aparenta estar, ou até mesmo, onde estão seus fósforos (ele me entregou sua caixa). Tudo o que quero dizer é que as coisas inumeráveis que se passam em sua mente neste exato momento, conquanto algumas sejam mera imaginação, são algumas percepções verdadeiras do passado e outras são percepções verdadeiras do futuro. Você não reconhece a maioria das passadas e, é claro, não reconhece nenhuma do futuro.

— Mas deveríamos reconhecê-las no momento em que chegam, ou seja, quando se tornam o presente — disse MacPhee.

— Bem... — disse MacPhee.

— Como assim? — perguntou Ransom.

— Bem — disse MacPhee —, na semana passada, se eu tivesse tido um painel mental desta sala e de todos vocês, companheiros, sentados aqui, garanto-lhe que, na ocasião, eu não a teria reconhecido como uma imagem do futuro. Mas agora que estou realmente aqui, posso me lembrar de que previ esta cena na semana passada. E isso nunca acontece.

— Acontece — disse Orfeu. — E isso explica o sentimento que temos frequentemente de que algo que estamos experimentando agora já aconteceu antes. Na verdade, isso ocorre com tanta frequência que tem se tornado a base da religião de metade do mundo, quero dizer, a crença na reencarnação e de todas as teorias do Eterno Retorno, como a de Nietzsche.

— Nunca acontece comigo — disse MacPhee de uma forma bastante incisiva.

— Talvez não — disse Orfeu —, mas acontece com milhares de pessoas. E há uma razão para nós quase não percebermos isso. Se há uma coisa que Dunne provou por completo é que existe alguma lei na mente que verdadeiramente nos impede de perceber isso. O livro nos dá uma série de exemplos de um evento na vida real que lembra um episódio que tivemos em sonho. E o engraçado é que, se o evento real acontece primeiro, somos capazes de imediatamente identificar a semelhança, mas se o sonho acontece primeiro, nós simplesmente o ignoramos até que ele nos seja mostrado.

— Essa — disse MacPhee com desdém — é uma lei extraordinária.

— Tente seus exemplos — disse Orfeu. — Eles são irresistíveis.

— Obviamente — disse Ransom —, deve haver tal lei se formos ter a experiência de viver no tempo. Ou é, antes, o contrário. O fato de ter mentes que trabalham assim é o que nos insere no tempo.

— Exatamente — disse Orfeu. — Bem, se concordarmos que a mente é intrinsecamente capaz de diretamente perceber o passado e o futuro, embora ela

suprima e limite muito o seu poder por ser uma mente humana e viver em um determinado tempo, qual é o próximo passo? Sabemos que todas as percepções da mente são exercitadas por meio do corpo. E temos descoberto como estendê-las por meio de instrumentos, como estendemos nossa visão por meio do telescópio ou, em outro sentido, por meio da câmera. Tais instrumentos são na verdade *órgãos* artificiais, copiados dos órgãos naturais: as lentes são uma cópia do olho. Para fazer um instrumento semelhante para nossas percepções temporais, devemos encontrar o órgão temporal e copiá-lo. Agora afirmo ter isolado o que chamo de substância Z no cérebro humano. Pelo lado puramente fisiológico, meus resultados foram publicados.

MacPhee concordou, acenando com a cabeça.

— Mas o que ainda não foi publicado — continuou Orfeu — é a prova de que a substância Z é o órgão da memória e da previsão. E, começando a partir disso, tenho podido construir meu cronoscópio.

Ele se virou e indicou um objeto que havia, é claro, chamado nossa atenção desde quando entramos na sala. Sua característica mais perceptível era um lençol branco de aproximadamente um metro quadrado esticado sobre uma moldura de canas, como que para uma apresentação de lanterna mágica. Sobre uma mesa imediatamente anterior a ela havia uma bateria com uma lâmpada elétrica. Acima da lâmpada e entre ela e o lençol havia um pequeno maço ou rolo de um material transparente, arrumado de acordo com um padrão complicado de dobras e bobinas, remanescente em particular das formas que assume uma porção de tabaco imóvel no ar. Ele nos levou a compreender que aquele seria o cronoscópio apropriado, aproximadamente do tamanho do punho cerrado de um homem.

— Então acendo a luz — disse Orfeu, e a lâmpada começou a brilhar palidamente à luz do dia ao redor. Mas ele imediatamente a desligou e continuou. — Os raios passam pelo cronoscópio sobre o refletor e a nossa imagem do outro

tempo aparece sobre o lençol.

Houve uma pausa de alguns segundos e então MacPhee disse:

— Por favor, homem. Você não vai nos mostrar nenhuma imagem?

Orfeu ficou hesitante, mas Scudamour, que havia se levantado, veio em nosso auxílio.

— Acho que poderíamos imediatamente mostrar algo a eles — ele sugeriu —, desde que os advertíssemos a não se decepçionarem. Você sabe — acrescentou, voltando-se para nós —, o problema é que no tempo diferente que conseguimos golpear os dias e as noites não estão sincronizados com os nossos dias e noites. Agora são seis horas aqui. Mas lá, ou seja lá o que quer que queira chamá-lo, é uma da manhã, de modo que você mal conseguirá enxergar alguma coisa. É uma grande perturbação para nós porque significa que toda a nossa observação prática tem de ser feita à noite.

Acho que todos nós, mesmo MacPhee, ficamos um pouco empolgados àquela altura e conclamamos Orfeu a continuar com sua demonstração.

— Vocês irão escurecer a sala ou não? — ele perguntou. — Se não, verão menos ainda. Se escurecerem-na, é claro, qualquer um poderá dizer depois que Scudamour e eu armamos alguns truques.

Houve um silêncio constrangedor.

— Você vai compreender, Orfeu — disse MacPhee —, que não há atribuição pessoal...

— Tudo bem, tudo bem — disse Orfeu, com um sorriso. — Ransom, você não vai conseguir ver nada aí, é melhor vir para o sofá. Agora, todos vocês tiveram uma visão clara da tela?

Com exceção de um zunido quase imperceptível, houve silêncio completo na sala por alguns momentos, de modo que os ruídos de fora se tornaram perceptíveis, e a memória daquele primeiro vislumbre através do cronoscópio está para sempre associada em minha mente ao rugido distante do tráfego de além-rio e à voz de um vendedor de jornal, muito mais próximo, anunciando o jornal do fim de tarde. É estranho que não estivéssemos mais decepcionados, pois o que aparecia na tela não era impressionante. Estava tudo um pouco escurecido no centro e, acima da escuridão, vinha a débil sugestão de algum objeto redondo levemente mais iluminado que a brancura luminosa e envolvente do lençol. Isso era tudo, mas penso que foram necessários aproximadamente dez minutos para que cansássemos dessa visão. MacPhee então cedeu.

— Você não pode escurecer sua sala, Orfeu — ele resmungou.

Scudamour levantou-se imediatamente. Ouvimos as argolas das cortinas correndo nas varas. As cortinas eram pesadas e apertadas e então a sala desapareceu e ficamos invisíveis uns para os outros. A única luz era agora a que fluía da tela.

O leitor precisa entender de imediato que não era a mesma coisa que olhar para uma tela de cinema. Era muito mais real que isso. Uma janela parecia estar aberta diante de nós, através da qual víamos a lua cheia e algumas estrelas. Mais abaixo, a massa do mesmo grande edifício. Havia uma torre quadrada no edifício, e de um lado dela a luz da lua brilhava. Acho que percebemos a forma encapelada das árvores e então uma nuvem passou pela lua e, por alguns momentos, ficamos em absoluta escuridão. Ninguém falava. A nuvem passou, conduzida por um vento noturno, e a lua voltou a brilhar de forma tão intensa que alguns dos objetos na

sala tornaram-se visíveis. Foi tão real que esperei ouvir o ruído do vento nas árvores e quase imaginei que a temperatura havia caído. A voz animada e de nenhuma forma impressionada de Scudamour interrompeu o assombro que estava começando a se impor sobre mim.

— Não conseguiremos ver nada mais nas próximas horas — ele disse. — Estão todos dormindo ali.

No entanto, ninguém sugeriu que devêssemos abrir as cortinas e retornássemos à luz do dia.

— Você sabe quando é? — perguntou Ransom.

— Não temos como descobrir — respondeu Orfeu.

— Vocês vão observar — disse MacPhee — que, em termos de tempo astronômico, não pode ser muito longe. A lua é simplesmente a mesma, bem como as árvores, pelo pouco que podemos enxergar delas.

— *Onde é?* — perguntei.

— Bem, isso é muito difícil — respondeu Orfeu. — À luz do dia é como se estivesse em nossa própria latitude. E, teoricamente, o cronoscópio deveria dar-nos um tempo diferente no mesmo lugar, quero dizer o lugar onde está o observador. Mas então os dias e as noites não coincidem com os nossos.

— Eles não são mais longos, são? — perguntou MacPhee, de repente.

— Não, eles são os mesmos. São duas da manhã, aproximadamente, no tempo deles, o que significa que meio-dia para eles será quatro da manhã de amanhã para nós.

— Você sabe que estação do ano é lá?

— Início do outono.

E, ao mesmo tempo, as nuvens continuaram se movendo diante da face da lua e partindo-se para revelar o alto edifício. Não acho que qualquer revelação de algum lugar distante, nem mesmo uma espiada na paisagem dos planetas que giram em

torno de Sírius, poderia ter despertado em mim um sentido tão fantasmagórico de distância como o avanço lento e inofensivo daquela noite tempestuosa, passando sem sabermos quando.

— Ela está no futuro ou no passado? — perguntei.

— Não está em nenhum período conhecido pela arqueologia — disse Orfeu.

Novamente estávamos em silêncio e observávamos.

— Vocês têm algum controle sobre a sua direção, quero dizer, sua direção no espaço? — perguntou MacPhee.

— Acho que seria melhor você responder, Scudamour — disse Orfeu. — Você realmente tem hoje muito mais prática com isso do que eu.

— Bem — disse Scudamour —, não é muito fácil de explicar. Se você tentar virar a tela como que para tentar vislumbrar mais um pouco da paisagem, digamos, à esquerda da Torre Negra...

— A Torre o quê? — perguntou Ransom.

— Ah... Orfeu e eu chamamos esse grande edifício de Torre Negra... por causa do escuro, sabe. Você entende, ele e eu temos tido que conversar bastante sobre essas coisas e é conveniente dar nomes a elas. Bem, se você tentasse ver o que existe além, à esquerda, ao virar a coisa completamente, não conseguiria. A imagem simplesmente escorrega da tela e não é possível enxergar nada. Por outro lado, a visão muda de vez em quando, seguindo o que Orfeu e eu chamamos de “linhas de interesse”. Quer dizer, ela pode seguir uma simples pessoa pelas escadas e até a Torre Negra... ou um barco ao longo de um rio. Uma vez seguiu um temporal por quilômetros.

— Ela segue o interesse *de quem*? — perguntou MacPhee, mas ninguém respondeu porque Ransom, no mesmo instante, disse:

— Você menciona pessoa. Que tipo de pessoas elas são?

— Não, não — disse MacPhee. — Não deixe que eles comecem a descrever.

Queremos que nossas observações sejam perfeitamente independentes.

— Absolutamente correto — disse Orfeu.

— Você diz que ela segue um homem para dentro da Torre Negra — disse eu. — Você quer dizer que ela o segue até que ele desapareça dentro da Torre?

— Não — disse Scudamour. — Ela vê através de paredes e coisas. Sei que isso soa muito assustador, mas você precisa se lembrar que estamos falando de memória e de previsão externa ou artificial, como as lentes, que são como um olho externo. Ela se comporta justamente como a memória, movendo-se de lugar a lugar e, às vezes, saltando, em obediência às leis que ainda não conhecemos.

— Mas tudo, de certa forma, no mesmo lugar — acrescentou Orfeu. — Normalmente não chegamos a mais que dezesseis quilômetros de distância da Torre Negra.

— Isso não é uma memória muito boa — disse eu.

— É verdade, não é? — perguntou Orfeu, e o silêncio se impôs sobre nós. O vento parecia estar soprando uma tempestade na terra para a qual estávamos olhando. As nuvens seguiram umas às outras em uma sucessão cada vez mais rápida e constante diante da face da lua, e, à direita da imagem, o balanço das árvores tornou-se bastante nítido. Finalmente, bordas pesadas de nuvens surgiram, com todo o cenário desaparecendo em um cinza escuro monocromático. E Scudamour apagou a luz e abriu as cortinas. Nós piscamos apressadamente diante da luz repentina do dia e houve uma mudança geral de posições e movimentos de recuperação de fôlego, como entre homens que precisassem retomar a sua atenção.

— Quinze para as sete — disse Orfeu. — Melhor pensarmos em nos preparar para o jantar. Todos, exceto o velho Knellie, estão ausentes, de forma que vamos precisar partir muito em breve.

Durante toda a nossa estada na faculdade com Orfeu, a companhia do seu colega

idoso Knellie — Cyril Knellie, o agora quase esquecido autor de *Erotici Graeci Minimi*, *Table-talk of a Famous Florentine Courtesan* (Conversa à mesa de uma famosa cortesã florentina) e *Lesbos: A Mask* (Lesbos: uma máscara) — foi uma grande experiência para nós. Não seria justo falar dele em uma história sobre Cambridge sem dizer também que havia sido Oxford quem o tinha produzido e de fato o educado até os seus quarenta anos. Ele era agora um homem retraído e pálido, com um bigode branco e uma pele de seda que se havia enrugado bastante, muito bem vestido, com bons modos para comer, um pouco exótico no gestual e muito ansioso para ser considerado um homem comum. Ele era de um tipo carinhoso e enfadonho, e fui escolhido para ser a sua vítima. Valendo-se do peso de ter frequentado a minha antiga faculdade em algum momento durante os anos 90, ele se dirigia a mim como Lu-Lu, um apelido que eu particularmente detestava. Quando o jantar terminou e Orfeu estava começando a desculpar-se com o velho homem por retirar-nos de sua companhia, por conta do trabalho urgente, ele levantou seu dedo indicador de um modo peculiar, como se tivesse acabado de aprender o novo truque.

— Não, Orfeu — disse ele. — Não. Prometi ao pobre Lu-Lu um pouco do verdadeiro vinho e não vou permitir que você o leve agora.

— Ah, não se incomode comigo — eu disse, apressadamente.

[Aqui a página II do manuscrito — por volta de 475 palavras — se perdeu.]

qualquer palavra minha poderia descrever.

Bêbados de cansaço e talvez um pouco bêbados também por causa do vinho, Ransom e eu fomos ficar um pouco ao ar livre. O escritório de Orfeu ficava mais afastado do pátio. A luz das estrelas e o doce frescor do verão acalmaram nosso humor. Percebemos de novo que atrás de certas janelas, a menos de cinquenta metros dali, a humanidade estava abrindo uma porta que estivera selada desde o

princípio e que uma série de consequências incalculáveis, para bem e para mal, estava a caminho.

— O que você pensa de tudo isso? — perguntei.

— Não gosto — disse Ransom. Após uma breve pausa, ele acrescentou: — Mas posso lhe dizer uma coisa. Eu já vi aquele edifício, que Scudamour chama de Torre Negra, antes.

— Você não acredita em reencarnação?

— Claro que não. Sou cristão.

Pensei por um minuto.

— Se está no passado — eu disse —, então, conforme a teoria de Orfeu, não há nenhuma razão para que tantas pessoas não devessem “se lembrar” da Torre Negra.

Nesse exato momento nós havíamos alcançado a escadaria de Orfeu.

Acho que a nossa experiência no momento em que entramos na sala foi muito parecida com a de entrar em um cinema. Era a mesma escuridão geral, a tela iluminada e o tatear em busca de assentos desocupados. Mas havia sido diferente de um cinema por causa do silêncio fantasmagórico dentro do qual a “imagem” ia se formando. Tudo isso, no entanto, só posso conjecturar à luz de experiências posteriores com o cronoscópio. Não lembro nada a respeito da nossa entrada nessa noite particular. O que aconteceu depois apagou tudo da minha lembrança, pois o destino escolheu essa noite para nos encurralar brutalmente em um canto, sem dó nem piedade, colocando-nos dentro de algo tão chocante que, se eu não tivesse a disciplina de sempre registrar essa experiência em minha mente, ela estaria agora, talvez, completamente distante de minha consciência.

Vou contar o que vimos na sequência mais clara, não na ordem em que a minha atenção foi capaz, na verdade, de absorver tudo o que aconteceu. A princípio, não tinha olhos senão para o Homem, mas, neste momento, vou falar primeiro da sala

na qual ele se sentou.

Estávamos olhando para uma câmara de pedra acinzentada e marrom que parecia estar iluminada pela luz da manhã a partir de janelas que não estavam em nosso campo de visão. A sala tinha aproximadamente a largura da tela, de modo que podíamos ver as paredes de cada um dos lados, bem como a parede diante de nós, e cada uma dessas três paredes estava coberta até o chão com decorações em baixo relevo. Não havia muita superfície plana na qual fosse possível apoiar a ponta de um canivete. Penso que foi esse excesso de ornamentos a principal causa para o efeito ilusionista do lugar, pois não me recordo de nada especialmente grotesco ou obsceno em qualquer das figuras, vistas individualmente. Mas nenhuma figura poderia ser vista individualmente. Até era possível identificar um elemento floral, mas as flores individuais repetiam-se até confundir a mente do observador. Acima desses elementos, parecia haver uma obra artística representando uma batalha, e os soldados eram tão numerosos quanto os do exército real e, acima disso, uma frota cujas velas não podiam ser contadas, navegando sobre um mar no qual onda se erguia por trás de onda para sempre e cada uma delas era feita com o mesmo detalhe cruel, até onde, por fim, um bando de escaravelhos parecia estar marchando rumo à costa, cada um dos escaravelhos distinto dos outros, as articulações em seu exército organizadas com uma precisão de entomólogo. O que quer que fosse visto por um era visto também pelo outro, e ainda mais, à esquerda e à direita, em cima e embaixo, todos igualmente laboriosos, repetitivos, microscópicos e todos igualmente tão exigentes por atenção que seria impossível satisfazê-los e, mesmo assim, era difícil negar-lhes. Como consequência, o lugar inteiro parecia estar explodindo, não posso dizer que com vida (a palavra é muito doce), mas com algum tipo obscuro de fertilidade. Era um lugar extraordinariamente inquietante.

A aproximadamente um metro e meio adiante, um elevado cruzava a sala, de

modo que sua parte posterior formava um tipo de tablado e, nas paredes laterais, ao fim de cada tablado havia duas portas. Uma metade desse tablado — a que ficava à nossa esquerda — era protegida por um tipo de meia-parede ou balaustrada, que se erguia por um metro e vinte a partir da superfície do tablado e um metro e meio a partir da parte inferior e mais próxima do chão. Ela saía para o meio da sala e então parava, deixando o resto do tablado visível. A cadeira na qual o Homem se assentava estava colocada no chão inferior, em frente à balaustrada. Ele estava, portanto, invisível a qualquer um que entrasse na sala ao longo do tablado a partir da porta à esquerda.

Em frente à parede à direita, bem adiante e no lado oposto ao do Homem, havia uma coluna arredondada, adornada por um ídolo curioso. A princípio, eu mal podia discernir do que se tratava, mas eu o conheço bem o suficiente agora. É uma imagem na qual um número de pequenos corpos humanos culmina em uma única e grande cabeça. Os corpos estão nus, alguns masculinos e outros femininos. Eles são muito asquerosos. Não acho que sejam deliberadamente libertinos, a menos que o paladar do Outrotempo em tais questões difira extraordinariamente do nosso. Eles antes parecem expressar uma visão brutalmente satírica, como se o escultor odiasse e desprezasse o que estava fazendo. De qualquer modo, por qualquer que seja a razão, formas murchas ou infladas predominam, e há um tratamento livre de anatomia mórbida e de características sexuais senis.

Então, no topo, há uma cabeça enorme — a cabeça conjunta de todas aquelas figuras. Após discussão direta com meus colegas, decidi não tentar uma descrição do rosto. Se ele não fosse reconhecível (e é difícil comunicar o efeito de um rosto em palavras), seria inútil; por outro lado, se muitos leitores, especialmente os do tipo menos equilibrado, reconhecessem o rosto, os resultados poderiam ser desastrosos, pois a essa altura devo fazer uma certa declaração, embora o leitor não consiga entendê-la até que tenha lido este livro até mais adiante. É isso: aquele

ídolo multicorporal ainda está lá naquela sala. A palavra “ainda” é de certa forma inadequada, porque pode não traduzir o sentido exato do que quero transmitir, mas não posso evitar usá-la. O argumento que quero estabelecer é o de que as coisas que estou descrevendo não estão encerradas.

Acredito ser necessário fazer toda essa descrição da sala. MacPhee, que está ao meu lado enquanto escrevo, diz que eu a estou prolongando simplesmente com o intuito de postergar o momento de descrever o Homem. E ele talvez esteja certo. Admito espontaneamente que a memória com base na qual escrevo é extremamente desagradável e luta da maneira mais obstinada para não ser expressa em palavras.

Embora, na aparência geral do Homem não houvesse nada que chocasse alguém. O pior que se poderia dizer do rosto dele é que ele era, de acordo com nossos padrões, singularmente sem atrativos. A cor de sua pele era amarela, porém não mais que a de muitos asiáticos, e ele tinha lábios ao mesmo tempo grossos e retos, como os de um rei assírio entalhado. O rosto era parte de uma massa formada por cabelos e barba negros. Mas a palavra “negro” é inadequada. As massas pesadas e em estado rígido — novamente reminiscentes do entalhe — não poderiam ser alcançadas em nossa raça sem o uso de óleo e os cabelos tão negros seriam, entre nós, lustrosos. Mas esses cabelos não mostravam nem lustre natural nem o brilho do óleo. Eles eram de um negro morto, como a escuridão em um carvoeiro, uma mera negação da cor, e assim também o eram os mantos pesados nos quais o Homem estava envolto até os pés.

Ele sentou-se em perfeito silêncio. Após vê-lo, acho que nunca serei novamente capaz de descrever ninguém em nosso tempo como “em perfeito silêncio”. Sua quietude não era como a de um homem adormecido, nem como a de um modelo de um artista: ela era a quietude de um cadáver. E, por incrível que pareça, tinha o curioso efeito de fazer pensar que deve ter começado repentinamente — como se

algo tivesse descido como a lâmina de uma guilhotina e cortado toda a história do Homem em um instante. No entanto, pelo que se seguiu, deveríamos ter pensado que ele estava morto ou que era um objeto de cera. Seus olhos estavam abertos, mas o rosto não tinha qualquer expressão ou nenhuma que pudéssemos interpretar.

MacPhee diz que estou de novo fazendo minha descrição sem necessidade; rodeando e rodeando, enquanto a coisa mais importante sobre o Homem permanece não sendo descrita. E ele está certo. O absurdo anatômico — a coisa incrível —, como posso descrever a sangue frio? Talvez você, leitor, venha a rir. Nós não, nem à época, nem hoje, em nossos sonhos.

O Homem tinha um ferrão.

Estava em sua testa, como o chifre de um unicórnio. O couro da testa estava dobrado e enrugado no meio, abaixo do cabelo, e ali estava grudado o ferrão. Ele não era muito grande. Era largo na base e ficava rapidamente estreito na ponta, de modo que sua forma total era mais como de um espinho no cabo de uma rosa, ou de uma pequena pirâmide. Ele era duro e áspero, mas não como osso. Era vermelho, como a maioria das coisas em um homem, e aparentemente lubrificado por algum tipo de saliva. É como MacPhee me diz que devo descrevê-lo. Mas nenhum de nós teria sonhado em dizer “lubrificado” ou “salivação” àquela altura: todos pensamos o que Ransom pensou — e disse:

— Pingando com veneno. O animal... o animal imundo, imundo.

— Ele voltou a aparecer? — perguntei a Orfeu.

— Repetidas vezes — ele respondeu em voz baixa.

— Onde está?

— Dentro da Torre Negra.

— Silêncio! — disse MacPhee, de repente.

A menos que você se sentasse conosco na sala escura e visse o Homem com o

Ferrão, mal poderia imaginar com que alívio, com que deslocamentos em nossas cadeiras e respirações soltas, vimos que a porta à esquerda do Outrotempo se abria e que um jovem havia entrado no tablado. Nem você será capaz de entender como amamos aquele jovem. Mais que um de nós confessou posteriormente que havíamos tido um impulso irracional de adverti-lo do horror assentado em silêncio na cadeira — de gritarmos como se nossas vozes o alcançassem em qualquer que fosse o século desconhecido que se pusesse entre nós e a Torre Negra.

O jovem estava oculto da cintura para baixo pela balaustrada e o que podia ser visto dele estava nu. Ele era um rapaz de belos músculos, bronzeado e que caminhava lentamente, com o olhar ereto. Não tinha cara de muito inteligente, mas tinha uma expressão aberta e agradável, sossegada, aparentemente por algo como o temor religioso. É assim que ele me aparece, pelo menos quando tento analisar minha memória: naquele momento ele me pareceu um anjo.

— Qual é o problema? — perguntou MacPhee a Orfeu, que havia se levantado repentinamente.

— Já vi isso antes — respondeu de forma curta. — Vou sair para tomar um pouco de ar fresco.

— Acho que vou com você — disse Scudamour, e ambos deixaram a sala. Não entendemos, àquela altura, esse gesto.

Enquanto essas palavras estavam sendo ditas, o jovem já havia chegado até a parte aberta do tablado e descido ao nível inferior dele. Nós agora vimos que ele estava descalço e vestido apenas com um tipo de saia tradicional escocesa. Ele estava obviamente engajado em algum ato ritualístico. Sem em momento algum olhar para suas próprias costas, deu três passos para trás. Isso o colocou em uma posição na qual suas panturrilhas quase tocaram os joelhos do Homem com o Ferrão, assentado ainda em silêncio, como sempre, com sua expressão imutável; na verdade, nenhum deles deu qualquer sinal de que estivesse ciente da presença um

do outro. Vimos os lábios do jovem se movendo como se estivessem repetindo uma oração.

Então, com um movimento muito rápido (como de uma libélula), que contrastava com a sua imobilidade anterior, que havia sido tão silenciosa para a humanidade, o Homem do Ferrão moveu suas mãos e agarrou o outro pelos cotovelos e ao mesmo tempo abaixou a sua cabeça. Suponho que era o ferrão que havia feito com que esse movimento parecesse grotescamente animal; a criatura estava obviamente impedindo que sua cabeça afundasse em pensamentos, como acontecia com os homens; ela a estava colocando em posição como a de um bode que tem a intenção de golpear alguém.

Uma convulsão assustadora havia passado pelo corpo da vítima quando se sentiu agarrado pela primeira vez, e, à medida que a ponta do ferrão penetrava suas costas, nós o vimos retorcer-se em tortura e o suor brilhava sobre sua face repentinamente embranquecida. O Homem o havia picado aparentemente na espinha, pressionando-a com a ponta afiada do ferrão, nem depressa, nem devagar, mas com exatidão cirúrgica. Os esforços de sua vítima não duraram muito tempo; seus membros relaxaram e ela ficou mole sob a contenção do predador. Pensei que tivesse sido mortalmente picado. Mas, pouco a pouco, enquanto olhávamos para o rapaz, ele voltou à vida — mas a uma vida diferente. O jovem estava novamente em pé em suas próprias pernas, não estava mais suspenso, a sua postura era rígida. Seus olhos tinham uma expressão de espanto e seu rosto carregava um riso fixo. O Homem do Ferrão o liberou. Sem olhar para trás, ele saltou de volta sobre o tablado. Aprumando-se com movimentos impetuosos e agitados, erguendo seus pés alto desnecessariamente e balançando seus braços como se no ritmo de uma marcha barulhenta, arrogante e abominável, ele continuou sua caminhada ao longo do tablado e finalmente deixou a sala pela porta à nossa direita.

Quase que no mesmo instante a porta à esquerda se abriu e outro jovem entrou.

A fim de evitar contar repetidas vezes o que eu espero, quando esse livro terminar, apagar para sempre da minha memória, posso também dizer aqui e agora que vi esse processo repetir-se por volta de duzentas vezes durante nossos experimentos com o cronoscópio. O efeito sobre as vítimas era sempre o mesmo. Elas entravam na sala como homens, ou (mais raramente) mulheres, e deixavam-na como robôs. Como recompensa — se é que é possível chamar isso de recompensa —, eles entravam nela temerosos e deixavam-na todos com o mesmo passo de relógio orgulhoso. O Homem do Ferrão não demonstrava nem crueldade, nem piedade. Posicionava-se silencioso, agarrava, picava e se assentava novamente em silêncio, com a precisão desapaixorada de um inseto ou de uma máquina.

Nessa sessão nós vimos somente quatro homens envenenados: depois disso, vimos outra coisa que, lamento, precisa ser dita. Depois de aproximadamente vinte minutos após seu último paciente deixar a sala, o Homem do Ferrão levantou-se de sua cadeira e foi adiante — em direção ao que não pudemos deixar de ver por estar na frente do palco. Nós agora o vimos, seu rosto por inteiro, pela primeira vez e lá estava ele, nos encarando.

— Grande escocês — disse Ransom de repente. — Ele nos vê?

— Não pode ser, não pode ser — disse MacPhee. — Ele deve estar olhando para a outra parte dessa sala; a parte que não podemos ver.

E, no entanto, o Homem do Ferrão movia lentamente seus olhos, exatamente como se fizesse um inventário de nós três, um por um.

— Por que diabos Orfeu não volta? — perguntei, percebendo que estava gritando. Meus nervos estavam se digladiando.

E, em silêncio, o Homem do Ferrão continuou nos olhando, ao que parecia, ou olhando para pessoas que pertenciam ao seu próprio mundo e que, por alguma

razão, ocupavam justamente os mesmos lugares em relação a ele que nós estávamos ocupando. Isso durou, eu suponho, uns dez minutos. O que aconteceu a seguir deve ser descrito breve e vagamente. Ele — ou aquilo — começou a fazer uma série de atos e gestos tão obscenos que, mesmo depois das experiências que já havíamos tido, eu mal podia acreditar no que os meus olhos estavam vendo. Mesmo ao ver um deficiente mental fazendo as mesmas coisas no fundo de um armazém nas docas de Liverpool, com um sorriso no rosto, já era possível ficar tremendo. Mas o Homem do Ferrão nos provocava um horror peculiar, com perfeita seriedade e com uma ritual solenidade, além de nos olhar o tempo todo ou de parecer olhar o tempo todo para nós sem sequer movimentar as pálpebras.

Repentinamente, a cena inteira desapareceu e vimos mais uma vez o exterior da Torre Negra, o céu azul atrás dela e as nuvens brancas.

No dia seguinte, ao nos sentarmos no jardim dos rapazes, definimos nosso programa. Estávamos sem energia por causa do sono maldormido e da moleza do fim de verão, que se abatia sobre todos nós. Abelhas circundavam as plantas, e um gatinho, que tinha se enfiado sem ser convidado entre os joelhos de Ransom, esticava suas patas em um esforço vão de alcançar ou de tocar a fumaça do cigarro dele. Elaboramos um horário de acordo com o qual deveríamos nos revezar como observadores do cronoscópio. Não vou me prender aos detalhes, pois muitos entre nós que não estavam ocupados muito frequentemente apareciam para compartilhar a ronda, ou então eram chamados para ver algum fenômeno especialmente interessante e, por conta disso, todo aquele período de duas semanas está confuso em minha mente. A faculdade estava tão vazia que Orfeu havia conseguido encontrar quartos para nós todos no mesmo andar que o dele. A coisa como um todo, com exceção das cenas sobre o cronoscópio, me vem sempre como acordar por acaso à meia-noite e tomar café da manhã ao meio-dia, comer sanduíches nas horas intermediárias, tomar banhos e fazer barba em ocasiões não rotineiras e sempre, como um pano de fundo, aquele jardim que, quer com a luz das estrelas ou com a luz do sol, quase sempre me parecia nossa única ligação com a sanidade.

— Bem — disse Orfeu, enquanto terminava de ler o horário corrigido —, está combinado. E não há mesmo nenhuma razão por que você não possa tirar alguns dias para descansar ao final da próxima semana, Scudamour.

— Sair? — perguntei.

— Não — disse Scudamour. — Minha noiva está chegando, é claro que eu poderia convencê-la a esperar até outubro.

— De jeito nenhum, homem, de jeito nenhum — disse MacPhee. — Se você

esteve observando esses demônios por todo esse período, vai querer uma mudança. Dispense-o no fim de semana, Orfeu.

Orfeu balançou a cabeça em concordância e então sorriu:

— Você não gosta deles? — ele perguntou.

— Acho que não devemos expressar nossos gostos e antipatias, confesso — disse MacPhee, e então, após uma pausa, disse: — Homem, gostaria que soubéssemos se tudo isso está no futuro ou no passado. Mas não pode ser o passado. Teria que haver algumas marcas dessa civilização. E, se está no futuro, Deus, pensar no mundo chegando a isso e que não há nada que possamos fazer para evitar...

— Não acredito — disse eu — que os arqueólogos saibam metade do que vocês sabem. É apenas por acaso, afinal, que potes e esqueletos são deixados para trás para que eles os escavem. Deve ter havido dezenas de civilizações que não deixaram nenhum rastro.

— O que você acha, Ransom? — perguntou Orfeu.

Ransom estava sentado, com seus olhos para baixo, enquanto brincava com o gatinho. Ele estava muito pálido e não olhava para cima quando respondia.

— Se você quer a verdade, lamento que as coisas para as quais olhamos ontem à noite possam estar no futuro para qualquer um de nós. —Então, percebendo que não entendemos, ele acrescentou com visível relutância: — Acho que a Torre Negra está no inferno.

A observação poderia ter passado, ao menos para alguns de nós, por excentricidade inofensiva, mas suponho que as experiências da noite anterior tinham nos deixado em uma condição levemente anormal. De minha parte, lembro-me de sentir naquele momento — que se mostrou um momento inesquecível — uma intensa ira contra Ransom, combinada com uma avalanche desordenadamente incomum de pensamentos antigos; pensamentos sem nome e

sensações que pareciam surgir de um passado remoto, quase pré-natal. Orfeu não disse nada, antes bateu seu cachimbo em sua espreguiçadeira com tanta força que o quebrou e depois jogou os pedaços bem longe, com uma praga. MacPhee deu um de seus murmúrios guturais e virou de ombros. Mesmo Scudamour olhou para o próprio nariz como se algo indecente tivesse sido feito e começou a cantarolar uma melodia. Havia um ódio violento no ar. Ransom continuou a cutucar seu gatinho.

— Prestem atenção — disse MacPhee nessa mesma hora —, não estou admitindo que essas coisas estejam no passado ou no futuro. Tudo isso pode ser uma alucinação.

— Vocês têm liberdade de fazer as investigações que quiserem — disse Orfeu, com o que parecia a mim uma rudeza desnecessária, de forma que eu disse (muito mais alto do que gostaria):

— Ninguém está falando sobre investigações. Ele disse uma alucinação, não um truque.

— Não fomos nós que primeiro insistimos em escurecer a sala, senhor — disse Scudamour a mim, de uma maneira polida, mas também fria.

— Que diabos você está sugerindo? — perguntei.

— É você quem está fazendo sugestões, senhor.

— Não estou fazendo nada desse tipo.

— Qual é o problema com vocês dois? — perguntou MacPhee. — Se parecem com um bando de crianças, hoje.

— Foi o Sr. Lewis quem primeiro usou a palavra “truque” — disse Scudamour.

MacPhee ia responder quando Ransom repentinamente observou, com um sorriso, “Lamento”. Então, silenciosamente, colocando o gatinho de lado, ele se levantou e saiu. O artifício funcionou admiravelmente. Os quatro remanescentes passaram a discutir as peculiaridades de Ransom e, em poucos minutos, estávamos mais uma vez conversando com bom humor.

Uma narrativa contínua de nossas vidas e observações a partir desse ponto até a noite em que nossas verdadeiras aventuras começaram não serviriam a nenhum propósito. Eu me contentarei em registrar duas ou três coisas que agora parecem ter importância.

Em primeiro lugar, nós nos familiarizamos com o exterior da Torre Negra à luz do dia. Descobrimos — o que a noite havia ocultado durante minha primeira visão dela — que o edifício ainda não estava terminado. Os andaimes ainda estavam armados e grupos de homens trabalhavam duro sobre eles, do nascer ao pôr do sol. Eles eram todos do mesmo tipo, como o jovem que eu tinha visto ser robotizado pelo Homem do Ferrão e, como ele, não vestiam roupa, senão uma saia escocesa curta feita de algum material vermelho. Nunca vi trabalhadores tão dispostos. Pareciam lançar-se à sua tarefa como formigas, e a rápida complexidade de seus movimentos em grupo era a característica mais notável de todo o cenário. O pano de fundo de suas atividades era o campo plano, bem cercado, em torno da Torre Negra; não havia nenhum outro edifício à vista.

Mas os trabalhadores não eram os únicos personagens na cena. De vez em quando ela era invadida pelo que parecia ser soldados ou a polícia — colunas de homens se exibindo e rindo, cujos movimentos mecânicos deixavam claro que haviam passado pela cirurgia do ferrão. Ao menos se comportavam como o jovem trabalhador tinha se comportado depois da picada, e nós inferimos que o comportamento deles tinha a mesma causa. Além das colunas marchando, havia invariavelmente alguns pequenos grupos desses “Estúpidos”, como os chamávamos, postados aqui e ali, aparentemente para supervisionar a obra. A refeição do meio-dia para os trabalhadores era trazida por um grupo de Estúpidas. Toda coluna tinha suas bandeiras e sua banda e mesmo os pequenos grupos normalmente ostentavam algum instrumento musical. Para nós, é claro, o mundo do Outrotempo inteiro estava absolutamente em silêncio: na realidade, entre as

bandas e o barulho dos trabalhadores, a refeição deve ter sido acompanhada de som. Os grupos carregavam chicotes, mas nunca os vi golpear os trabalhadores. De fato, os Estúpidos pareciam populares e a chegada de uma de suas maiores corporações era normalmente saudada com uma rápida interrupção no trabalho e com gestos que sugeriam aclamações.

Não me lembro de quantas vezes estudamos essa cena antes de começarmos a notar o homem que chamamos de “duplicata de Scudamour”. Foi MacPhee quem lhe deu esse nome. Dois homens, próximos à frente de nosso campo de visão, estavam empenhados em serrar um bloco de pedra, e acho que todos nós tínhamos ficado confusos por algum tempo com algo vagamente familiar no rosto de um deles, quando o escocês repentinamente gritou:

— É sua cópia, Scudamour. Olhe isso, homem. É a sua cópia.

A coisa uma vez declarada não deixou dúvidas. Um dos trabalhadores era mais que parecido com Scudamour: ele era Scudamour, sem tirar nem pôr, e a expressão de seu rosto enquanto olhava para fazer uma observação ao outro serrador era a que todos vimos no rosto de Scudamour dezenas de vezes naquela mesma manhã. Um ou dois de nós tentamos tratar a coisa como piada, mas penso que Scudamour ficou constrangido com isso desde o início. O que aconteceu teve, no entanto, a vantagem de tornar essas cenas dinâmicas (que frequentemente ocupavam o cronoscópio por horas) mais interessantes. Localizar a Duplicata na multidão e segui-la onde quer que fosse se tornou a nossa diversão, e, quando alguém retornava para as nossas sessões depois de uma ausência, a primeira pergunta normalmente era: “Como anda a Duplicata?”.

De vez em quando a cena mudava, como muda na imaginação. Nunca descobrimos por quê. Sem qualquer poder de resistência, repentinamente nos víamos de volta à câmara do Homem do Ferrão, e daquele lugar éramos levados para as salas em forma de barraca, onde víamos os Estúpidos comendo, ou

eventualmente a algum cubículo em forma de cela onde um trabalhador cansado dormia e novamente para fora, para as nuvens e para o topo das árvores. Frequentemente passávamos horas procurando por coisas que a repetição já havia envelhecido e éramos atormentados por vislumbres apressados do que era novo e interessante.

E, durante todo esse tempo, nenhum de nós duvidou de que estivéssemos olhando ora para o futuro distante, ora para o passado distante, embora MacPhee por vezes sentisse ser sua obrigação nos lembrar de que isso não havia sido ainda provado. E ainda nenhum de nós havia notado as coisas mais óbvias sobre as cenas para as quais olhávamos.

Por essa descoberta, estávamos em dívida com MacPhee, mas antes que isso possa ser dito, há mais uma cena a ser registrada. No que diz respeito a mim, começou comigo olhando para dentro do “observatório” — como agora chamávamos a sala de estar de Orfeu — antes que eu fosse para a cama, certo dia, às cinco da manhã. Scudamour estava trabalhando ali e perguntei-lhe, como sempre, como estava a Duplicata.

— Acho que está morrendo — disse Scudamour.

Dei uma espiada na tela e vi imediatamente o que ele queria dizer. Tudo estava muito escuro, mas através da luz de uma única vela fina pude ver que tínhamos diante de nós o interior de uma das pequenas celas na Torre Negra. Havia um pouco mais nela que uma cama baixa e uma mesa. Sobre a cama estava sentado um homem nu que abaixava a cabeça até quase tocar os joelhos, ao mesmo tempo pressionando as mãos sobre a testa. Enquanto eu olhava, ele repentinamente se esticou como alguém em quem um período de resistência teimosa havia provocado uma dor insuportável. Ele se levantou e olhou com admiração para si mesmo, seu rosto estava branco e esticado pelo sofrimento, mas eu o reconheci como a Duplicata. Ele deu duas ou três voltas pelo quarto e parou à mesa para beber

avidamente de um jarro que lá estava. E então se voltou e buscou a ponta de sua cama. Encontrou um trapo ali, molhou-o no jarro e o apertou, deixando que os pingos de água molhassem sua testa. Repetiu o processo várias vezes, mas aparentemente sem obter alívio, pois finalmente jogou longe o trapo em um gesto de impaciência e se esticou sobre a cama. Um momento depois, estava novamente inclinado, pressionando a testa e rolando de um lado para o outro, enquanto seus ombros tremiam, como se ele chorasse.

— Isso está acontecendo faz tempo? — perguntei.

— Sim, há muito tempo.

Houve uma pausa.

— Pobre diabo — Scudamour comentou. — Por que eles não podem fazer alguma coisa por ele? Por que ele não busca ajuda? Deixá-lo assim: que tempo imundo é esse Outrotempo.

Com certeza foi extremamente doloroso ter de assistir a uma criatura semelhante, embora muitos séculos atrás, sofrer assim e não poder fazer ou até mesmo dizer nada para seu consolo. Era tão real, como algo acontecendo na mesma sala, que ambos sentimos certa culpa por sermos meros expectadores passivos. Ao mesmo tempo, a energia pouco comum da voz de Scudamour — mesmo havendo nela um componente de histeria — me surpreendeu. Sentei-me na cadeira ao seu lado.

— Desejei que Deus não nos tivesse permitido começar esse cronoscópio infernal — ele disse a seguir.

— Bem — eu disse —, espero que você e Orfeu tenham visto o suficiente.

— Suficiente...!

— Olhe aqui, você não deve deixar que isso o irrite. Como não podemos fazer nada por esse pobre rapaz, não consigo ver nenhum sentido em assisti-lo a noite inteira.

— No momento em que eu parasse, a cena poderia mudar.

— Bem, eu vou ficar. Não estou com sono.

— Nem eu. E não há nada de errado com meus nervos, somente estou com uma dor de cabeça de rachar. Obrigado do mesmo jeito.

— Bem, se você está com dor de cabeça, é melhor mesmo que pare.

— Não é exatamente a dor de cabeça... nada com que se preocupar, também.

Mesmo. Mas está aqui.

Ele esqueceu que na escuridão eu não podia ver os seus gestos; por todo esse tempo não podíamos ver um ao outro, mas somente (e isso por meio da luz de uma vela fina, acesa em outro mundo) a Duplicata, emudecida e só com sua dor em alguma cela da Torre Negra. No entanto, eu mal precisei ouvir as próximas palavras de Scudamour.

— É exatamente onde está a dele — ele sussurrou. — Aqui em minha testa. Como na dele. Eu sinto a dor *dele*, não a minha. Você não acha...

O que ambos pensamos mal podia ser colocado em palavras. O que eu na verdade disse foi:

— Acho que se permitirmos que nossa imaginação fuja conosco nesse cronoscópio, vamos perder a cabeça. Estamos todos extremamente cansados, você ainda mais, e vimos o bastante do Outrotempo para mostrar que Torre Negra é um jogo em comparação. Não é de se admirar que sua cabeça esteja mal. Agora, olhe aqui. Com as cortinas fechadas podemos ver apenas o suficiente do que está acontecendo na tela para notar onde ela muda para algum outro lugar. — Eu me levantei e abri as cortinas, e a luz bendita do dia e o barulho dos passarinhos ocuparam o espaço. — Agora — continuei — vá e tome uma aspirina, faça um chá forte para nós dois e sente-se confortavelmente lá fora.

Horas depois, a sala havia se escurecido de novo, e Scudamour e eu estávamos (felizmente) em nossas camas quando a aurora rompeu na sala de Duplicata no

Outrotempo. E o que ela revelou, eu descobri com Ransom. Ele disse que a vela fina havia aparentemente se consumido e que quando houve luz do dia suficiente para ver as coisas, encontraram a cama vazia. Levou algum tempo para que descobrissem Duplicata; quando por fim o encontraram, ele estava sentado sobre o chão em um canto, todo arqueado. Ele não estava agora se contorcendo ou mostrando qualquer sinal de dor — na verdade estava calmo e forte, de modo não natural. Seu rosto estava envolto em sombra. Ele permaneceu sentado assim por um longo tempo, enquanto a sala ficava cada vez mais iluminada e nada acontecia. Por fim, a luz caiu sobre o rosto dele. Em princípio, pensaram que ele tinha uma cicatriz sobre a testa e então acharam ser um ferimento. O leitor entenderá que eles começaram com o entendimento de que ele havia passado a noite com muita dor e que é, sem dúvida, por isso que não adivinharam a verdade mais rápido. Não adivinharam até que um Estúpido entrasse na sala com espalhafato e fazendo soar seu chicote e então, depois de uma olhadela para Duplicata, caísse de cara no chão. Ele recuou, cobrindo seus olhos com suas mãos. Outros Estúpidos e alguns trabalhadores entraram. Eles também caíram de cara no chão e recuaram. Por fim, Estúpidas entraram. Elas rastejaram, puxando um manto negro, colocaram-no sobre a cama e se arrastaram para fora novamente. Várias pessoas, todas chocadas, esperavam do lado de fora da cela. Duplicata havia assistido tudo, sem se mover. Agora se levantou e veio para o centro da sala (seus adoradores inclinaram-se para bem perto do chão e Ransom diz que eles não o beijaram, mas o lamberam), e a verdade tornou-se visível para nossos observadores. Um ferrão havia crescido nele. As dores da noite haviam sido dores de parto. Seu rosto ainda estava reconhecível como sendo uma cópia de Scudamour, mas já possuía a palidez amarela e a imobilidade do homem que tínhamos visto na sala entalhada. Quando ele colocou o manto negro, tudo se esclareceu: ele tinha ido para a cama homem e levantado Homem do Ferrão.

É claro que isso não pôde ser ocultado de Scudamour e, igualmente, não ajudou a aliviar a tensão na qual ele estava vivendo. Todos nós concordamos posteriormente que a partir desse momento ele passou a ter um comportamento estranho, até mesmo na ocasião em que Ransom conclamou Orfeu a persuadi-lo a desistir de sua obra imediatamente e a não esperar pela visita de sua noiva. Lembro-me de Ransom dizendo: “Esse jovem pode explodir a qualquer momento.” Deveríamos todos ter dado mais atenção a isso. Em nossa defesa, posso alegar que a Sra. Bembridge era esperada em poucos dias (três, eu acho), que estávamos muito preocupados com nossas observações e que o que aconteceu no dia seguinte foi impressionante o bastante para expulsar todas as outras considerações de nossa cabeça.

Foi MacPhee quem liberou a bomba. Estávamos todos juntos no observatório, com os olhos fixos na cena dinâmica comum, fora da Torre Negra — e observando com atenção, porque isso era muito comum — quando ele repentinamente esbravejou e então se levantou.

— Orfeu! — ele disse.

Todas as nossas cabeças se voltaram na direção de MacPhee. Sua voz não havia soado exatamente raivosa, mas tinha uma nota de solene súplica que era mais de força que de raiva.

— Orfeu — ele disse de novo —, de uma vez por todas. Que jogo você está fazendo conosco?

— Não sei o que quer dizer — disse Orfeu.

— Entenda — disse MacPhee —, não vou discutir com você. Mas sou um homem ocupado. Se tudo isso tem sido uma travessura, não vou chamá-lo de trapaceiro, você pode contar sua piada, mas não vou ficar mais aqui para ser enganado.

— Uma travessura?

— Sim. Eu não disse um truque, de modo que não precisa ficar bravo. Eu disse uma travessura. Mas estou lhe perguntando agora, baseado em sua palavra e em sua honra: é uma travessura?

— Não, não é. Que diabos você quer dizer?

MacPhee o encarou por um momento, eu acho, na esperança de detectar algum sinal de constrangimento em seu rosto, mas não houve sinal algum. Então, enfiando suas mãos em seus bolsos, o escocês começou a marchar de um lado para o outro com ar de desespero.

— Muito bem — ele disse. — Muito bem. Mas se não é uma travessura, somos todos homens loucos. O universo está louco. E também estamos cegos como morcegos. — Ele de repente parou sua caminhada e virou-se para dirigir-se a todo o grupo. — Querem me dizer que nenhum de vocês reconhece esse edifício? — Então ele estendeu uma das mãos em direção à Torre Negra.

— Sim — disse Ransom —, eu o achei familiar no início, mas não consigo dar um nome a ele.

— Então você é menos tolo que o resto de nós — disse MacPhee. — Você é o caolho entre os cegos. — Ele nos encarou novamente como que esperando por alguma resposta.

— Bem — disse Orfeu, por fim —, por que deveríamos reconhecê-lo?

— Por que, homem? — disse MacPhee — Vocês o viram centenas de vezes. Poderiam vê-lo daqui se as cortinas estivessem abertas. — Ele caminhou até a janela e as puxou. Todos nos juntamos atrás dele para olhar, mas após uma espiada, ele se virou e disse: — Estou errado. As casas o encobrem.

Comecei a me perguntar se MacPhee havia perdido o bom senso, quando Scudamour disse:

— Você não quer dizer...? — e parou.

— Continue — disse MacPhee.

— É fantástico — disse Scudamour e, no mesmo instante, Orfeu repentinamente disse: — Entendi.

— Eu também — disse Ransom. — A Torre Negra é quase que uma réplica exata da nova biblioteca da universidade aqui em Cambridge.

Houve silêncio completo por vários segundos.

Orfeu foi o primeiro que tentou recolher os fragmentos da nossa tranquilidade anterior e ver se eles poderiam se juntar novamente.

— Há certamente uma semelhança — ele começou —, uma semelhança distinta. Estou contente que você a tenha apontado. Mas se...

— Semelhança uma ova — disse MacPhee. — Eles são idênticos, exceto que a torre ali (ele apontou para a tela) ainda não está concluída. Aqui, Lewis, você pode desenhar. Sente-se e nos faça um esboço pequeno da Torre Negra.

Não sei desenhar muito bem, mas fiz o que me pediram e consegui produzir algo razoavelmente reconhecível. Tão logo eu o concluí, todos fomos para a cidade, exceto Ransom, que se ofereceu para ficar e observar o cronoscópio. Foi depois de uma hora que retornamos, famintos e sedentos por beber as canecas de cerveja que Orfeu nos estava oferecendo. Nossas investigações nos haviam tomado muito tempo, porque não era fácil encontrar um lugar a partir do qual pudéssemos chegar à biblioteca da universidade com o mesmo ângulo do da Torre Negra — e que, por acaso, pode explicar nosso fracasso em reconhecê-lo desde o começo. Mas quando, por fim, havíamos encontrado a posição correta, a teoria de MacPhee tornou-se irrepreensível. Orfeu e Scudamour lutaram contra ela o máximo que puderam — Orfeu friamente, como um *espírito forte*, e Scudamour com uma paixão que eu até então não havia entendido. É quase como se estivesse implorando-nos que a aceitasse. No final, contudo, os fatos foram muito fortes para ambos. A biblioteca e a Torre Negra correspondiam em todos os detalhes, exceto que uma já estava concluída e a outra ainda estava nas mãos dos construtores.

Estávamos com tanta sede que não pensamos no almoço até que tivéssemos bebido algo. Então, tendo sido convencidos pelo servo de Orfeu de que o Sr. Knellie havia almoçado e saído para a faculdade, infiltramo-nos na escuridão fria da sala da combinação e cuidamos do nosso pão e do queijo.

— Bem — disse Orfeu —, trata-se de uma descoberta extraordinária, e você certamente tem rido de todos nós, MacPhee. Mas, ao refletirmos, não vejo por que deveríamos nos surpreender. Isso só prova que o tempo para o qual estamos olhando é o futuro.

— O que você quer dizer? — perguntei.

— Bem, obviamente, a Torre Negra é uma imitação da biblioteca da universidade. Temos a imitação do Coliseu em algum lugar na Escócia e uma imitação da Ponte dos Suspiros em Oxford: elas são ambas coisas horripilantes. Do mesmo modo, aquelas pessoas de Outrotempo têm uma imitação do que, para elas, é a antiga Biblioteca Britânica em Cambridge. Isso não é de se estranhar.

— Acho muito estranho — disse MacPhee.

— Mas por quê? — perguntou Orfeu. — Nós sempre pensamos que o que vemos na tela está no mesmo lugar que nós, qualquer que seja a hora. Em outras palavras, aquelas pessoas estão vivendo, ou estarão vivendo, no terreno de Cambridge. A biblioteca sobreviveu por séculos e por fim caiu, e agora estão construindo uma réplica. Provavelmente elas tenham alguma superstição com relação a ela. Você deve se lembrar que, para elas, a biblioteca seria quase que infinitamente antiga.

— Esse é justamente o problema — disse MacPhee. — Antiga demais. Teria desaparecido séculos, milhões de séculos, talvez, antes do tempo deles.

— Como você sabe que eles estão tão distantes no futuro? — perguntou Ransom.

— Olho para a anatomia deles. O corpo humano mudou. A menos que algo muito extraordinário ocorra para acelerar o processo evolutivo, levará um bom

tempo para que a natureza produza cabeças humanas que possam gerar ferrões. Não é uma questão de séculos, é uma questão de milhões, ou milhares de milhões de anos.

— Em nossos dias — eu disse —, algumas pessoas não parecem concordar sobre a evolução acontecendo de forma assim necessariamente tão gradual.

— Eu sei — disse MacPhee. — Mas elas estão erradas. Estou falando de ciência, não de Butler, Bergson e Shaw e todos aqueles políticos.

— Não acho que Bergson... — eu estava começando, quando Scudamour de repente falou:

— Deixemos isso tudo de lado. Qual é o benefício de encontrar todas essas explicações de por que a biblioteca da universidade dever estar em Outrotempo, quando elas não explicarão por que estou lá? Elas possuem um dos nossos edifícios e também me possuem, má sorte. Podem ter centenas de pessoas lá, pessoas que estão agora vivas, e nós não as estamos reconhecendo. E aquele animal, o primeiro Homem com Ferrão, e o único até que o meu ferrão crescesse, você lembra como ele veio à frente e olhou para nós? Você ainda acha que ele não nos viu? Ainda acha que está tudo apenas no futuro? Não percebe que está tudo... tudo misturado conosco, de algum modo, pedaços de nosso mundo lá, ou pedaços dele lá fora, entre nós.

Ele tinha falado isso com os olhos fixos sobre a mesa e, ao olhar para cima, pegou-nos trocando olhares. Isso não melhorou a situação.

— Percebo que estou me tornando impopular — ele continuou —, assim como o Dr. Ransom fez outro dia. Bem, ousa dizer que sou companhia muito pobre no presente. Esperem até ver por vocês mesmos em Outrotempo e descobrirão o quanto gostam. É claro que não devo reclamar. Isso é ciência. E quem já ouviu sobre uma nova descoberta científica que não demonstrou que o universo real era ainda mais feio, miserável e mais perigoso do que se supunha? Nunca fui afeito à

religião, mas começo a pensar que o Dr. Ransom estava certo. Acho que tateamos qualquer que seja a realidade por detrás de todas as histórias antigas sobre o inferno, os demônios e as bruxas. Eu não sei. Algum tipo de coisa suja está acontecendo ao largo do mundo comum e tudo misturado com ela.

Ransom foi capaz de compreendê-lo a esse respeito com perfeita naturalidade e óbvia sinceridade.

— Na realidade, Scudamour — ele disse —, mudei de ideia. Não acho que o mundo que vemos através do cronoscópio seja o inferno, porque parece conter pessoas bem decentes e felizes, juntamente com os Estúpidos e os Homens com um Ferrão.

— Sim, e as pessoas decentes tornam-se robôs.

— Eu sei, e isso é muito ruim. Mas um mundo no qual coisas brutais podem acontecer a pessoas inocentes, ou, no mínimo, cujas faltas não são a causa principal, não é o inferno: é apenas nosso próprio mundo, de novo. Ele tem apenas de ser encarado como o nosso mundo. Mesmo se um fosse levado lá...

Scudamour estremeceu. E nós pensamos que Ransom estava sendo muito ignorante, mas eu agora penso que ele estava certo. Ele normalmente está.

— Mesmo se um fosse levado lá, o que seria pior do que meramente ver a cópia de alguém ali, isso não seria diferente de outras desgraças. E desgraça não é o inferno, nem de longe. Um homem não pode ser levado ao inferno, ou enviado para lá: você só pode chegar lá por suas próprias forças.

Scudamour, que havia elogiado Ransom por ouvi-lo com bastante atenção, agora lhe perguntou:

— E o que você acha que é o Outrotampo?

— Bem — disse Ransom —, como você, tenho muitas dúvidas se é simplesmente o futuro. Concordo que tudo fica muito misturado conosco por conta disso. E tenho me perguntado por vários dias se o passado, o presente e o futuro

são os únicos tempos que existem.

— O que você quer dizer? — perguntou Orfeu.

— Ainda não sei — disse Ransom. — Enquanto isso, temos prova clara de que o que estamos vendo seja um tempo?

— Bem — disse Orfeu depois de uma pausa —, suponho que não. Não há uma prova irrefutável. Ela é, no presente, a mais fácil das hipóteses.

E isso é tudo o que foi dito no almoço. Mais duas coisas aconteceram naquele dia. Uma foi que MacPhee, que tinha ficado observando durante a tarde, me disse à mesa no jantar que o “novo Homem do Ferrão” ou a “duplicata de Scudamour” estava agora escondido na sala entalhada. Não sabíamos o que tinha sido do antigo Homem do Ferrão. Alguns pensavam que Duplicata devia tê-lo derrotado, como um novo boi derrota o antigo e se torna senhor do rebanho. Outros imaginavam que poderia tê-lo sucedido pacificamente, de acordo com as regras de algum tipo de culto civil diabólico. Todo o conceito de Outrotempo estava se alterando agora e sabíamos que poderia haver mais de um Homem do Ferrão.

— Toda uma casta de ferrões — disse MacPhee.

— Uma centrocracia — sugeriu Ransom.

O outro evento foi, em si, sem importância. Algo deu errado com a luz elétrica da faculdade e Orfeu, na ronda da manhã, teve que usar velas.

Quando acabou a luz, acho que era um domingo, se não me engano, ou então todos os eletricitas de Cambridge estavam ocupados — de qualquer modo, ainda estávamos usando velas quando nos reunimos no escritório de Orfeu após o jantar. A pequena lanterna em frente ao cronoscópio, que estava com bateria, funcionava perfeitamente bem. As cortinas estavam fechadas, os candelabros apagados e nós nos vimos mais uma vez olhando para a sala entalhada — e quase que imediatamente percebi, com uma ligeira sensação de náusea, que estávamos prestes a assistir a outras cenas de ferroadas.

Era a primeira vez que eu estava vendo Duplicata, desde a transformação pela qual ele passou — e foi uma experiência estranha. Já estava bastante parecido com o Homem do Ferrão original — em alguns sentidos, estava até mais parecido com ele do que com Scudamour. Ele carregava a mesma palidez amarelada e a mesma imobilidade. Ambas as características, na verdade, eram ainda mais evidentes em sua face do que na de seu predecessor, porque ele não usava barba. Ao mesmo tempo, no entanto, sua semelhança com Scudamour era bem clara. Algumas pessoas por vezes observam esse paradoxo nos rostos dos mortos. Eles aparentam estar radicalmente mudados em relação a como eram em vida, ainda que, de maneira inequívoca, sejam os mesmos. Uma semelhança com alguma relação distante, nunca antes suspeitada, pode mostrar-se no rosto do cadáver, mas sob essa nova semelhança permanece a identidade patética entre cadáver e homem. Ele parece cada vez mais com seu avô, mas não menos com ele mesmo. Algo desse tipo estava acontecendo com Duplicata. Ele não havia deixado de parecer com Scudamour: antes, se é que posso me expressar assim, parecia com Scudamour, mas guardava semelhanças com o Homem do Ferrão. Percebi isso quando vi as

características do rosto do Homem do Ferrão sob uma nova luz. A palidez, a calma inexpressiva, mesmo a própria deformidade frontal, agora que eu estava vendo essas características em um rosto familiar, adquiriram um horror diferente. Nunca me passou pela cabeça ter piedade do Homem do Ferrão original, nunca suspeitei de que ele pudesse ser horroroso assim. Agora eu tinha descoberto que vira o veneno como dor: havia pensado na dor como um cabo sólido de aflição, como expressão resultante de uma mente torturada. E então, enquanto Duplicata abaixava sua cabeça e friamente espetava sua primeira vítima, senti algo como vergonha. Foi como se alguém tivesse acertado o próprio Scudamour — como se Scudamour estivesse à beira da loucura ou de alguma perversão equivalente —, como se estivesse prestes a realizar alguma abominação monstruosa, ainda que insignificante. Comecei a ter um pouco de noção de como Scudamour deveria estar se sentindo. Acreditando que ele estivesse ao meu lado, voltei-me para ele, com a vaga ideia de dizer algo que pudesse fazê-lo sentir-se mais confortável, mas neste momento, para minha surpresa, uma voz bem inesperada disse:

— Encantador. Encantador. Eu não tinha ideia de que a nossa época estivesse produzindo obra de tamanha qualidade.

Era Knellie. Nenhum de nós havia sequer notado que ele nos tinha seguido até o observatório.

— Então é você? — perguntou Orfeu.

— Espero não estar sendo intruso, meus queridos companheiros — disse o velho homem. — Será muita gentileza de sua parte, muita gentileza mesmo, se permitirem que eu permaneça aqui. É um privilégio estar presente à apresentação de tão grande obra de arte.

— Isso não é um projetor, sabe, Sr. Knellie — disse MacPhee.

— Em nenhum momento sugeri esse nome terrível — disse Knellie, em voz de reverência. — Entendo plenamente que uma obra assim difere totalmente das

vulgaridades dos teatros populares. E entendo também, a reserva, poderia dizer discrição, de sua conduta. Você não pode no momento mostrar essa obra aos britânicos sem cultura. Mas estou magoado, Orfeu, por você não ter confiado em mim. Espero que esteja, no mínimo, muito livre de preconceitos. Ora, meu querido companheiro, eu já pregava a completa liberdade moral do artista quando você era uma criança. Posso perguntar quem é o gênio supremo a quem você está em dívida por essa fantasia?

E, enquanto ele falava, dois seres humanos haviam entrado, adorado o ídolo, sido capturados e picados e depois saído. Scudamour não conseguia mais ficar.

— Você quer dizer que *gosta* dela? — gritei.

— Gostar? — disse Knellie com ponderação. — Alguém *gosta* de grande arte? Responde-se: perceber, intuir, sentir compaixão.

Scudamour havia levantado. Eu não conseguia ver o rosto dele.

— Orfeu — ele disse repentinamente —, precisamos encontrar uma maneira de chegar *até* esses animais.

— Você sabe que é impossível — disse Orfeu. — Já tentamos isso antes. Você não pode viajar no tempo. Não teríamos corpos *lá*.

— Não é tão óbvio assim, a ponto de *eu* não poder tentar — disse Scudamour.

Eu tinha tido esperanças, por um tempo, de que essa possibilidade não lhe ocorresse.

— Não estou certo de que compreendo qualquer um de vocês dois — disse Knellie, supondo que a conversa havia sido endereçada a ele, com tanta segurança, que ninguém poderia acusá-lo de interrompê-la. — E não acho que o tempo tenha muito a ver com isso. Com certeza a arte é eterna. Mas quem é o artista? Quem inventou essa cena, essas massas enormes, essa insolência esplêndida, melancólica? Por quem ela *existe*?

— Pelo Diabo, se você quer saber — gritou Scudamour.

— Ah... — disse Knellie, muito lentamente —, entendendo o que quer dizer. Talvez em certo sentido isso seja verdade em relação a toda arte em seus momentos supremos. O pobre Oscar não disse algo assim...?

— Tome cuidado! — gritou Scudamour. — Camilla! Pelo amor de Deus!

Demorei uma fração de segundo para perceber que ele estava gritando, não conosco, mas com alguém na tela. E, depois disso, tudo aconteceu tão rapidamente que nem consigo descrever direito. Lembro-me de ter visto uma menina — alta, ereta, com cabelos castanhos — vindo até a sala entalhada da esquerda, ao longo do tablado, como dezenas de outras vítimas vieram, tanto homens como mulheres. Eu me lembro, no mesmo instante, de ter ouvido um grito de Orfeu (as palavras foram algo como “Não seja tola!”) e de sua visão arrojarse, como a de um homem a ponto de cometer uma falta no futebol. Ele estava fazendo isso para interceptar Scudamour, que repentina e inexplicavelmente havia se precipitado, com a cabeça baixa, direto em direção ao cronoscópio. Então vi uma série de coisas acontecerem ao mesmo tempo: vi Orfeu retroceder cambaleante sob o impacto do homem mais jovem e pesado, ouvi o som ensurdecido da quebra de uma lâmpada elétrica, senti as mãos trêmulas de Knellie agarrarem os meus braços e me vi sentado no chão, em escuridão absoluta.

A sala ficou totalmente em silêncio por um momento. Então ouvi o som inconfundível de uma goteira — a bebida de alguém havia aparentemente sido derrubada. Depois veio uma voz, como a de MacPhee.

— Alguém está machucado? — ela perguntou.

— Eu estou bem — disse a voz de Orfeu, com o tom de um homem que está consideravelmente ferido. — Minha cabeça levou uma pancada e tanto, isso é tudo.

— Você está ferido, Scudamour? — perguntou MacPhee.

Mas, em vez de a voz de Scudamour, foi a de Knellie quem respondeu — como se ele fosse um vinho prateado, se é que um vinho pode ser prateado.

— Estou bem abalado. Se alguém pudesse me trazer um copo de uma boa aguardente, eu ao menos seria capaz de chegar sozinho até os meus aposentos.

Exclamações de dor brotaram simultaneamente, vindas de Orfeu e de MacPhee, que haviam batido suas cabeças uma contra a outra, na escuridão. A sala agora estava cheia de ruídos e de movimentos, pois procurávamos por fósforos. Alguém conseguiu encontrar. Piscando os olhos no momento em que a luz reluzia, tive uma visão momentânea de uma figura sombria — presumivelmente a de Scudamour — levantando-se no meio das ruínas do cronoscópio. O fósforo então se apagou.

— Tudo bem — disse MacPhee. — Agora tenho a caixa. Maldição...

— O que há de errado? — perguntei.

— Homem, eu a abri de cabeça para baixo e todos caíram no chão. Espere um momento agora, espere um momento. Você está bem, Lewis?

— Ah, sim, estou bem.

— E você está bem, Scudamour?

Não houve resposta. MacPhee então encontrou um fósforo e conseguiu acender uma vela. Eu me vi como que olhando para o rosto de um estranho. Então, com certo choque, percebi que era o rosto de Scudamour. Houve duas coisas, eu acho, que me impediram de reconhecê-lo de imediato. Uma foi a maneira estranha com a qual ele estava olhando para nós, a outra foi o fato de que a vela o tinha encontrado empenhado em fugir em direção à porta. “Fugir” é exatamente a palavra: ele se movia para trás o mais rápido que podia, sem despertar a nossa atenção e, ao mesmo tempo, mantinha seus olhos fixos em nós. Ele estava, na verdade, se comportando exatamente como se comporta um homem de nervos de aço, no momento em que é colocado entre os seus inimigos.

— Qual é o problema com você, Scudamour? — perguntou Orfeu.

Mas o jovem não nos deu nenhuma resposta e, agora, a sua mão estava na maçaneta da porta. Nós ainda o estávamos encarando, atordoados, quando Ransom

repentinamente saltou de sua cadeira.

— Rápido! Rápido! — ele gritou. — Não deixem que ele saia — e com isso lançou-se sobre o fugitivo.

O outro, que a essa altura já havia aberto a porta, abaixou sua cabeça, o gesto agora era para nós todos assustadoramente familiar, golpeou Ransom na barriga e desapareceu.

Ransom curvou-se de dor e, por alguns minutos, não conseguiu dizer nada. Knellie estava começando a murmurar algo sobre a aguardente quando MacPhee voltou-se para Orfeu e para mim.

— Estamos todos loucos? — ele perguntou. — O que está acontecendo conosco? Primeiro Scudamour, e agora Ransom. E para onde foi Scudamour?

— Não sei — respondeu Orfeu, contemplando a destruição do cronoscópio —, e estou tentado a dizer que não me importo. Ele transformou em poeira um ano de trabalho, maldito jovem tolo, isso é tudo o que sei.

— Por que ele partiu para cima de você assim?

— Ele não partiu para cima de mim, partiu para cima do cronoscópio. Tentando saltar *através* dele, jovem burro.

— Saltar para dentro do Outrotempo, você quer dizer?

— Sim. É claro que você também poderia tentar saltar até a lua através de um telescópio.

— Mas o que fez ir embora?

— O que ele viu na tela.

— Mas isso não é pior do que vimos dezenas de vezes.

— Ah, mas você não entende — disse Orfeu. — É muito pior. Aquela garota que entrou é outra duplicata.

— O que você quer dizer?

— Perdi meu fôlego. Ela é como uma mulher, real... quero dizer, como uma

mulher do nosso tempo... como a antiga cópia é como Scudamour. E a mulher de quem ela é cópia é Camilla Bembridge.

O nome não quis dizer nada para nós. Orfeu sentou-se, com um gesto de impaciência.

— Esqueci, vocês não saberiam — ele disse —, mas Camilla Bembridge é a garota com quem ele vai se casar.

MacPhee assobiou.

— Você não pode culpar o pobre diabo, Orfeu — ele disse. — Isso tudo é o bastante para que a mente mais sã perca o juízo. Primeiro, ver uma cópia de si mesmo e depois vê-la fazer isso com uma cópia do seu amor... O que quero saber é onde ele foi.

A essa altura, Ransom havia recuperado a sua fala.

— Eu também — ele disse. — Quero saber e quero muito. Por que diabos nenhum de vocês me ajudou a detê-lo?

— Por que ele deveria ser detido? — perguntei.

— Por favor — disse Ransom —, você não percebe? Não, não há um momento sequer a perder. Falaremos sobre isso depois.

Acho que MacPhee enxergou o que se passou na mente de Ransom desde o início. Com certeza não enxerguei, mas quando vi os outros dois deixando a sala, eu os segui. Orfeu permaneceu no escritório, absorto, aparentemente, na investigação sobre a ruína em que havia se transformado o seu cronoscópio. Knellie ainda estava cuidando da sua ferida e murmurando a respeito da boa aguardente.

Ransom nos levou imediatamente ao grande portão da faculdade. Eram apenas nove horas e a luz da guarita do porteiro estava acesa. Enquanto eu alcançava os outros, o porteiro dizia a Ransom que não havia visto o Sr. Scudamour sair.

— Há alguma outra saída na faculdade? — perguntou Ransom.

— Somente o portão de São Patrick, senhor — disse o porteiro —, e ele costuma

ficar fechado durante as férias.

— Ah... mas o Sr. Scudamour poderia ter uma chave?

— Sim, ele deve ter uma chave — disse o porteiro. — Mas calculo que ele a perdeu, uma vez que pegou emprestada uma comigo anteontem à noite e me devolveu ontem de manhã. Disse a mim mesmo, àquela altura, que o Sr. Scudamour tinha saído e perdido a sua chave novamente. Devo dar algum recado a ele, se o vir, senhor?

— Sim — disse MacPhee, depois de pensar por um momento. — Diga a ele que está tudo bem e peça que procure o Dr. Orfeu o mais rápido que puder.

Saímos da guarita.

— Rápido — disse Ransom. — Vou procurar na sala dele e vocês dois vão até o outro portão.

— Vamos — disse MacPhee. Eu gostaria de ter questionado o que Ransom disse, mas ele saiu correndo e nós, em poucos segundos, estávamos no portão de São Patrick. Não estou certo sobre o que ele esperava encontrar ali, mas ele com certeza se decepcionou.

— Que diabos, qual é o problema? — Perguntei-lhe enquanto ele se afastava do portão. No entanto, no mesmo momento, ouvi o som de passos apressados e Ransom apareceu na outra ponta do caminho.

— Não encontrei nada na sala dele — gritou.

— Ele poderia estar em alguma outra sala? — perguntou MacPhee, indicando com a mão as fileiras de janelas que davam para o pequeno pátio, com aquela expressão absolutamente peculiar e familiar a todos que viveram em faculdades durante as férias.

— Não — disse Ransom. — Graças a Deus, elas estão trancadas.

— Você nunca vai me dizer — comecei, quando de repente MacPhee agarrou meu braço e apontou. Ransom havia nos alcançado: nós três ficamos em um grupo,

juntos, segurando nossa respiração e olhando para cima.

O bloco de edifícios que impedia nossa visão na direção oeste era de um tipo bem comum nas cidades universitárias — dois andares, janelas de parede inteira e uma fileira de muros, além de janelas nos quartos atrás dos muros, projetando-se a partir de um telhado inclinado. O céu no fundo estava claro e pintado com o azul esverdeado que às vezes acompanha o pôr do sol. Em oposição a ele, claro como uma figura recortada de papel negro, um homem se movia sobre as telhas. Ele não estava se encurvando, ou andando de quatro, nem mesmo com os braços estendidos para se equilibrar: andava com suas mãos unidas nas costas, tão facilmente como se estivesse andando sobre o chão, virando sua cabeça da esquerda para a direita, como alguém que observa em seu redor.

— É ele, com certeza — disse MacPhee.

— Louco? — sugeri.

— Pior, pior — respondeu Ransom, e então disse: — Olhe, ele está descendo.

— E por fora — acrescentou MacPhee.

— Rápido — disse Ransom. — Ele vai sair na Pat's Lane, há uma chance de o alcançarmos.

Mais uma vez corremos de volta até o grande portão, todos nós, dessa vez, correndo o mais rápido que podíamos, pois eu havia visto o bastante para convencer-me de que Scudamour deveria ser capturado a qualquer custo. O porteiro parecia se mover com uma lentidão irritante enquanto saía de sua guarita para abrir a portinhola. Eu sentia os segundos passando enquanto ele procurava a sua chave — falando, sempre falando — e enquanto Ransom e eu, por causa da pressa, bloqueamos um o caminho do outro na saída estreita. MacPhee, logo atrás de nós, gritou para que seguissemos em frente. Por fim, saímos e corremos para a frente da faculdade, em direção à Pat's Lane — uma ruazinha silenciosa entre duas faculdades, defendida do tráfego de automóveis por alguns postes. Não sei até onde

descemos correndo por ela: sei que fomos por cima da ponte até longe o bastante para vermos os ônibus e carros em uma grande passagem além do rio. É difícil correr com seriedade quando não se tem certeza se sua presa está adiante ou atrás de você. Tentamos várias direções. Da corrida passamos a andar rápido; de andar rápido a andar devagar; de andar devagar a vagar sem rumo. Finalmente, por volta 10h30, estávamos todos parados (de volta na Pat's Lane), secando nossas testas.

— Pobre Scudamour — falei ofegante. — Mas talvez seja algo temporário.

— Temporário? — disse Ransom, com uma voz que me fez parar.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei.

— Você disse “temporário”. Que esperança há de tê-lo de volta? Especialmente se perdemos o outro?

— Do que você está falando? Que outro?

— O que estamos caçando.

— Você quer dizer Scudamour. Ransom deu-me um longo olhar.

— Aquele! — ele disse. — Aquele não era Scudamour.

Eu o encarei, sem saber o que pensar, mas sabendo que em meus pensamentos havia algo horrível. Ele continuou.

— Não foi Scudamour quem me agarrou. Parecia ele? Por que não respondeu? Por que estava recuando na sala? Por que abaixou sua cabeça e atacou? Scudamour não lutaria dessa maneira, se quisesse lutar. Vocês não percebem? Quando ele abaixou a cabeça, estava confiando em algo que pensou ter, algo que tinha o hábito de usar. Ou seja, um ferrão.

— Você quer dizer — eu disse, resistindo a um forte sentimento de enjoo —, quer dizer que o que vimos no telhado era... era o Homem do Ferrão?

— Pensei que soubessem — disse Ransom.

— Então onde está o verdadeiro Scudamour?

— Que Deus o ajude — disse Ransom. — Se estiver vivo, ele está na Torre Negra

no Outrotampo.

— Ele saltou através do cronoscópio? Mas isso é fantástico, Ransom. Orfeu não explicou desde o começo que ele é apenas como um telescópio? As coisas que vimos não estavam realmente perto de nós; estavam a milhões de anos de distância.

— Sei que essa é a teoria de Orfeu. Mas qual é a evidência? E isso explica por que Outrotampo está cheio de réplicas de coisas em nosso mundo? O que você acha, MacPhee?

— Eu acho — disse MacPhee — que agora é perfeitamente certo que esteja trabalhando com forças que ele não compreende e que nenhum de nós sabe onde ou quando o mundo do Outrotampo está, é ou como se relaciona com o nosso.

— Exceto — disse Ransom — que ele contém essas réplicas, que até agora são um edifício, um homem e uma mulher. Pode haver um número de outras coisas que não sabemos o que é.

— E o que, exatamente, você acha que aconteceu? — perguntei.

— Vocês lembram o que Orfeu disse na primeira noite sobre a viagem no tempo como sendo algo possível, por que vocês não teriam nenhum corpo no outro tempo quando chegassem lá? Bem, não é óbvio que, se vocês chegassem a dois tempos que tivessem réplicas, essa dificuldade seria superada? Em outras palavras, penso que o Duplicata que vimos na tela tinha um corpo não simplesmente como o do pobre Scudamour, mas o mesmo: quero dizer, que a mesma matéria que compunha o corpo de Scudamour em 1938 compôs aquele corpo animal em Outrotampo. Agora, se foi assim e se vocês, então, por meio de algum aparelho, colocassem os dois tempos em contato, supostamente... percebem?

— Você quer dizer que eles poderiam... poderiam simplesmente saltar de um tempo para o outro?

— Sim, em certo sentido. Scudamour, sob a influência de uma forte emoção, faz o que você poderia chamar de salto ou arremesso psicológico para o Outrotampo.

Normalmente nada aconteceria ou talvez ele viesse a morrer. Mas como a má sorte encontrou sua oportunidade, seu corpo, o mesmo que ele usou toda a vida em nosso tempo, está lá esperando por ele. O ocupante do Outrotempo, daquele corpo, foi apanhado desprevenido, e simplesmente arrancado de seu corpo; porém, uma vez que esse corpo idêntico está esperando por ele em 1938, ele inevitavelmente escorrega para dentro dele e se encontra em Cambridge.

— Isso está ficando difícil — eu disse. — Não sei se estou entendendo o que você está falando sobre esses dois corpos.

— Mas não há *dois* corpos. Há apenas um corpo, existindo em dois tempos diferentes, assim como aquela árvore existiu ontem e hoje.

— O que você acha disso, MacPhee? — perguntei.

— Bem — disse MacPhee —, eu não começo com a simples teoria de uma entidade chamada alma, da mesma forma como começa o nosso amigo e que torna as coisas mais complicadas para mim. Mas concordo que o comportamento do corpo de Scudamour, desde a explosão, é o que deveríamos esperar ver se esse corpo tivesse adquirido a memória e a maneira de agir e se comportar do Homem do Ferrão. Estou, portanto, pronto, como cientista, para trabalhar com a hipótese de Ransom para o presente. E devo acrescentar que, como uma criatura de paixões, emoções e imaginação, não tenho (estou falando de sentimento, vocês me entendem) qualquer dúvida em relação a isso. O que me é incompreensível é outra coisa.

Ambos nos voltamos para ele, com a mesma pergunta em mente.

— Fico me perguntando — disse MacPhee — sobre todas essas réplicas. É improvável, na verdade não é outra coisa senão infinitamente improvável, ter as mesmas partículas organizadas como um corpo humano em dois tempos diferentes. E agora temos isso acontecendo duas vezes, o menino e a menina. E então há o edifício. Homem, há coincidências demais em relação a esse assunto.

Houve silêncio por alguns momentos e então, franzindo o cenho, ele prosseguiu, quase que falando consigo mesmo:

— Não sei mesmo. Não sei. Mas poderia ser o contrário? Não que acontecesse de termos alcançado um tempo que contivesse réplicas de nós mesmos, mas que fossem as réplicas que estivessem unindo o tempo, um tipo de força da gravidade. Vocês entendem: se dois tempos contivessem *exatamente* a mesma distribuição de matéria, poderiam tornar-se simplesmente o mesmo tempo... e se contivessem *algumas* distribuições idênticas, poderiam aproximar-se... Eu não sei. É tudo maluco.

— Nessa visão — disse Ransom —, o cronoscópio teria importância bem secundária.

— Ai! — exclamou MacPhee. — O que o cronoscópio tem a ver com isso? Ele não produz nenhum fenômeno, apenas permite que vejamos as coisas. Tudo isso aconteceu antes que Orfeu fizesse o seu instrumento e teria continuado com ou sem ele.

— O que você quer dizer com “isso”? — perguntei.

— Mal sei eu — disse MacPhee após uma longa pausa —, mas acho que descobriremos mais do que Orfeu supõe.

— Enquanto isso — disse Ransom —, devemos voltar, encontrar Orfeu e fazer alguns planos. A cada minuto que passa aquela criatura está indo cada vez mais longe.

— Ele não pode fazer muito mal sem o seu ferrão, suponho — eu disse.

— Eu não tenho muita certeza, nem mesmo disso — disse Ransom. — Mas estava pensando em mais uma coisa. Vocês não percebem que nossa única chance de ter Scudamour de volta é levá-lo até o Homem do Ferrão *de novo* com um cronoscópio entre eles? Uma vez perdendo contato com o Homem do Ferrão, nossa última esperança se vai.

— Nesse caso — eu disse —, ele deve ter o mesmo motivo para permanecer conosco se quiser ter de volta seu próprio tempo.

Tínhamos agora a vista do portão da faculdade e instintivamente já estávamos trocando em nossas mentes o que diríamos a Orfeu, quando de repente a portinhola se abriu e o próprio Orfeu apareceu — um Orfeu que eu ainda não havia visto com tanta raiva. Ele queria saber onde — e por que diabos — nós todos tínhamos estado e por que o havíamos deixado lá, a ver navios. Nós perguntamos, não no melhor dos humores, a que navios ele se referia.

— Aquela mulher infernal — respondeu Orfeu imediatamente. — Sim, a noiva de Scudamour. A mulher de Bembridge. Ao telefone. E agora, o que vocês vão dizer a ela quando ele retornar, amanhã?

Neste ponto será conveniente se a narrativa voltar-se para Scudamour. O leitor entenderá que o restante de nós ouviu sua história muito depois; que nós a ouvimos gradualmente e com todas aquelas repetições e interrupções que surgem em uma conversa. Aqui, no entanto, ela será ajustada e arrumada, para o seu benefício. Sem dúvida perco algo desde o ponto de vista estritamente literário ao não lhe deixar pelos próximos capítulos na mesma incerteza que nós de verdade vivemos pelas semanas que se seguiram, mas a literatura não é aqui meu interesse principal.

De acordo com a narrativa de Scudamour, ele não tinha nenhum plano de ação em mente quando se levantou e saltou sobre o cronoscópio. Na verdade, ele nunca teria feito isso se sua excitação lhe tivesse permitido refletir, pois, como o restante de nós, ele considerava o instrumento como um tipo de telescópio. Nada o fazia crer que seria possível chegar ao Outrotempo através desse aparelho. Tudo o que ele sabia é que a visão de Camilla nas garras do Homem do Ferrão foi mais do que pôde suportar. Ele sentiu que deveria esmagar alguém — de preferência o Homem do Ferrão, mas, de qualquer modo, tinha que esmagar alguém — ou iria enlouquecer. Em outras palavras, ele “viu tudo vermelho”.

Ele se recorda de ter se lançado para a frente com mãos estendidas, mas não se lembra do som da lâmpada se quebrando. A ele pareceu que suas mãos se deslocaram e que simplesmente as encontrou sobre os braços da garota. Sua impressão foi de triunfo incrédulo: ele pensou no modo confuso por meio do qual havia arrancado Camilla do Outrotempo — através da tela na sala de Orfeu. Ele pensa que gritou algo como: “Tudo bem, Camilla. Sou eu”.

As costas da garota estavam sobre seu peito, e ele a segurava pelos cotovelos.

Ela girou e olhou sobre os ombros dele enquanto ele falava. Ele ainda pensou que era Camilla e não se surpreendeu por ela estar pálida e apavorada. Ele então sentiu que ela perdia as forças em suas mãos e percebeu que iria desmaiar.

Ele se pôs em pé — pois percebeu que estava sentado — e a deitou em sua cadeira, ao mesmo tempo em que gritava para que nós o ajudássemos. Foi nesse momento que ele ficou ciente de onde estava. Até aquele ponto houve um certo estranhamento em toda a experiência. Tudo havia sido mais como encontrar Camilla em um sonho do que como encontrá-la na vida real; contudo, como em um sonho, ela foi acolhida, sem questionamento. Porém, ao gritar para nós, vários fatos se precipitaram sobre ele imediatamente. Em primeiro lugar, ele havia percebido que a língua na qual tinha gritado não era o inglês. Em segundo, a cadeira na qual havia deitado a garota (que ele ainda pensava ser Camilla) não era uma das cadeiras na sala de Orfeu — e percebeu também que não usava suas roupas rotineiras. Mas o que o tinha deixado ainda mais assustado foi que, ao deitar a garota, ele tinha descoberto toda a sua mente vacilando, sob o esforço de resistir a um desejo que o amedrontava por seu conteúdo e por sua força quase que maníaca. Ele queria picar. Havia uma nuvem de dor em sua cabeça, de modo que sentiu que ela explodiria se não picasse. E, por um momento horrível, pareceu-lhe que picar Camilla seria a coisa mais natural do mundo. Qual seria o propósito de ela estar ali, senão esse?

É claro que Scudamour leu sua psicanálise. Ele está perfeitamente ciente de que, sob condições anormais, um desejo muito mais natural poderia disfarçar-se nessa forma grotesca. Mas ele está bem certo de que não era isso o que estava acontecendo. A dor e a pressão em sua testa, enquanto ele ainda lembra delas, não deixam espaço para dúvida. Tratou-se de um desejo com uma base verdadeiramente psicológica. Ele estava cheio de veneno e desejoso de descarregá-lo.

Tão logo percebeu o que seu corpo estava compelido a fazer, ele retornou alguns passos a partir da cadeira. Não ousou olhar para a garota por alguns minutos, qualquer que fosse a ajuda de que ela necessitasse: certamente não deveria se aproximar dela. Ao ficar assim, com as mãos apertadas, lutando contra o tumulto de seus sentidos, ele percorreu ao seu redor sem, de imediato, prestar muita atenção. Estava certamente na sala entalhada da Torre Negra. À sua direita, estava o tablado com a balaustrada que ele já conhecia tão bem. Ela não era muito grande — talvez tivesse um metro e sessenta de comprimento. As paredes estavam completamente cobertas com as decorações que descrevi anteriormente. Havia outra porta na parede distante e, em cada lado, um assento baixo de pedra, que se estendia por toda a largura da sala. Mas entre ele e aquele assento havia algo que o fez perder o fôlego: um cronoscópio quebrado.

Em essência, ele era idêntico ao instrumento de Orfeu. Havia uma moldura de madeira a partir da qual, nesse momento, os pedaços de uma tela retorcida estavam pendurados. Sobre uma mesa em frente havia um objeto cinza enrolado, que ele não teve nenhuma dificuldade de reconhecer. Em um repentino lampejo de esperança, curvou-se para examiná-lo. Estava rasgado em duas partes e completamente inútil.

Acho que seja em grande parte mérito do próprio Scudamour o fato de ele ter mantido o autocontrole. Sua narrativa do assunto é a de que o terror que surgiu em sua mente foi tão grande que ela simplesmente se recusou a sentir medo, e Scudamour pôde então permanecer calmo e concentrado. Ele percebeu de um modo abstrato que perdera toda esperança de recuperar nosso mundo, cercado que estava, por todos os lados, pelo desconhecido e sobrecarregado por uma deformidade física terrível por conta da qual desejos horríveis e talvez, no longo prazo, irresistíveis, percorreriam sua consciência a todo o momento. Mas ele não compreendeu tudo isso emocionalmente. Isso, ao menos, é o que ele diz. Ainda

acredito que ele demonstrou extraordinária virilidade.

Àquela altura, a garota havia aberto seus olhos e o encarava com uma expressão de assombro, apavorada. Ele tentou sorrir para ela e percebeu que os músculos de seu rosto — o rosto que agora tinha — não estavam muito acostumados a sorrir.

— Tudo bem — ele disse. — Não tenha medo. Eu não irei picá-la.

— O que é isso? — perguntou a garota, quase em um sussurro. — O que você quer dizer?

Antes que eu prossiga, é melhor explicar que embora vivesse em Outrotempo, Scudamour não encontrou nenhuma dificuldade de falar e entender a língua que certamente não era o inglês e que ele não conseguiu trazer nem uma palavra sequer, de volta com ele. Orfeu e MacPhee consideraram isso como a confirmação da teoria de que o que ocorreu entre sua cópia e ele foi uma autêntica troca de corpos. Quando a consciência de Scudamour entrou no mundo do Outrotempo, ele não adquiriu nenhum novo conhecimento no senso estrito da palavra “conhecimento”, mas se viu equipado com um par de ouvidos, uma língua e cordas vocais que haviam sido treinadas por anos para receber e fazer sons da língua de Outrotempo, bem como com um cérebro habituado a associar esses sons com certas ideias. Ele, assim, simplesmente se viu usando uma linguagem que, em outro sentido, não “conhecia”. Essa visão da matéria é confirmada pelo fato de que, em Outrotempo, ele nunca tentou pensar no que iria dizer ou mesmo parou para escolher uma palavra, ele imediatamente ficou mudo. E, se falhou em compreender o que alguém de Outrotempo lhe disse, nunca pôde colocar seu dedo sobre qualquer palavra e perguntar o seu significado. Suas expressões tinham de ser tomadas por inteiro. Quando tudo ia bem e ele se concentrava no sujeito-matéria e não na linguagem, era capaz de compreender; mas não conseguia tomar suas conversas em partes linguisticamente separadas ou distinguir substantivos e verbos, ou qualquer coisa desse tipo.

— Tudo bem — Scudamour repetia. — Eu disse que não irei picá-la.

— Eu não entendo — disse a garota.

A observação seguinte de Scudamour não foi verbalizada. Ele queria ter dito, “Graças a Deus que não entende”, mas, presumivelmente, não há palavras para isso na língua que estava usando. A essa altura ele, é claro, não entendeu a situação linguística que descrevi e ficou impressionado por se ver gaguejando. Mas sua mente estava refletindo sobre outros aspectos da situação.

— Você me conhece, não conhece? — ele perguntou.

— É claro que conheço — disse a garota. — Você é o Senhor da Torre Negra e o Unicórnio da Planície Oriental.

— Mas sabe que nem sempre fui isso. Você sabe quem eu sou de verdade. Camilla, você não me conhece? Você ainda é Camilla, não é, o que quer que tenham feito a nós dois?

— Eu sou Camilla — disse a garota.

Aqui devo interromper a narrativa novamente. Não há a menor possibilidade de Scudamour ter verdadeiramente verbalizado a palavra “Camilla” ou que a garota a tivesse verbalizado em resposta a ele. Sem dúvida, ele usou qualquer som associado a essa mulher em Outrotempo e recebeu o mesmo som de volta. A ele obviamente parecia com o nome familiar quando lembrou a conversa após ter retornado a nós, tendo recuperado seus ouvidos, cérebro e língua treinados no inglês. Mas àquela altura ele não entendeu tudo isso. A resposta dela confirmou a crença dele de que a mulher que estava diante dele era a verdadeira Camilla de Bembridge, presa, como ele, no mundo do Outrotempo.

— E quem sou eu? — ele perguntou.

— Por que você está tentando me confundir? — perguntou a garota. — Você sabe que é ilegal dizer a qualquer unicórnio quem ele era antes, quando era apenas um homem comum.

— Não sei nada sobre suas leis, Camilla. Como as leis deles podem mudar o que existe entre mim e você?

Ela não disse nada.

Scudamour chegou um passo mais próximo. Ele estava muito confuso e as respostas de Camilla pareciam estar tirando a única coisa que restara dele, para sua sanidade, na destruição de seu mundo conhecido.

— Camilla — ele disse —, não olhe para mim desse jeito! Não tenho ideia do que aconteceu a nós dois; mas isso não pode querer dizer que você não me ama mais.

A garota olhou para ele com espanto.

— Você está zombando de mim — disse ela. — Como você pode me amar agora depois de ser o que é?

— Não quero ser... isto — disse Scudamour. — Só quero que retornemos, que voltemos a ser o que éramos. E, se ficasse assim por cem anos, não faria nenhuma diferença para o meu amor por você, embora eu não tenha muito direito de esperar que você me ame enquanto eu sou... um unicórnio. Mas você não pode suportar isso por um tempo, até que retornemos? Deve haver um caminho de volta. Temos que conseguir retornar de algum modo.

— Você quer dizer para a floresta? — perguntou a garota. — Você quer dizer que fugiria? Ah, mas é impossível. E os Cavaleiros Brancos nos matariam. Mas você está tentando me enganar. Deixe-me sozinha. Eu nunca disse que iria. Nunca disse seu antigo nome. Nunca disse que ainda o amo. Por que você iria querer que eu fosse jogada no fogo?

— Não consigo entender nada do que está dizendo — respondeu Scudamour. — Você parece pensar que sou seu inimigo. E parece saber muito mais do que sei. Tem estado aqui há mais tempo que eu?

— Tenho estado aqui toda a minha vida.

Scudamour gemeu e colocou sua mão na cabeça. Um segundo depois, recolheu-a com um grito de agonia. Se alguma dúvida persistia em sua mente quanto a se carregava um ferrão em sua cabeça, eis a prova definitiva. Somente uma pequena gota de sangue apareceu em sua mão, mas ele estava tonto com a dor e sentiu o veneno formigando sob sua pele. A terrível expectativa de que se tornaria um Estúpido surgiu em sua mente; mas aparentemente o corpo de um Homem do Ferrão está imune aos plenos efeitos de seu próprio veneno. Sua mão ficou dolorida e inchada por vários dias, mas ele, felizmente, não sofreu nenhum dano. Enquanto isso, o acidente teve um resultado que ele considerou mínimo diante da dor. A tensão em sua cabeça relaxara, o hematoma da pancada diminuiu e o desejo de picar desapareceu. Ele se sentiu mais uma vez senhor de si mesmo.

— Camilla, querida — ele disse —, algo terrível aconteceu a nós dois. Vou lhe contar o que a mim me parece ser e então você deve me dizer o que lhe pareceu. Mas temo que eles tenham feito algo à sua memória que não fizeram à minha. Você não se lembra de nenhum outro mundo, nenhum outro país, que não este? Porque eu me lembro. Pois acho que até hoje você e eu vivemos em um lugar totalmente diferente, onde vestíamos roupas diferentes e vivíamos em casas em nada semelhantes a esta. E éramos amantes ali e felizes juntos. Tínhamos muitos amigos e todos eram bondosos conosco e nos queriam bem. Não havia Homens do Ferrão ali e nem Estúpidos, e eu não tinha essa coisa terrível em minha cabeça. Você não se lembra de tudo isso?

Camilla balançou a cabeça com tristeza.

— Do que você lembra? — ele perguntou.

— Lembro-me de estar aqui sempre — ela respondeu. — Lembro-me de ser uma criança e do dia em que nos encontramos pela primeira vez, junto à ponte quebrada lá fora, onde começa a floresta, e você era apenas um menino e eu uma menininha. E lembro quando Mãe morreu e o que você me disse no dia seguinte. E

então de como éramos felizes e de tudo que pensamos que iríamos fazer, até o dia que você mudou.

— Mas você lembra de mim em tudo isso, o verdadeiro EU. Você sabe quem eu sou?

A garota levantou-se e olhou direto em meu rosto.

— Sim — ela disse. — Você é Miguel.

Mais uma vez, não suponho que as sílabas que ela pronunciou fossem realmente aquelas que escrevi; mas pareceu a Scudamour que ele ouvira seu próprio nome. E lhe pareceu que ela falara com a estabilidade de uma mártir, que estava colocando a vida dela em suas mãos. Ele então entendeu parcial e plenamente quando deixou aquele mundo, que, se ele tivesse sido o verdadeiro Homem do Ferrão, a menção dela ao seu nome teria significado morte para ela. Entendo que foram essas palavras e o olhar dela enquanto falava que primeiro levantaram nele alguma suspeita séria de que ela não era a verdadeira Camilla. Ele mesmo, um amante leal, não conseguia explicar por quê. O mais próximo que chegou disso foi dizer que a verdadeira Camilla era “muito sensível”. Nós que tivemos oportunidades durante sua ausência de conhecer bem a verdadeira Camilla, colocaríamos isso de uma maneira um pouco mais simples. Ela não era o tipo de jovem que provavelmente arriscaria sua vida, ou mesmo seu conforto, em prol da verdade, do amor ou de qualquer outra situação.

— Você está certa — ele disse. — Você é Camilla e eu sou Miguel, para sempre e sempre, o que quer que façam conosco e de que forma confundam nossas mentes. Apegue-se a isso. Você pode acreditar no que tenho lhe dito, que não pertencemos a este lugar, que viemos de um mundo melhor e temos de voltar para lá, se pudermos?

— É muito difícil — disse a garota. — Mas acreditarei nisso se você me disser.

— Bom — disse Scudamour. — Agora me diga o que sabe sobre este mundo.

Você não pareceu saber por que havia sido trazida para cá.

— O que você quer dizer? É claro que sabia. Vim para cá beber da vida mais plena, tornar-me uma serva do Grande Cérebro. Vim porque meu nome fora chamado e agora que havia lhe perdido, estava contente o bastante.

Scudamour hesitou.

— Mas, Camilla — ele disse —, quando eu lhe disse que não iria... picá-la, você não pareceu entender.

Ela começou a comentar suas palavras e então o encarou com um rosto cheio de assombro e preocupação. Era possível perceber que os conceitos de toda uma vida haviam sido subvertidos. Por fim, ela falou quase em um sussurro.

— Então é assim que isso é realmente feito! — ela disse.

— Você quer dizer que eles não sabem? — ele perguntou.

— Nenhum de nós sabia. Ninguém enxerga um Homem do Ferrão uma vez que recebe seu manto, ou ao menos nenhum de nós, gente comum. Não sabemos sequer onde ele está, embora muitas histórias sejam contadas. Não sabia, quando cheguei nesta sala, que deveria encontrá-lo aqui. Somos orientados a nunca olharmos atrás de nós e a fazermos nossas orações para... Ele. — Aqui Camilla apontou sobre o ombro de Scudamour e, olhando para trás, ele se viu face a face com o ídolo de muitos corpos que ele havia quase esquecido. Olhando para Camilla, ele viu que se inclinava diante dele e movia seus lábios.

— Camilla, não, não — disse Scudamour com pressa, movido por um impulso que eu supunha ser irracional. Ela parou e olhou para ele. Então gradualmente um rubor subiu à sua face e ela baixou seus olhos. Nenhum deles, talvez, entendeu por quê.

— Continue — disse Scudamour nesta mesma hora.

— Nos disseram — disse Camilla — para orarmos à sua imagem, e então ele mesmo viria por trás de nós e imporia suas cem mãos sobre nossas cabeças e

sopraria dentro de nós a vida maior a fim de que não vivamos mais com nossa própria vida, mas com a sua. Ninguém jamais sonhou que ele fosse o homem unicórnio. Disseram-nos que você carregava ferrões não para nós, mas para os nossos inimigos.

— Mas os que passaram por isso nunca dizem nada?

— Como poderiam dizer?

— Por que não?

— Mas eles não falam.

— Você quer dizer que são mudos? — perguntou Scudamour.

— Eles são... não sei como é isso com eles — disse a garota. — Eles tratam de seus afazeres sem necessitarem de nenhuma palavra porque vivem com uma única vida mais elevada que a deles. Eles estão acima do discurso.

— Pobres criaturas — disse Scudamour quase que para si.

— Você quer dizer que elas não são felizes? — perguntou a garota. — Isso também é uma mentira?

— Felizes? — disse Scudamour. — Não sei. Não com algum tipo de felicidade que diga respeito a você e a mim.

— Nos disseram que um momento de suas vidas tem tanta felicidade que ultrapassa todos os melhores e mais doces momentos que nós outros poderíamos experimentar em mil anos.

— Você acredita nisso?

— Não quero acreditar.

Ela olhou para ele com olhos cheios de amor. Ele pensou consigo mesmo que Camilla não o amava tão bem no antigo mundo. E não ousou aproximar-se e beijá-la, pois seu ferrão o impedia de fazê-lo. Sem dúvida ele poderia colocar sua cabeça de lado — isso poderia ser administrado, mas ele sentiu certo horror diante da ideia de trazer seu rosto — como agora estava para perto do dela.

Houve silêncio entre eles, por um minuto mais ou menos. Ele percebeu que de d

sobre sua mente e o deixou sem fala. Mas ele não pôde parar de pensar agora — a todo custo precisava evitar o silêncio. Por fim, ele disse severamente:

— Há outras coisas a serem feitas antes disso.

O homem olhou duro para ele.

— O Senhor lembrará que tais coisas não terminam bem para o Unicórnio que as prova. — Então, após uma pequena pausa, ele acrescentou: — Mas o Senhor não precisa me temer. Guardarei seu segredo. Sou seu filho e sua filha.

Em nosso mundo, as palavras mal teriam sido expressas sem algum tipo de olhar malicioso confidencial, mas mesmo a atração em forma de máscara do rosto do orador não poderia ocultar seu significado. É, acho, bastante curioso que Scudamour sentisse um desejo bem antiquado de acertar o homem na cara — uma indignação, por assim dizer, vitoriana como em um insulto a Camilla. Pois a verdadeira Camilla Bembridge foi o que é chamado de “moderno”. Ela se sentia tão livre para falar sobre as coisas que sua avó não podia mencionar que Ransom certa vez disse que se perguntava se ele teria liberdade para falar sobre qualquer outra coisa com ela. Não teria havido nenhuma dificuldade de sugerir a ela que pudesse tornar-se sua amante; não penso que teria sido bem-sucedido, a menos que oferecesse segurança, mas não teria havido nenhuma lágrima, rubores ou indignação. E Scudamour, entende-se, havia tirado seu tom dela. Mas aqui ele sentiu diferente. Talvez não tivesse sido tão “moderno” em seu coração. Em todo caso, ele agora sentia um forte desejo de atingir aquele homem. A ideia de compartilhar um segredo, bem como o segredo em si, com ele foi irritante. Ele recaiu em seu hábito mais soberbo.

— Você é um tolo — ele disse. — Como você saberia o que está em minha mente? É mais uma questão de quanto tempo mantereí o *seu* segredo ou se estou pronto para esquecer que você tem falado assim. — Nesse momento, uma inspiração chegou até Scudamour. Foi muito arriscado e, se tivesse tido tempo de

ponderar os riscos, talvez não tivesse agido baseado nisso. Ele voltou-se para o cronoscópio quebrado. — Isso não significa nada para você? — perguntou. — Você não acha que algo fora do comum deva agora ser planejado e feito?

O homem abriu seus olhos mais amplamente — talvez estivesse genuinamente impressionado.

— Eu sou seu filho e sua filha — ele disse. — Eles o quebraram?

Scudamour fez um movimento de cabeça que, ele esperava, pudesse diante da necessidade ser interpretado como um sinal de assentimento ou como uma mera recusa pensativa em responder.

— Tenho a permissão do Senhor para falar? — perguntou o homem.

— Fale — disse Scudamour.

— O Senhor pensa em usar o cérebro da mulher? Isso não seria um desperdício? Não poderia qualquer cérebro comum também pensar?

Scudamour começou. Ele sabia que Orfeu havia tido grande dificuldade em encontrar uma preparação equivalente à substância Z no cérebro humano — um elemento necessário em seu cronoscópio. Obviamente os habitantes de Outrotempo tinham um método mais simples.

— Você não entende pelo menos o que deve ser feito — ele disse friamente. Durante toda a conversa, ele havia sido lembrado de que era tolo começar insultando e contrariando o primeiro homem de Outrotempo que ele havia encontrado, mas estava sendo continuamente forçado a fazê-lo. Seu único ativo nesse novo mundo foi sua superioridade oficial como um Homem do Ferrão e o único meio de disfarçar sua ignorância foi representar essa superioridade por tudo o que valia a pena. Mas ele sentiu que estava agora muito próximo do fim de sua paciência.

— Traga-me alguma comida — ele disse.

— Aqui, Senhor? — disse o criado, aparentemente com alguma surpresa.

Scudamour hesitou. Seu principal propósito ao pedir por comida havia sido o de ter alguns momentos a sós, mas agora lhe havia ocorrido que seria melhor começar o mais breve possível a explorar — para descobrir quais salas e passagens o cercavam.

— Ponha a mesa no lugar de sempre — ele disse.

O criado se levantou e abriu a porta, colocando-se de lado para Scudamour passar. Por mais que odiasse a sala entalhada, ele não cruzava o seu limiar sem um tremor, pois não tinha nenhuma ideia do que poderia encontrar. Ele se viu em uma sala muito maior — um saguão retangular de pedras padronizadas e com muitas portas. Em uma das extremidades, estavam sentados doze ou quinze dos Homens de Ferrão sem ferrão, próximos uns dos outros, sobre o chão. Eles se levantaram e se curvaram, ou até mesmo se prostraram, quando Scudamour apareceu, mas ele teve tempo de notar que todos eles estiveram sussurrando com suas cabeças bem próximas e que estiveram bem ocupados, examinando uma quantidade de objetos misturados, espalhados no chão em volta deles como brinquedos em volta das crianças. Na verdade, aquelas eram coisas que uma criança poderia muito bem ter usado para brincar. Havia pequenas caixas, tigelas, garrafas, tubos, pacotes e pequenas colheres.

Scudamour aprendeu bem mais tarde o que significava tudo aquilo, mas isso também pode ser mencionado aqui. A verdade é que os parentes sem ferrão do Homem do Ferrão — os Zangões, como poderíamos chamá-los — só têm um interesse na vida. Estão todos esperando para ter ferrões. Eles gastam aproximadamente todo o seu tempo livre no laboratório, confeccionando todo tipo de placebo que acham que possa vir a produzir a deformidade desejada. Às vezes, são drogas para beber, às vezes pastas para a testa, às vezes incisões e cauterizações. Um depende de dieta, outro de algum tipo de exercício. Scudamour diz que eles não o lembraram de nada senão dos jogadores inveterados que alguém

encontra vivendo na vizinhança de algum grande cassino continental — todos com uma receita particular infalível para fazer sua fortuna. E, como os jogadores, pareciam ter uma esperança que nenhuma experiência era capaz de destruir. Poucos deles, talvez nenhum, até onde ele sabia, jamais tiveram sucesso. Ano após ano, eles assistiram a jovens sobre quem o capricho da natureza tinha dado o ferrão de maneira abundante, substituindo os assentos de poder enquanto eles mesmos envelheciam entre seus experimentos. Frequentemente, se Scudamour chegasse repentinamente à sala de espera, ele ouvia fragmentos de sua conversa sussurrada — “Quando meu ferrão crescer”, “Agora que encontrei o verdadeiro tratamento”, “É claro que é quase certo que não estarei com você no ano que vem”.

O criado o conduziu através desse salão e até outro, onde ele observou com decepção as mesmas janelas altas. O alimento foi trazido pelo criado para esse aposento. Para seu alívio, o criado não fez nenhuma menção de permanecer na sala e de esperar por ele.

Pelo jeito, o corpo que Scudamour agora sustentava não tinha sido alimentado durante um significativo tempo, e ele agora se via voltando-se para sua refeição com entusiasmo. Ele estava com sede e com fome e ergueu avidamente até seus lábios uma taça de prata que parecia estar cheia de água. Um momento depois, ele a atirou para longe, com assombro. Talvez até houvesse alguma água nela, mas grande parte da mistura era algum outro tipo de bebida, um líquido grosso, ardente, que deixava a boca seca. Ele ficou surpreso por não gostar do líquido. Então descobriu que havia tirado uma fruta do prato que estava diante dele e começou a comer com a calma de um hábito antigo. Parecia um caqui, e ele não conseguiu em princípio entender o contentamento que sentiu por causa do que ele comia, pois nunca tinha gostado de caquis. A partir disso, passou para uma combinação seca e cinza em uma tigela de madeira. Ela consistia em pequenas partículas cinza, muitas delas de textura como a da areia. A refeição inteira, na

verdade, era de uma natureza seca, colérica e melancólica, e o tempo todo ele apreciava o que comia com um sentimento curioso de que não era natural apreciá-la. Somente quando sua fome foi inteiramente satisfeita, ele compreendeu a explicação. Ele estava experimentando os prazeres de um corpo estranho; o paladar e o estômago que gostavam desses alimentos e estavam habituados a eles não pertenciam a ele. E com a descoberta veio um sentimento de horror. Talvez essa fosse a dieta na qual o veneno de um Homem do Ferrão fosse mantido. Talvez... ele não tinha certeza de que não pudesse haver insetos, ou coisa pior, naquela mistura cinza. Ele empurrou sua cadeira e se levantou. Estava tentando se lembrar de algo — alguma advertência em uma fábula ouvida havia muito tempo, antes que fosse para a escola. Ele não conseguia lembrar muito bem, mas lhe ocorreu que seria melhor comer o mínimo que lhe fosse possível dessa comida. Ele se perguntou quanta desconfiança seria suscitada se pedisse por outra coisa. Enquanto isso, deveria descobrir onde haviam colocado Camilla.

Ele saiu no saguão retangular, e o mesmo criado levantou-se de onde estava sentado entre os outros Zangões e veio até ele. Em resposta às suas perguntas o homem explicou, até onde podia perceber, que havia colocado Camilla na cama do quarto do próprio Scudamour. Ele falou quase que em um sussurro e o desejo de se colocar em um relacionamento confidencial com seu mestre foi mais claro que antes. Seu modo foi um pouco menos respeitador e mais insinuante. Scudamour novamente tomou uma linha elevada. Fez com que o homem o levasse até Camilla — e, assim, incidentalmente descobriu seu próprio quarto — e então encontrou outro aposento para ela. Eles não podiam se falar sozinhos, ou mesmo trocar olhares precipitados, mas, ao menos agora, um sabia onde o outro estava alojado. Scudamour ficou surpreso com o número de quartos de dormir e se perguntava quem poderiam ser os convidados aceitos de um Homem do Ferrão. Após ter recebido novas informações de que Camilla seria bem cuidada e não molestada, ele

fez uma excursão a todos os quartos. Foi seguido em toda parte por seu criado e pelos olhos de todos os Zangões. Isso não foi agradável, e sentiu que o que estava fazendo poderia despertar a curiosidade deles. Mas tinha que se arriscar, uma vez que a primeira condição para a elaboração de qualquer possível plano seria um conhecimento de seus arredores. O que ele mais queria encontrar era a saída de seus próprios aposentos — a qualquer momento poderia tornar-se desejável deixar a Torre Negra rapidamente. Nisso ele não foi bem-sucedido: quarto aberto dentro de quarto, interminavelmente, e muito antes de esgotar todas as possibilidades, ele decidiu que, nessa ocasião, de qualquer maneira, não ousaria mais continuar a busca. Enquanto isso, no entanto, ele havia encontrado uma biblioteca — uma sala tão larga quanto a antessala e repleta de livros até o teto. Ele não supôs, àquela altura, que seria capaz de lê-los, mas recebeu de bom grado a biblioteca como um pretexto para livrar-se dos Zangões e, além disso, queria descansar.

— Eu gostaria que Ransom estivesse aqui — disse Scudamour para si mesmo.

Ransom é um filólogo. Scudamour sabe pouco sobre línguas e documentos e uma espiada nos personagens nos versos dos livros o convenceu de que ele nunca conseguiria decifrá-los. Ele nunca tinha pensado em decifrá-los e sentou-se imediatamente para considerar sua situação. Duas ideias estavam, àquela altura, competindo em sua mente. A primeira era a possibilidade de reparar o cronoscópio e retornar pelo caminho por onde ele tinha vindo. Isso envolvia uma série de dificuldades. Ele sabia que Orfeu precisaria de muito tempo, de nosso lado, para construir um novo cronoscópio e corretamente supôs que dois instrumentos, um em cada tempo, seriam necessários. E também não tinha certeza se poderia levar Camilla de volta com ele. Sua outra ideia estava muito mais próxima do desespero — uma vaga esperança de que, se o retorno fosse impossível, uma fuga — e uma fuga com Camilla — da Torre Negra para os territórios dos Cavaleiros Brancos poderia ser arranjada. Ele estava certo, corretamente, de que esses bárbaros eram mais humanos que o povo do Ferrão e de que entre eles era possível viver uma vida que não era de todo detestável. Mas então se lembrou da proclamação deles e pensou que o que tinha em sua testa o excluiria, dentre todos os povos, de uma aliança com eles. E, com essa reflexão, ele sentiu um verdadeiro horror em relação à monstrosidade na qual havia agora se transformado, e ele se levantou e, em sua angústia, marchou para a sala silenciosa.

Então veio a surpresa. Ele tinha dado talvez seis ou sete passos nessa direção quando, sem notar que havia feito, parou, apanhou um livro das prateleiras e, para o seu espanto, descobriu que havia lido uma linha ou duas com facilidade. É claro que ele deveria ter previsto isso. O corpo que estava usando já havia andado pela

biblioteca, parado e apanhado um livro e a mente de Scudamour, usando os olhos do Homem do Ferrão, podia ler seus livros pelas mesmas razões que o capacitavam a usar a língua de Outrotempo. Foram somente suas próprias dúvidas e seus esforços conscientes que o impediam de entender seus títulos, quando ele entrou pela primeira vez na biblioteca.

As linhas que ele havia lido eram as seguintes: “É preciso lembrar que mesmo os instruídos não tinham, nesse período, concepção da verdadeira natureza do tempo. O mundo, para eles, tinha uma história não linear a partir da qual não havia nenhuma fuga, como tem para as pessoas comuns no dia presente. Era, portanto, muito natural que...”

A passagem continuou, abordando um assunto histórico que não lhe interessou. Rapidamente ele virou várias páginas, mas o livro parecia todo ele histórico, e Scudamour não viu mais nenhuma referência ao assunto do tempo. Estava começando a se perguntar se devia se sentar e ler o livro desde o início, quando descobriu que tinha um índice. Felizmente, ele estava agora muito empolgado para parar e perguntou-se se conhecia o alfabeto de Outrotempo. Encontrou a palavra “tempo” facilmente, mas a única passagem mencionada sobre isso era mesmo aquela que ele já havia lido. Por um momento, suas pesquisas ficaram em suspenso. Então descobriu que o livro que tinha em suas mãos era de uma série, uma história em muitos volumes. Ele o colocou de volta e tentou o volume à sua direita, mas poucos minutos de comparação o convenceram de que ele tratava não de um período posterior, mas anterior. Talvez as pessoas de Outrotempo colocassem livros nas prateleiras em uma ordem que, para nós, é errada. Ele tentou um volume à esquerda e não conseguiu inicialmente descobrir se a suspeita estava correta. A atividade iria levá-lo mais longe do que imaginara e ele tinha que dominar as páginas de encerramento do volume original bem a fundo. Elas falavam de uma história que lhe era absolutamente desconhecida. Algumas pessoas,

chamadas de Escurecedores, estavam sendo suprimidas “com grande, porém necessário rigor”, e ele não foi capaz de descobrir se elas eram um grupo, uma nação ou uma família poderosa. Ele descobriu o suficiente, no entanto, para permitir-lhe decidir que o volume à esquerda vinha na sequência do da direita. Ele foi para o índice e encontrou vinte referências sobre “tempo”, mas todas de mesmo caráter oculto. O leitor era constantemente lembrado de que “a ignorância completa sobre esse assunto fundamental ainda prevalecera”, de que “a visão monística de tempo que a experiência imediata parece sugerir ainda não havia sido posta em dúvida”, ou de que “as superstições detestáveis da Idade das Trevas ainda encontravam apoio na visão pessimista do tempo em voga” e isso o enviou com grande velocidade para o próximo volume. Sentindo-se seguro de que estava agora se aproximando do cerne do mistério, ele o carregou para uma mesa no centro da sala e sentou-se para ler, dedicadamente.

O índice desse volume estava repleto de itens sob o cabeçalho que lhe interessavam. Ele tentou o primeiro e descobriu que “a nova concepção de tempo foi destinada a permanecer por séculos de interesse puramente teórico, mas isso não deveria nos levar a subestimar seus efeitos”. E continuou: “Como já foi destacado, a revolução em nosso conhecimento de tempo não havia nos dado ainda nenhum poder ou controle, mas havia modificado profundamente a mente humana”. Havia dúzias de declarações semelhantes e Scudamour, mais acostumado a laboratórios do que a bibliotecas, começou a ficar impaciente. Em desespero, ele se voltou para a primeira página do livro e, após ler algumas linhas, lançou-o para longe, com raiva, pois começou a observar que ele havia iniciado com a declaração de que “este não era o lugar” para uma narrativa daquelas descobertas cujos resultados históricos as páginas seguintes estavam especialmente interessantes.

— Eles esperam que você saiba — disse Scudamour secamente. Ele então

apanhou o livro, recolocou-o na estante e começou a estudar outros títulos. Muitos deles eram ininteligíveis para ele. Logo percebeu que qualquer um deles, ou nenhum, poderia conter o que queria saber e que não teria tempo — ao menos esperava que não tivesse tempo — para ler a biblioteca inteira.

Um livro com um título como *A natureza das coisas* pareceu promissor, e os conteúdos chamaram sua atenção por algum tempo, não porque se mostrassem úteis, mas porque o impressionaram. O que quer que essas pessoas soubessem sobre tempo, sabiam muito pouco sobre espaço. Ele leu que a Terra tinha a forma de um pires e que não era possível alcançar a extremidade do pires porque se escorregaria na inclinação, “como mostra a experiência do marinheiro”, que o Sol estava a trinta quilômetros de altura e que as estrelas eram “inflamações do ar”. De algum modo, essa ignorância o consolou. O próximo livro — *Ângulos do tempo* — teve o efeito oposto. Ele começava dizendo: “Um tempo incontrolado, seguindo na direção de trás para a frente está sujeito, como se sabe, a flutuações durante as quais pequenas extensões dele (digamos 0,5 de um segundo) farão um ângulo mensurável com a direção de trás para a frente. Se, agora, por exemplo, aumentássemos para um ângulo reto, esse tempo virá de uma quarta dimensão de espaço e tempo” — assim apareceram as palavras na memória de Scudamour, quando ele nos contou a história — “e cortará o tempo normal e ideal em ângulos retos. No momento B de intersecção, toda a série de eventos em cada um desses tempos então será contemporânea àqueles vivendo na outra”.

Seria um absurdo? A geografia pueril de Outrotempo sugeria que poderia ser um pouco melhor, mas então um pensamento inquietante veio sobre ele. E se essa raça tivesse se especializado no conhecimento do tempo e a nossa no conhecimento do espaço? Não poderiam nossas concepções de tempo ser tão errôneas quanto o pires da Terra e as estrelas etéreas de Outrotempo? As próprias concepções astronômicas de Scudamour pareceriam tão absurdas em Outrotempo quanto essa estranha

doutrina de ângulos e flutuações temporais lhe parecia; não seria, portanto, inverdade. Ele continuou a leitura:

“Que o momento de intersecção seja X. Então X será um momento histórico comum a ambos os tempos; em outras palavras, o estado total do universo no tempo A, no momento X, será idêntico ao estado total do universo no tempo B, no momento X. Agora, estados ou eventos semelhantes têm resultados semelhantes. Portanto, todo o futuro do tempo A (ou seja, todo o seu conteúdo na direção futura) duplicará todo o futuro do tempo B (ou seja, seu conteúdo pleno na direção que contempla a quarta dimensão).”

Scudamour imaginou que já soubesse algo sobre duplicações; com entusiasmo, virou a página. “Aqui”, disse o livro, “estamos falando de tempos incontrolláveis; o leitor naturalmente buscará em outro lugar uma narrativa desses tempos incontrolláveis que são, é claro, de importância prática mais óbvia”. Scudamour estava mais que pronto para procurar em outra parte. Se a biblioteca estava sistematicamente arranjada, o livro que ele queria deveria estar em algum lugar próximo. Ele apanhou vários deles. Todos relacionados ao mesmo assunto e em todos eles um significado que ele não poderia entender que estava implícito. Ele havia quase deixado, em desespero, essa parte da biblioteca, quando por fim apanhou um livro aparentemente mais antigo que os outros que estavam na estante mais alta e pela qual já havia passado mais de uma vez, sem perceber. Ele tinha um título que dizia algo como *Primeiros Princípios*.

“Os antigos acreditavam”, ele leu, “que o espaço tinha três dimensões e que o tempo tinha apenas uma, e que os nossos pais normalmente representavam o tempo como um riacho ou uma corda fina, o presente como o ponto que se move sobre essa corda ou uma folha que flutua sobre o riacho”. A direção para trás do presente foi chamada de passado, como ainda é, e a direção para frente, de futuro. O que é um pouco mais notável é que se acreditava que existia somente um riacho

ou uma corda e se pensava que o universo não continha nenhum outro evento ou estado senão aqueles que ocupavam, em um ponto ou em outro, o riacho ou a corda, ao longo dos quais nosso presente está viajando. Não faltaram, na verdade, filósofos que apontaram que isso era simplesmente uma experiência e que não poderíamos dar nenhuma razão de por que o tempo tinha apenas uma dimensão e que havia somente um único tempo; na verdade, vários dos primeiros cronologistas arriscaram a ideia de que o tempo poderia ser uma dimensão do espaço — uma ideia que parecerá ser quase que fantasticamente perversa conosco, mas que, em seu estado de conhecimento, mereceu o elogio da ingenuidade. Em geral, no entanto, tal interesse, como os que os antigos tinham pelo tempo, foi se desviando dessas indagações frutíferas para os vãos esforços a fim de descobrir meios que eles chamavam de “viagem no tempo”, pela qual queriam dizer nada mais que reversão ou aceleração do movimento da mente, juntamente com nosso próprio tempo não linear.

“Este não é o lugar” — (eis aqui Scudamour, reclamando de novo) — “para descrever experimentos que, no trigésimo ano da décima era, convenceram os cronologistas de que o tempo em que vivemos tem variações laterais; em outras palavras, que a corda ou o riacho não deve ser representado por uma linha reta, porém, por uma linha ondulada. É difícil para nós percebermos o quão revolucionária essa descoberta pareceu, em princípio. As antigas concepções estavam tão profundamente enraizadas que lemos sobre pensadores que não conseguiram conceber tal variação. Eles indagaram em que ou para dentro do que a corda do tempo se desviou, quando se desviou do caminho reto, e sua relutância em permitir a resposta óbvia (que ela se desviou no, ou para dentro do tempo, na direção de uma quarta dimensão) deu um novo começo de vida à doutrina perversa que já notamos, que era agora chamada de doutrina do Espaço Tempo.

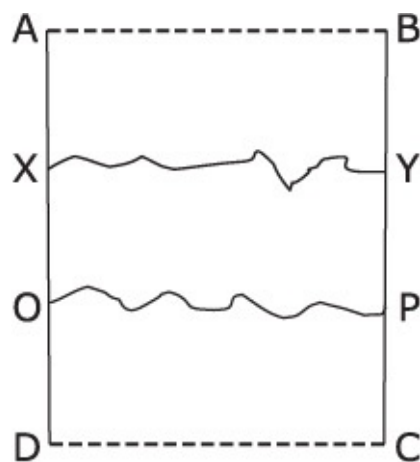
“Até o ano 45 não encontramos nenhuma compreensão clara da verdade, mas

por volta do ano 51...”

O que veio a seguir foi um nome próprio que Scudamour foi incapaz de nos contar, embora o reconhecesse como um nome próprio enquanto o lia. Era um nome, sem dúvida, tão familiar aos ouvidos de Outrotempo como os de Copérnico e Darwin são para nós, mas “X” é o melhor que posso fazer por ele aqui.

“... por volta de 51, X havia produzido um mapa do tempo que era essencialmente correto, até certo ponto. Seu tempo tem duas dimensões — uma plana, que ele representou no mapa como um quadrado, mas que então acreditou ser de extensão infinita. A direção para trás e para a frente, que era a da esquerda para a direita e a direção da quarta dimensão, de cima abaixo. De lado a lado disso, nosso tempo é mostrado como uma linha ondulada, correndo da esquerda para a direita. Outros tempos, que para ele eram meramente teóricos, são representados por linhas pontilhadas, correndo na mesma direção, para cima e para baixo — ou seja, na quarta dimensão de nosso tempo. Esse diagrama foi, a princípio, a causa de mal-entendidos perigosos, que X fez o seu melhor para combater quando publicou seu grande *Livro do tempo*, em 57. Nele, ele enfatizou que, embora todos os tempos estivessem diagramaticamente representados como começando à esquerda ou do lado de trás do quadrado, não se deve supor, portanto, que tivessem tido um princípio em algo atemporal. Fazê-lo, na verdade, seria esquecer que o lado esquerdo do quadrado deve representar uma linha do tempo. Que o quadrado que representa o plano temporal de duas dimensões seja ABCD e que XY e OP sejam duas linhas de tempo cruzando-o na direção quadrimensional. É claro que se AB e DC representam alguma realidade — ou seja, se o quadrado não é infinito como se supôs inicialmente —, eles também serão linhas do tempo. Mas não é menos claro que o mesmo é verdadeiro sobre AD e BC. Haverá tempos procedendo de direções quadrimensionais. Nesse caso, X e O — que, do nosso ponto de vista, são os princípios do tempo — são de fato simplesmente momentos, sucedendo-se uns

aos outros no tempo AD. E, se as direções de todos os quatro tempos seguem à direita — isto é, de A para B, de B para C, de C para D, de D para A —, então uma consciência que teve sucesso em passar, digamos para Y, do tempo XY para o BC e para C do tempo BC para o CD, e assim por diante, atingiria o tempo imemorial e o Tempo Quadrado, embora finito, seria atemporal ou perpétuo...”.



— Não acredito em nada disso! — exclamou Scudamour repentinamente, olhando a partir do livro e então se contendo, com alguma surpresa. Ele não tinha sido preparado para o desgosto que o tinha inundado, pelo tipo de imortalidade que os de Outrotempo aparentemente acolhiam com entusiasmo. “Eu em muito pouco tempo seria destruído” — ele se pegou pensando. “Em muito pouco tempo iria para o céu de harpas e anjos, como o que costumavam me falar a respeito quando eu era um menino”. (Ninguém havia, na verdade, dito-lhe algo assim, mas ele estava prestes a enfrentar uma desilusão incomum sobre esse assunto.) “Em muito pouco tempo eu estaria fazendo qualquer outra coisa como que andando em círculos, desse jeito, como um rato em um balde de água”. “Mas poderia ser verdade, mesmo assim”, sussurrou sua consciência científica. Ele se voltou mais uma vez para o livro e continuou lendo. Depois de algumas páginas, encontrou o seguinte.

“Coube aos sucessores de X encontrar a atitude prática de sua descoberta. No ano 60, Z, que havia chegado à cronologia a partir do estudo do folclore, propôs a

teoria de que certas criaturas fantásticas e outras imagens que constantemente apareceram nos mitos de povos bem diferentes entre si e também em sonhos poderiam ser vislumbres das realidades que existem em um tempo muito próximo ao nosso. Isso levou a seu famoso experimento com o Cavalo de Fumaça. Ele selecionou esse velho conhecido das crianças porque é quase o único que é comum a todas essas imagens, por ter surgido em tempos históricos — sem que nenhuma evidência tenha sido encontrada sobre a sua existência antes do último século. Por meio da técnica psicológica que tem desde então se tornado famosa, ele achou que poderia produzir o Cavalo de Fumaça, primeiro como um sonho e mais tarde como uma alucinação, acordado, em sua própria consciência e na das crianças com as quais ele fez o experimento. Mas ele também descobriu que tinha havido muitas alterações a partir do Cavalo de Fumaça tradicional e mesmo a partir de suas próprias memórias mais precoces. O velho Cavalo de Fumaça, ainda preferido na arte popular, consiste essencialmente em um pequeno corpo cilíndrico sustentado por quatro rodas e o extravagante cano longo que emite a fumaça. Mas os Cavalos de Fumaça vistos por Z tinham corpos muito mais largos, normalmente fortes, além de oito ou dez rodas, enquanto o cano fora reduzido a uma pequena protuberância na frente do corpo cilíndrico. Perto de 66, ele havia descoberto uma característica sobre a qual tradição e sonhos descontrolados não tinham dado nenhuma pista e que, portanto, coloca, fora de qualquer dúvida, que ele estava lidando com alguma realidade objetiva. Ele foi capaz de observar que os Cavalos de Fumaça, ao carregarem seus fardos enormes de veículos com rodas, prosseguiram, não ao longo da terra, como se supunha, mas ao longo de eixos paralelos de metal estável e que isso era a explicação real de sua prodigiosa velocidade.”

Scudamour estava agora lendo muito rapidamente para assimilar plenamente o sentido do que lia. A próxima passagem que ele pôde lembrar era algo assim.

“Perto de 69, Z havia conseguido fazer algo como um mapa de certas porções de

nossa terra nativa como elas são no Outrotempo. As estradas de aço nas quais os Cavalos de Fumaça viajam e que poderiam ser, comparativamente, traçadas com facilidade, deu a ele suas primeiras conclusões. Ele detectou a enorme cidade do Outrotempo que ocupa aquilo que, em nosso tempo, são os pântanos no começo do estuário de águas oriental e traçou uma completa estrada para o Cavalo de Fumaça a partir disso, para a nossa Cidade do Planalto Oriental. Mais que isso ele foi incapaz de fazer, por causa das condições sob as quais trabalhou. Ele escolheu corretamente crianças como seus principais instrumentos para a inspeção de Outrotempo, porque nelas a mente está menos preocupada pelas ideias e imagens de nossa própria existência. As experiências dessas crianças tiveram efeitos muito desagradáveis, levando ao extremo terror e finalmente à insanidade, e a maioria dessas crianças que ele usou teve de ser morta antes de alcançar a maturidade. A moral do período era baixa — os Cavaleiros Brancos ainda não haviam alcançado nem mesmo a costa continental — e o governo era fraco e míope: Z estava proibido de usar qualquer criança das dinastias mais inteligentes, restrições tolas eram colocadas sobre seu controle disciplinar daqueles designados a ele e, no ano 70, esse grande pioneiro morreu, vítima de um assassinato”.

— Graças... — disse Scudamour e então parou repentinamente. A palavra que ele tinha a intenção de usar não foi encontrada. Ele continuou lendo.

“As honras do próximo estágio nesta grande descoberta são divididas entre K e Q. K, que trabalhou na região sudoeste, concentrou sua atenção inteiramente nos Cavalos de Fumaça fixos, dos quais coleções maiores podiam ser experimentadas em sua área. No início, ele usou adultos criminosos em vez de crianças, mas já a possibilidade de um método diferente lhe ocorrera. Ele decidiu construir em seu próprio tempo a réplica mais perfeita que podia de um Cavalo de Fumaça do Outrotempo. E fracassou repetidamente, porque os de Outrotempo invariavelmente modificavam seu Cavalo de Fumaça antes que seu desenho terminasse. Nessa

ocasião, no entanto, K conseguira observar o edifício de Outrotampo no qual os Cavalos de Fumaça fixos eram normalmente guardados. Com infatigável paciência, ele se pôs a duplicá-lo em seu próprio tempo — é claro que no *espaço* exato ocupado pelo edifício de Outrotampo. Os resultados superaram todas as expectativas. Cavalos de Fumaça e até mesmo seres humanos do Outrotampo agora se tornaram quase sem brilho, porém continuamente visíveis, até mesmo para observadores leigos. A história inteira da atração do tempo fora assim trazida à existência, e formulada na lei de K, de que ‘quaisquer duas linhas do tempo se aproximam no exato grau com o qual seus conteúdos materiais são parecidos’. Agora havia se tornado possível, supostamente, trazer-nos de acordo com a nossa vontade, ao alcance dos olhos de um tempo diferente; ainda restava descobrir se poderíamos produzir qualquer efeito sobre ele — se estávamos ao alcance da distância do golpe. K resolveu o problema por meio de sua celebrada ‘Troca’. Ele foi bem-sucedido em observar uma menina de Outrotampo, sob condições de extraordinária complacência que, em Outrotampo, tanto o estado quanto a família pareciam permitir. Ele então tomou uma de nossas crianças, de mesma idade e sexo e de mesmo tipo físico, e a tornou consciente de sua contraparte em Outrotampo — especialmente em tempos quando as experiências da segunda seriam bem próprias para atraí-la. Ao mesmo tempo, ele a tratou com grande severidade. Tendo assim produzido em sua mente um forte desejo de trocar de lugares com a de Outrotampo, ele as justapôs, enquanto a segunda dormia, e simplesmente ordenou à criança desse tempo que escapasse, se pudesse. O experimento deu certo. A criança dormiu e acordou, aparentemente sem nenhum conhecimento de sua vizinhança, e, inicialmente, nenhum medo de K. Ela continuou a pedir por sua mãe e a implorar permissão para ‘ir para casa’. Todo tipo de teste foi aplicado, e não houve qualquer dúvida de que uma verdadeira mudança de personalidades havia ocorrido. A criança forasteira, assim tirada de Outrotampo,

provou não depender de nossos métodos educacionais e foi finalmente usada para propósitos científicos”.

Scudamour levantou-se e passeou uma ou duas vezes em torno da sala. Ele notou que a luz do dia estava começando a desaparecer e sentiu-se cansado, mas não tinha fome. Sua mente estava curiosamente dividida — de um lado uma imensa corrente de curiosidade e, de outro, uma profunda relutância em seguir a leitura. A curiosidade venceu e ele se sentou novamente.

“Enquanto isso”, o livro continuou, “Q estivera experimentando as possibilidades de algum instrumento inanimado que poderia nos dar uma visão de Outrotempo sem a necessidade de esforços psicológicos precários e antigos. Em 74 ele descobriu

[O manuscrito é interrompido aqui, ao fim da folha 64.]

Uma nota sobre “A Torre Negra”

Por Walter Hooper

Após uma busca inútil por mais páginas, mostrei esse fragmento ao major Lewis, Owen Barfield e Roger Lancelyn Green e fiquei decepcionado ao saber que eles nunca o haviam visto ou ouvido falar dele. Quando Roger Lancelyn Green e eu estávamos escrevendo *C. S. Lewis: A Biography* (C. S. Lewis: uma biografia), de 1974, ninguém mais o havia visto ou reconhecido nossa descrição dele na biografia. E eu erroneamente concluí que ele nunca tinha sido lido para os Inklings — o grupo de amigos que se encontrava nas salas de Lewis no Magdalen College toda quinta-feira à noite, durante o semestre. Mas, então, o amigo de Lewis, frei dominicano Gervase Mathew, leu o manuscrito e o reconheceu de imediato. Ele se lembra de ouvir Lewis ler os primeiro quatro capítulos em uma reunião dos Inklings em 1939 ou 1940 e que a discussão dos Inklings sobre esses capítulos centrava-se principalmente em torno do tempo e da memória, pelos quais Lewis, naquele tempo, tinha verdadeiro fascínio.

Os amigos de Lewis e quase todos em Oxford teriam entendido suas referências, no primeiro capítulo, às “senhoras inglesas em Trianon”, que “viram toda a cena a partir de uma parte do passado, muito antes de seu nascimento” e ao livro escrito por “Dunne”. Mas elas não são bem conhecidas hoje e algum esclarecimento é provavelmente necessário. As “senhoras inglesas” eram Srta. Charlotte Anne Elizabeth Moberley (1846-1937), a diretora do St. Hugh’s College, Oxford, de 1886 a 1915, e a Srta. Eleanor Frances Jourdain (1863-1924), que foi diretora na mesma faculdade, de 1915 a 1924. Essas senhoras distintas e cultas ganharam considerável notoriedade em Oxford ao publicarem, em 1911, sob o pseudônimo de “Elizabeth

Morison” e “Frances Lamont”, um livro fascinante intitulado *An Adventure* (Uma aventura) — cuja “aventura” consistia em sua observação, quando de sua primeira visita ao Petit Trianon em agosto de 1901, ao palácio e aos jardins, exatamente como acreditavam que teria sido no tempo de Maria Antonieta, em 1792.

Essa extraordinária história de fantasmas talvez não tenha sido tão inacreditável, e entendo que Lewis acreditou nela até que, algum tempo depois, seu amigo Dr. R. E. Havard mencionou ter visto um cancelamento dela, feito por uma das senhoras envolvidas. Lewis não havia, até então, ouvido a respeito de nenhuma negação e Dr. Havard diz que ele não estava “propenso a aceitá-la”. Embora o Dr. Havard não fosse a única pessoa a acreditar que houve um cancelamento (professor Tolkien foi outro), as pessoas que ouviram falar sobre a Srta. Moberley e a Srta. Jourdain parecem nunca ter ouvido sobre isso. Nesse caso — e até aí há forte evidência do contrário —, talvez seja sábio concluir que as senhoras ficaram presas à sua história para o resto de suas vidas. Embora parecesse que Lewis acreditou no testemunho das senhoras enquanto escrevia “A Torre Negra”, ele não terminou como começou. Perto do fim de sua vida, ele acreditou que as declarações da Srta. Jourdain não eram confiáveis.

O outro livro mencionado no primeiro capítulo e que lançou fogo na imaginação de Lewis é *An Experiment with Time* (Uma experiência com o tempo), de 1927, de John William Dunne, um experimentador aeronáutico e expoente do Serialismo. Na Parte III de seu livro, Dunne sugere que todos os sonhos são compostos de imagens e de experiências passadas e imagens de experiências futuras combinadas em proporções aproximadamente idênticas. A fim de corroborar isso, ele sugere — e esse é o “experimento” ao qual Orfeu se refere na página 28, que as pessoas podem manter um caderno e um lápis sob o travesseiro e, “imediatamente, ao acordar, antes mesmo de abrir os seus olhos, põe-se a se lembrar do sonho, que se esvai rapidamente”, com a consequência de que, se tal diário for mantido por um

período suficientemente longo, o experimentador descobrirá tal mistura de eventos passados e futuros. Deve-se notar, no entanto, que, conquanto Dunne esteja dizendo que um homem pode, sob certas condições, vislumbrar passado e futuro de sua própria vida, Orfeu está combinando isso com a crença de que é possível enxergar dentro da vida de outras pessoas — como as senhoras de St. Hugh afirmam ter feito por intermédio da mente da rainha francesa.

Lewis teve muitos sonhos grandes e experimentou ocorrências frequentes de *déjà-vu*. À medida que, no entanto, seus sonhos fossem frequentemente pesadelos, que ele parecia mais ansioso para esquecer que para lembrar, duvido que ele tentasse o “experimento” de Dunne. Durante o curso dos encontros dos Inklings e em uma conversa posterior com Gervase Mathew na Passagem de Addison (do Magdalen College), Lewis disse que acreditava que o *déjà-vu* consistia em “enxergar” o que você — e só você — tinha em determinado tempo meramente sonhado.

Na segunda dessas ocasiões, Gervase Mathew sugeriu que a memória, que às vezes parece envolver predição, poderia ser um dom herdado, um legado ancestral. O quão longe Lewis foi com isso é difícil dizer, mas a ideia parece ter se alojado em sua mente para ressurgir mais tarde em *That Hideous Strength* (Uma força medonha), no qual Jane Studdock herdou o dom da intuição de Tudor, a habilidade de sonhar realidades. Mesmo a noção de um “Outrotempo”, que não é nem nosso passado, presente nem futuro, foi encontrar seu caminho em seus livros posteriores — mais notadamente *As crônicas de Nárnia*. Mais próximo do tempo em que “A Torre Negra” foi escrito, as ideias encontraram expressão em *That Hideous Strength*, em que a seguinte explicação é oferecida, quanto a onde Merlin estava no século V até quando acordou no século XX: “Merlin não havia morrido. Sua vida havia sido escondida, desviada, mudada de um tempo unidimensional, por quinze séculos... naquele lugar onde aquelas coisas permanecem e que foram retiradas da

estrada principal do tempo, atrás das cercas invisíveis, nos campos inimagináveis. Nem todos os tempos que estão fora do presente são, portanto, passado ou futuro”.

Enquanto “A Torre Negra” nos diz muito sobre as reflexões de C. S. Lewis sobre o tempo, acho que seria um erro supor que fato e ficção, tão belamente combinados em sua história, não estivessem diferenciados um do outro em sua mente. Embora fosse um cristão supernaturalista inveterado, a verdade é que, embora visse as interessantes possibilidades que os fenômenos psíquicos ofereciam à ficção, ele desconfiava do espiritualismo e acreditava que os mortos tinham coisas que valiam muito mais a pena fazer que enviar “mensagens”. “Alguém vai negar”, ele escreveu em “Religion without Dogma?” (Religião sem dogma?), “que a vasta maioria de mensagens espirituais cai lamentavelmente embaixo do melhor que se tem pensado e dito, mesmo neste mundo? — que na maioria delas encontramos uma banalidade e um provincialismo, uma união paradoxal do tradicional com o empolgado, da monotonia com o entusiasmo, que sugeriria que as almas dos moderadamente respeitáveis estivessem sob os cuidados de Annie Besant e Martin Tupper?”.

Na verdade, a maioria das declarações em “A Torre Negra”, declarações que falam sobre o oculto, vem de Orfeu e não de Ransom e Lewis, que são os únicos cristãos da história. Lewis havia bebido profundamente das obras de G. K. Chesterton, e, quando Ransom rejeita a noção da reencarnação pelo fato de ser cristão (p. 38), está muito provavelmente ecoando uma passagem do livro favorito de Lewis entre os livros de Chesterton, *The Everlasting Man* (O homem eterno), que chegou muito perto de explicar porque Lewis não era capaz de acreditar em algo que achava tão contrário ao cristianismo. “A reencarnação não é verdadeiramente uma ideia mística”, disse Chesterton. “Não se trata verdadeiramente de uma ideia transcendente ou, nesse sentido, de uma ideia religiosa. O misticismo concebe uma experiência de alguma forma transcendente; a religião busca vislumbres de um

bem melhor ou de um mal pior que a experiência pode dar. A reencarnação necessita somente de experiências estendidas no sentido de repeti-las. Não é mais transcendental para um homem lembrar o que ele fez na Babilônia, antes de nascer, do que lembrar o que fez em Brixton antes de levar uma pancada na cabeça. Suas vidas sucessivas não *precisam* ser mais que vidas humanas, sob quaisquer limitações que dificultem a vida humana. Isso não tem nada a ver com ver a Deus ou com invocar o demônio” (cap. VI).

Há, sem dúvida, outros além de mim que se confundiram ao não encontrar o fragmento de um tema altamente teológico como esse, que permeiam os outros livros interplanetários. Penso que a resposta seja — e isso de fato o próprio Lewis diz — que ele nunca começou qualquer história com uma moral em mente e que onde quer que haja uma, ele a tenha promovido de maneira espontânea. Talvez, se ele tivesse continuado a escrever “A Torre Negra”, esse tema tivesse emergido, mas não podemos ter certeza. Lewis certamente não parece ter sabido exatamente o que fazer com Ransom que, até onde vai a história, tem poucas das qualidades intelectuais e heroicas com as quais é abundantemente favorecido em *Perelandra*, *That Hideous Strength* (Essa horrível força) e, em menor medida, *Além do planeta silencioso*. Tudo o que sabemos é que ele é um tipo de cristão “residente” que tem viajado bastante. Em seu *Reply to Professor Haldane* (Resposta ao Professor Haldane), Lewis diz que o Ransom de *That Hideous Strength* (e, presumivelmente, também de *Perelandra*) é “em certo sentido um retrato imaginário de um homem que eu conheço, mas não de mim”, e Gervase Mathew acredita que esse “homem” é provavelmente Charles Williams, a quem Lewis estava apenas conhecendo quando escreveu “A Torre Negra”. Gervase Mathew, que estava próximo de ambos os homens e em posição de observar a profunda influência de Williams sobre Lewis, enxerga o Ransom dos dois últimos romances como tendo crescido em uma espécie de Williams idealizado — mas um Williams, eu me arriscaria a supor,

apoiado pelo brilho constante e pelo gênio filológico de outros grandes amigos de Lewis, tais como Owen Barfield e J. R. R. Tolkien.

Outro ponto a destacar no encontro dos Inklings dizia respeito ao “chifre de unicórnio” do Homem do Ferrão, que os amigos de Lewis pensavam sugerir implicações sexuais desagradáveis. Não penso que Lewis, consciente ou inconscientemente, tinha a intenção de levantar tal implicação. Mas ele levou a objeção a sério e acredito que isso explique porque, no capítulo 5, quando Scudamour começa a ver um “ferrão” crescendo, se incomodou de dizer: “É claro que Scudamour leu sua psicanálise. Ele está perfeitamente ciente de que, sob condições anormais, um desejo muito mais natural poderia disfarçar-se nessa forma grotesca. Mas ele está bem certo de que não era isso o que estava acontecendo”.

É sedutor pensar em como Lewis poderia ter continuado sua história. Fraco em matemática, ele pode ter ou não conseguido imaginar um método convincente de livrar Scudamour do lugar apertado onde estava no momento em que termina o texto. Lamento que jamais possamos saber qual fim ou fins (se é que existia algum) Lewis tinha em mente para sua história, antes de abandoná-la para escrever várias outras obras, entre as quais *O problema do sofrimento* (1940), *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (1942) e *A Preface to Paradise Lost* (*Prefácio ao Paraíso Perdido*, de 1942), cujo último capítulo possivelmente deu-lhe a ideia de *Perelandra*, na qual estava trabalhando no início de 1941. É, além disso, possível — e até mesmo provável — que Lewis viesse a começar outras histórias a partir dos manuscritos que não sobreviveram. Ainda assim, embora fosse típico de Lewis sempre jogar seus manuscritos no cesto de lixo, era improvável que se esquecesse de algo.

Temos observado o que aconteceu com *Outrotempo* em outros livros. Há outros elementos de *A Torre Negra* que aparecem, apesar de consideravelmente alterados,

em *That Hideous Strength* (Uma força medonha). Um personagem que foi transferido reconhecidamente para dentro da atmosfera de *That Hideous Strength* é o escocês MacPhee. E é aqui que tocamos em um dos pontos fracos de “A Torre Negra”: o ceticismo persistente de MacPhee em relação ao cronoscópio, em face de uma experiência diária de seu trabalho real. Owen Barfield me disse o seguinte a esse respeito: “É como se Lewis estivesse dizendo para si mesmo: ‘Eu decidi ter um escocês divertido e esperto como um de meus personagens e, o que quer que lhe aconteça, um escocês divertido e esperto ele irá alegremente continuar sendo — e gostando de ser!’”.

Há, provavelmente, traços das duas Camillas na Jane Studdock de *That Hideous Strength* (Uma força medonha). Antes que Lewis mudasse o sobrenome de Camilla para “Bembridge”, que primeiro aparece na página 61, ela era chamada de Camilla “Ammeret”. Isso sugere que o relacionamento entre Scudamour e as duas Camillas pudesse estar baseado nos personagens de Sir Scudamour e Amoret, na obra de Spenser, *Faerie Queene* (livro III), que conta a história de como a nobre e virtuosa Amoret, imediatamente após seu casamento com Sir Scudamour, é levada à força pelo encantador Busirane e aprisionada até ser libertada por Britomart. Lewis pode ter começado com a ideia de um romance entre seu Scudamour e uma bela Camilla da Terra, achando que precisava de alguma razão para transportar Scudamour para Outrotampo e então teve a ideia de enviá-lo para lá a fim de resgatar a garota que verdadeiramente ama. Com uma Camilla *extra*, então, Lewis parece ter decidido torná-la tão “moderna”, que teria se transformado na pessoa errada para Scudamour, em qualquer que fosse o caso. A personagem de Outrotampo, Camilla, nunca foi devidamente desenvolvida, mas aquela que vive sobre a Terra nos diz muito a respeito da visão de Lewis de uma mulher “moderna” e nos fornece o que possivelmente seja o mais admirável estudo de um pequeno personagem no livro: “Pois a verdadeira Camilla Bembridge [...] se sentia tão ivre para falar sobre as

coisas que sua avó não podia mencionar que Ransom certa vez disse que se perguntava se ele teria liberdade para falar sobre qualquer outra coisa com ela” (p. 110). Penso que seja provável que, independentemente de como Scudamour retornasse a Terra, Lewis teria conseguido trocar as duas mulheres para que a bela fosse para casa com Scudamour e a “moderna” acabasse em Outrotempo. Um dos livros que fazem com que Scudamour reflita sobre Outrotempo descreve como as crianças de Outrotempo haviam sido “troçadas” pelas da Terra e talvez não seja tão irreal supor que Lewis pode ter pensado em fazer com que Scudamour descobrisse que as duas Camillas haviam sido “troçadas” quando crianças. E talvez muitas outras pessoas também.

O homem que nasceu cego

— Abençoa-nos! — disse Maria. — São onze horas. E você está quase dormindo, Robin.

Ela se levantou com um tumulto de ruídos familiares, guardando seus carretéis e suas pequenas caixas de papelão no cesto de costura.

— Vamos, rapaz preguiçoso! — ela disse. — Você quer estar bonito e viçoso para a sua primeira caminhada amanhã.

— Isso me faz lembrar... — disse Robin e então parou. Seu coração estava batendo tão alto que ele estava com medo de que isso fizesse com que sua voz soasse estranha. Ele teve de esperar antes de continuar. — Suponho — ele disse — que... haverá *luz* lá fora, quando eu sair para essa caminhada.

— O que você quer dizer, querido? — perguntou Maria. — Você quer dizer que estará mais claro fora de casa? Bem, sim, suponho que esteja. Mas devo dizer que sempre acho esta casa muito iluminada. Veja esta sala agora. Temos tido o sol sobre ela o dia inteiro.

— O sol a deixa... quente? — perguntou Robin com hesitação.

— Sobre o que você *está* falando? — indagou Maria, virando-se de repente. Ela falou com severidade, naquela que Robin costumava chamar de sua voz “educadora”.

— Quero dizer... — disse Robin — bem, olhe aqui, Maria. Há uma coisa que tenho desejado dizer a você desde que voltei da casa de repouso. Sei que isso soará imbecil para você. Mas é sério para mim. Tão logo soube que teria uma chance de obter minha visão, é claro que aguardei ansiosamente. A última coisa em que pensei antes da cirurgia foi em “luz”. Então todos aqueles dias subsequentes, esperando até que eles retirassem as ataduras...

— É claro, querido. Isso é natural.

— Então, então, por que eu não... quero dizer, onde está a luz?

Ela colocou a mão sobre o braço dele. Três semanas de vista ainda não o haviam

ensinado a ler a expressão de uma face, mas ele sabia, por meio daquele toque, a grande onda de afeto ingênuo, amedrontado, que havia brotado nela.

— Por que não vir para a cama, Robin querido? — ela disse. — Se há alguma coisa importante, não podemos falar sobre isso de manhã? Você sabe que está cansado agora.

— Não. Tenho de esclarecer isso. Você tem de me falar sobre luz. Grande escocesa, você não quer que eu saiba?

Ela se sentou rapidamente com uma calma formal que o deixou alarmado.

— Muito bem, Robin — ela disse. — Pergunte qualquer coisa que quiser. Não há nada com que se preocupar... há?

— Bem, então, primeiro de tudo, há luz nesta sala no momento?

— É claro que há.

— Então, onde ela está?

— Ora, ao nosso redor.

— Você pode vê-la?

— Sim.

— Então por que não posso?

— Mas, Robin, você pode. Querido, seja lógico. Você pode me ver, não pode? E o consolo da lareira e a mesa e tudo?

— Elas são luz? É tudo o que ela significa? Você é luz? O consolo da lareira é luz? A mesa é luz?

— Ah! Eu entendo. Não. Claro que não. Isso é luz — e apontou para a lâmpada, coberta por seu matiz rosa, pendurada no teto.

— Se isso é luz, por que me disse que a luz estava ao nosso redor?

— Quero dizer, é isso o que dá a luz. A luz vem dali.

— Então onde está a luz propriamente dita? Você entende? Não vai dizer. Ninguém irá. Você me diz que a luz está aqui e ali e que isso está na luz e aquilo

está na luz e ontem me disse que eu estava em sua luz e agora diz que a luz é um poço de arame amarelo em uma lâmpada de vidro pendurada no teto. Você chama isso de luz? É sobre isso que Milton estava falando? Sobre o que você está gritando? Se você não sabe o que é a luz, por que não pode dizer que não sabe? Se a cirurgia foi um fracasso e eu não consigo enxergar bem, afinal, me diga. Se não há tal coisa, se tudo foi um conto de fadas desde o princípio, diga-me. Mas, pelo amor de Deus...

— Robin! Robin. Não. Não continue assim.

— Continue o quê? — Ele então desistiu, desculpou-se, consolou-a e então foram para a cama.

Um homem cego tem poucos amigos; um homem cego que recentemente recebeu sua visão, em certo sentido, não tem nenhum. Ele não pertence nem ao mundo dos cegos, nem ao dos que enxergam e ninguém pode compartilhar sua experiência. Depois da conversa daquela noite, Robin nunca mencionou a ninguém seu problema com a luz. Ele sabia que diriam que ele estava louco. Quando Maria o levou, no dia seguinte, para a sua primeira caminhada, ele respondeu a tudo o que ela disse: “É lindo — tudo lindo. Deixe-me beber disso tudo”, e ela ficou satisfeita. Ela interpretou seus primeiros vislumbres como vislumbres de prazer. Na realidade, é claro, ele estava buscando, buscando com uma fome que já tinha algo de desespero nela. Mesmo que tivesse ousado, ele sabia que seria inútil perguntar a ela sobre qualquer dos objetos que ele vira, “É luz?”. Ele podia ver por si mesmo que ela somente responderia, “Não. É verde” (ou “azul”, ou “amarelo”, ou “um campo”, ou “uma árvore” ou “um carro”). Nada podia ser feito até que ele sáísse para andar por si mesmo.

Aproximadamente cinco semanas depois, Maria teve uma dor de cabeça e tomou café da manhã na cama. Como Robin desceu para o andar inferior, ele ficou por um momento chocado ao notar o doce sentimento de fuga que veio com a sua ausência.

Então, com um longo suspiro desavergonhado de consolo, ele deliberadamente fechou seus olhos e tateou pela cozinha até sua estante de livros — por essa única manhã, ele abriria mão de sua atividade entediante de guiar-se por seus olhos e julgar distâncias e desfrutaria dos métodos antigos e fáceis dos cegos. Sem esforço, seus dedos percorriam fiéis as fileiras de livros em braille e apanhava o volume surrado que queria. Correu sua mão entre as folhas e arrastou os pés até a mesa, lendo enquanto ia em frente. Ainda com seus olhos fechados, espetou seu alimento, deixou de lado a faca, pegou o garfo com sua mão esquerda e começou a ler com a direita. Ele percebeu imediatamente que aquela tinha sido a primeira refeição que ele havia saboreado desde a recuperação de sua visão. Foi também o primeiro livro que ele havia lido. Ele tinha sido muito rápido, todos lhe disseram para aprender a ler com a vista, mas isso nunca seria a coisa verdadeira. “Á-g-u-a” poderia ser soletrada; mas essas marcas negras nunca seriam unidas ao seu significado como em braille, em que a forma dos personagens comunicava um sentimento instantâneo de liquidez através da ponta de seus pés. Ele levou um longo tempo para tomar café da manhã, e então saiu.

Havia uma neblina naquela manhã, mas ele havia encontrado neblinas antes e essa não o aborrecia. Ele passou por ela, para fora da cidadezinha e até a colina escarpada e então pelo campo que passava em próximo a uma mina aberta. Maria o havia levado ali poucos dias antes, para mostrá-lo o que ela chamou de “visão”. E, enquanto eles sentavam olhando para ela, Maria dissera: “Que luz linda sobre as colinas ali”. Tratava-se de um sinal desprezível, pois ele estava agora convencido de que ela não sabia mais sobre luz do que ele, que usava a palavra, mas não queria dizer nada com ela. Ele estava até mesmo começando a suspeitar de que a maioria dos que enxergam estava na mesma posição. O que se ouvia entre eles era a repetição imitativa de um rumor — o rumor de algo que talvez (era a sua última esperança) os grandes poetas e profetas do passado haviam realmente conhecido e

visto. Foi em seu testemunho apenas que ele ainda esperava. Ainda era possível que em algum lugar do mundo, não em toda parte como tolos lhe haviam tentado fazer acreditar, guardada em florestas densas ou divididas por mares distantes, a coisa Luz poderia verdadeiramente existir, brotando como uma fonte ou crescendo como uma flor.

A neblina estava diminuindo quando ele chegou à beira da mina. À esquerda e à direita mais e mais árvores estavam visíveis e suas cores mais brilhantes a cada momento. Sua própria sombra andava adiante dele; ele notou que ela se tornara mais negra e aguçada enquanto ele olhava para ela. Os passarinhos também cantavam e estava muito quente. “Mas ainda nenhuma luz”, murmurou. O sol estava visível atrás dele, mas próximo à mina ainda estava repleto de neblina — uma brancura sem forma, agora com um branco que quase cegava.

De repente, ele ouviu um homem cantando. Alguém que ele não havia notado antes estava próximo da beira do penhasco com suas pernas muito separadas tocando levemente um objeto que Robin não podia reconhecer. Se ele fosse mais experimentado não a reconheceria como uma tela ou cavalete. Por assim dizer, seus olhos encontraram os olhos de seu estranho de olhar selvagem tão inesperadamente que ele deixou escapar:

— O que você está fazendo? — antes de percebê-lo.

— Fazendo? — disse o estranho com certa brutalidade. — Fazendo? Estou tentando apanhar luz, se você quer saber, droga.

Um sorriso brotou na face de Robin.

— Eu também — ele disse. E aproximou-se do estranho.

— Ah, você também sabe, não sabe? — disse o outro. Então, quase que de forma vingativa: — Eles são todos tolos. Quantos deles saem para pintar em um dia assim, hã? Quantos deles irão reconhecê-la se você mostrá-la? E, no entanto, se eles pudessem abrir seus olhos, ele é o único tipo de dia no ano inteiro quando você

pode realmente *ver* a luz, luz sólida, que poderia beber em um copo ou na qual poderia banhar-se! Olhe para ela!

Ele pegou com força o braço de Robin, mas era tarde demais. Ele já estava só no caminho. De debaixo de uma fenda recém-criada e que rapidamente desapareceu na neblina, não veio nenhum grito, mas somente um som muito agudo e definido, como se não fosse produzido pela queda de qualquer coisa tão frágil quanto um ser humano; isso e algumas pancadas de pedras desprendidas.

As terras fajutas

Tendo, como acredito, a mente sã e a saúde normal, estou sentado às onze horas da noite para registrar, enquanto a memória ainda está fresca, a experiência curiosa que tive hoje pela manhã.

Ela aconteceu em minha sala na faculdade, onde estou agora escrevendo, e começou da maneira mais comum, com uma chamada telefônica.

“É Durward”, disse a voz. “Estou falando da guarita do porteiro. Estarei em Oxford por algumas horas. Posso ir até aí vê-lo?”.

Eu disse que sim, é claro. Durward é um ex-aluno e uma pessoa honrada; eu ficaria contente em vê-lo novamente. Quando ele apareceu em minha porta alguns momentos depois, fiquei bem irritado ao descobrir que ele tinha uma jovem como companhia. Detesto homens ou mulheres que falam como se estivessem vindo sozinhos e então aparecem com um marido ou uma esposa, um noivo ou noiva. Alguém devia ser informado antecipadamente.

A garota não era nem muito bonita, nem muito comum e, é claro, estragou minha conversa. Não pudemos falar sobre nenhuma das coisas que Durward e eu tínhamos em comum, porque isso significaria deixá-la lá fora, no frio. E ela e Durward não poderiam falar sobre as coisas que eles (presumivelmente) tinham em comum, porque isso teria me deixado de fora. Ele a apresentou como “Peggy” e disse que estavam noivos. Depois disso, nós três nos sentamos e conversamos sobre amenidades, relacionadas ao clima e às notícias.

Tenho a tendência de ficar encarando as pessoas quando estou entediado e receio que devo ter encarado essa garota, sem o menor interesse, por um bom tempo. De qualquer forma, era certamente o que eu estava fazendo, na hora em que a experiência estranha começou. Bem repentinamente, sem qualquer fraqueza, náusea ou coisa desse tipo, vi-me em um lugar totalmente diferente. A sala familiar desaparecera; Durward e Peggy desapareceram. Eu estava só. E em pé.

Minha primeira ideia foi de que havia algo errado com meus olhos. Eu não

estava no escuro, nem mesmo no crepúsculo, mas tudo parecia curiosamente embaçado. Havia um tipo de luz do dia, mas, quando eu olhava para cima, não via nada que pudesse chamar confiadamente de céu. Ele poderia, possivelmente, ser o céu de um dia muito sem graça, monótono e cinza, mas carecia de qualquer sugestão de distância. “Indescritível” era a palavra que eu usaria para descrevê-lo. Mais para baixo e perto de mim, havia figuras eretas, vagamente verdes na cor, mas de um verde muito escuro. Olhei-as por bastante tempo antes que me ocorresse que elas poderiam ser árvores. Cheguei mais perto e as examinei; e a impressão que me deram não é fácil de ser colocada em palavras. “Árvores de determinado tipo” ou “bem, árvores, se você chama isso de árvore” ou “um esforço de árvores” chegaria perto. Elas eram a mais rude e pobre apologia para árvores que você poderia imaginar. Não tinham uma anatomia propriamente dita, nem sequer galhos de verdade; eram mais como postes com grandes bolhas sem forma de verde grudado em seus topos. A maioria das crianças poderia desenhar árvores melhores.

Foi enquanto eu as estava esperando que primeiro notei a luz: um brilho constante e prateado a certa distância na Floresta Fajuta. Voltei meus passos na direção dela imediatamente e então primeiro percebi sobre o que estava caminhando. Era um material confortável, macio, frio e flexível para os pés; mas quando você olhava era terrivelmente decepcionante para os olhos. Tinha, de certa forma, a cor da grama; a cor que a grama tem em um dia muito sombrio, quando você olha para ela enquanto pensa muito em algo diferente. Mas não havia nenhuma folha separada nela. Eu me agachei e tentei encontrá-las; quanto mais perto olhava, mais vaga ela parecia se tornar. Ela tinha, na verdade, a mesma qualidade suja e inacabada das árvores: fajuta.

Eu estava agora começando a ter consciência do pleno assombro de minha aventura. Com isso veio o medo e, ainda mais, um tipo de repulsa. Duvido que

possa ser plenamente comunicado a qualquer um que não tenha tido uma experiência semelhante. Senti como se tivesse repentinamente sido banido do mundo real, brilhante, concreto e prodigamente complexo, para dentro de algum tipo de universo de segunda classe que havia todo ele se juntado por uma ninharia; por um imitador. Mas continuei caminhando em direção à luz prateada.

Aqui e ali na grama fajuta havia manchas do que parecia, a distância, flores. Mas cada mancha, quando você se aproximava, era tão real quanto as árvores e a grama. Não era possível perceber de que espécie elas poderiam ser. E não tinham caules ou pétalas de verdade; eram meras bolhas. Quanto às cores, eu poderia criá-las melhor com um estojo de tintas barato.

Eu gostaria muito de acreditar que estava sonhando, mas de algum modo sabia que não estava. Minha real convicção foi de que eu havia morrido. Eu desejei — com um fervor que nenhum outro desejo meu jamais alcançou — que tivesse vivido uma vida melhor.

Uma hipótese inquietante, como você percebe, estava se formando em minha mente. Mas, no momento seguinte, ela desmanchou-se em pedaços. Em meio a toda a ilusão, deparei-me de repente com um narciso silvestre. Narcisos silvestres verdadeiros, ornamentados, frios e perfeitos. Inclinei-me e os toquei; endireitei minhas costas novamente e meus olhos devoraram aquela beleza. E não apenas a beleza deles, mas — o que importava para mim ainda mais naquele momento — sua, por assim dizer, honestidade; narcisos silvestres reais, honestos, completos, coisas vivas que podiam ser analisadas.

Mas onde, então, eu poderia estar? “Vamos chegar àquela luz. Talvez tudo fique claro lá. Talvez ela esteja no centro desse lugar misterioso”.

Alcancei a luz mais cedo do que esperava, mas, quando a alcancei, tinha algo mais em que pensar, pois agora encontrara as Coisas Caminhantes. Tenho que chamá-las assim, pois “pessoas” é justamente o que elas não eram. Tinham o

tamanho humano e andavam sobre duas pernas; mas eram, na maioria, homens verdadeiros, do mesmo modo que as Árvores Fajutas não eram árvores verdadeiras. As “pessoas” eram indistintas. Embora certamente não estivessem nuas, não era possível distinguir que tipo de roupa estavam vestindo e, embora houvesse uma bolha pálida no topo de cada uma delas, não dava para dizer que tinham rostos. Ao menos essa era a minha primeira impressão. Então comecei a notar exceções curiosas. De vez em quando, uma delas se tornava parcialmente distinta; um rosto, um chapéu ou um vestido sobressaía-se em detalhes. O estranho era que as roupas distintas eram sempre roupas femininas, mas os rostos distintos eram sempre os de homem. Ambos os fatos tornavam a multidão — ao menos para um homem do meu tipo — tão desinteressante como possivelmente poderia ser. As faces masculinas não eram do tipo com o qual eu me preocupasse; um bando de visual espalhafatoso — gigolôs, malandros. Mas eles pareciam satisfeitos o bastante consigo mesmos. Na verdade, todos tinham o mesmo aspecto de admiração estúpida.

Eu agora via de onde vinha a luz. Eu estava em um tipo de rua. Ao menos, atrás da multidão de Coisas Caminhantes de ambos os lados, parecia haver vitrines, e delas vinha a luz. Forcei meu caminho através da multidão à minha esquerda — mas meu esforço pareceu não produzir contato físico — e dei uma olhada em uma das lojas.

Aqui tive uma nova surpresa. Era uma joalheria, e após a incerteza e a podridão da maioria das coisas naquele lugar misterioso, a visão claramente tirou meu fôlego. Tudo naquela janela era perfeito: cada faceta sobre cada diamante distinto, cada broche polido e tiara na perfeição de cada detalhe intrincado. Era também de boa qualidade, como dava para perceber; e devia custar centenas de milhares de libras. “Graças a Deus!”, suspirei. “Mas será que vai continuar assim?”. Rapidamente olhei para a próxima loja. O padrão continuara. A janela continha

vestidos femininos. Não sou juiz, por isso não posso dizer o quão eles eram bons. A loja depois dessa vendia sapatos femininos. E o padrão continuava. Eles eram sapatos de verdade; do tipo que aperta os dedos e que têm salto alto e que, no meu entendimento, destrói até mesmo o pé mais bonito, mas, de todo modo, verdadeiros.

Eu estava justamente pensando comigo mesmo que algumas pessoas não achariam esse lugar nem um pouco entediante como eu o achei, quando a esquisitice de tudo veio à minha mente de novo. “Em que diabos de lugar”, comecei, mas imediatamente a infelicidade tomou conta de mim, “Em que lugar” — pois a outra expressão parecia, em todas as circunstâncias, singularmente infeliz —, “em que lugar eu vim parar? As árvores não são boas; a grama não é boa; o céu não é bom; as flores não são boas, exceto os narcisos silvestres; as pessoas não são boas; as lojas, de primeira classe. O que isso pode querer dizer?”.

As lojas, a propósito, eram todas lojas femininas, de modo que logo perdi o interesse por elas. Caminhei por toda aquela rua e, então, mais um pouco adiante vi a luz do sol.

Não propriamente a luz do sol, é claro. Não houve nenhuma mudança no céu sombrio que fosse digna de nota, nenhum raio que o tivesse penetrado. Tudo isso, como muitas outras coisas naquele mundo, não havia sido tratado. Havia simplesmente um pedaço de luz do sol sobre o chão, inexplicável, impossível (exceto que estava ali), e, portanto, nem um pouco encorajador; antes, abominável e inquietante. Mas eu tinha pouco tempo para pensar sobre ele, pois algo no centro daquele pedaço iluminado — algo que eu tomara por um pequeno edifício — repentinamente se moveu, e com um choque repugnante percebi que estava olhando para uma figura humana gigantesca. Ela se virou. Seus olhos olharam direto nos meus.

Ela não era apenas gigantesca, como também a única figura humana completa

que eu vira desde que chegara a esse mundo. Ela era do sexo feminino. Deitada sobre a areia banhada de sol, aparentemente em uma praia, embora não houvesse nenhum sinal de mar. Ela estava quase nua, porém tinha uma tira de material colorido em torno de seu quadril e de seus seios; como o que uma garota moderna usa em uma praia de verdade. O efeito geral era repulsivo, mas observei em um momento ou dois que isso se devia ao seu tamanho espantoso. Considerada de forma abstrata, o gigante tinha uma boa imagem; quase perfeita, se você gosta do tipo moderno. O rosto — mas tão logo eu havia reconhecido o rosto, gritei.

“Não é possível. Aí está você. Onde está Durward? E que lugar é este? O que aconteceu conosco?”.

Mas os olhos continuaram olhando direto para mim e através de mim. Eu era obviamente invisível e inaudível para ela. Mas não havia dúvida de quem se tratava. Ela era Peggy. Ou seja, podia ser reconhecida como tal; mas era Peggy mudada. Não falo apenas do tamanho. Quanto à figura, era Peggy melhorada. Não penso que ninguém poderia negar isso. Quanto ao rosto, opiniões poderiam divergir. Eu não chamaria a mudança de uma melhora. Não havia mais nenhum — e duvido que tenha havido — senso, bondade ou honestidade nesse rosto comparado ao da Peggy original. Mas ele era certamente mais regular. Os dentes, em particular, que eu havia notado como um ponto fraco na Peggy antiga, estavam perfeitos, como em uma boa dentadura. Os lábios eram mais cheios. A aparência era tão perfeita que sugeria uma boneca muito cara. A expressão pode ser mais bem descrita ao se dizer que Peggy agora aparentava ser como a garota em todas as propagandas.

Se eu tivesse que casar com ela, preferiria a Peggy inalterada, antiga. Mas mesmo no inferno eu esperava que ela não surgisse assim.

E, enquanto observava, o cenário — o pequeno e absurdo pedaço de praia — começou a mudar. A figura gigante ficou em pé. Estava sobre um tapete. Paredes, janelas e móveis cresceram ao seu redor. Ela estava em um quarto de dormir.

Mesmo eu poderia dizer que era um quarto caro, embora não fosse de modo algum minha ideia de bom gosto. Havia muitas flores, a maioria orquídeas e rosas, ainda mais bem acabadas que os narcisos silvestres. Um grande buquê (com um cartão colocado nele) era o melhor que eu jamais vira. Uma porta aberta atrás dela deu-me uma vista de um banheiro que eu gostaria de ter, um banheiro com uma banheira. Nele, havia uma criada francesa agitada de um lado para o outro com saís de banho, toalhas e coisas. A criada estava longe de ter organizado as flores, ou mesmo as toalhas, mas tinha um rosto que parecia mais francês que qualquer mulher francesa de verdade.

A Peggy gigante agora removera seus apetrechos de praia e ficara nua diante do espelho de corpo inteiro. Aparentemente gostava do que via; mal posso expressar o quanto não gostei. Em parte pelo tamanho (é apenas justo lembrar isso), mas, ainda mais, algo que me provocou um choque terrível, embora eu suponha que amantes modernos e maridos devam estar habituados a isso. Seu corpo estava (é claro) bronzeado, como os corpos nas propagandas de bronzeadores. Mas ao redor de seus quadris, e, novamente, em torno de seus seios, outrora cobertos, havia duas fitas de um branco opaco que parecia, em contraste, como lepra. Isso me deixou na hora quase que fisicamente doente. O que me abalou foi que ela podia ficar em pé e admirar-se. Será que ela não tinha ideia de como isso afetaria olhos masculinos comuns? Uma convicção muito desagradável cresceu em mim de que esse não era um assunto que a interessasse; que todas as suas roupas, saís de banho e biquínis, e na verdade a luxúria de seu visual e de seus gestos, não tiveram e nunca haviam tido o significado que todo homem leria, e se desejasse que lesse. Eles eram uma enorme abertura de uma ópera, sobre a qual ela não tinha qualquer interesse; uma cerimônia de coroação sem nenhuma rainha em seu centro; gestos, gestos sobre nada.

E agora fiquei ciente de que dois ruídos estavam soando havia um bom tempo;

os únicos ruídos que eu ouvira naquele mundo, mas que vinham de fora, de algum lugar além daquela cobertura baixa e cinza que servia às Terras Fajutas, em vez de um céu. Ambos os ruídos eram batidas — batidas pacientes, infinitamente remotas, como se dois forasteiros, duas pessoas excluídas, estivessem batendo nas paredes daquele mundo. Uma era fraca, mas dura; e, com ela, vinha uma voz dizendo: “Peggy Peggy, deixe-me entrar”. A voz de Durward, eu acho. Mas como descreverei a outra batida? Ela era, de modo curioso, suave; “suave como a lã e aguda como a morte”, suave, porém insuportavelmente pesada, como se a cada batida alguma mão enorme caísse do lado de fora do Céu Fajuto e o cobrisse por completo. E com essa batida vinha uma voz, diante de cujo som meus ossos se transformassem em água: “Filha, filha, filha, deixe-me entrar antes que a noite venha.”

“Antes que a noite venha” — instantaneamente a luz do dia precipitou-se novamente sobre mim. Eu estava em meus aposentos novamente, e meus dois visitantes, diante de mim. Eles não pareciam notar que algo estranho havia me acontecido, ainda que pelo resto de nossa conversa, eles poderiam muito bem supor que eu estivesse bêbado. Eu estava muito feliz. Na verdade, de certo modo estava bêbado — bêbado de puro prazer por estar de volta ao mundo real, livre, fora da pequena e horrível prisão daquela terra. Havia pássaros cantando, próximos a uma janela; havia verdadeira luz do sol caindo sobre um painel. Esse painel necessitava ser repintado; mas eu poderia me colocar de joelhos e beijar seu desgaste — ele era preciosamente real, sólido. Notei um corte mínimo na bochecha de Durward, que ele deve ter feito enquanto se barbeava hoje de manhã; e senti a mesma coisa em relação a ele. Na verdade, qualquer coisa era o bastante para me fazer feliz; quer dizer qualquer Coisa, contanto que fosse realmente uma Coisa.

Bem, esses são os fatos; qualquer um pode fazer o que quiser deles. Minha própria hipótese é a óbvia, que terá ocorrido a todos os leitores. Talvez seja óbvia

demais; estou preparado para considerar teorias rivais. Minha visão é a de que por intermédio da operação de alguma lei psicológica ou patológica desconhecida, fosse-me permitido, por um segundo, entrar na mente de Peggy; ao menos a ponto de ver o mundo dela, o mundo como ele existe para ela. No centro desse mundo está uma imagem inchada de si mesma, remodelada para ser o máximo possível como a imagem das garotas nas propagandas. Ao redor disso estão agrupadas imagens claras e distintas de coisas com as quais ela realmente se importa. Além disso, toda a terra e o céu são uma mancha vaga. Os narcisos silvestres e rosas são especialmente instrutivos. Flores somente existem para ela se forem do tipo que podem ser cortadas e colocadas em vasos ou enviadas como buquês; flores em si mesmas, flores como você as vê nas florestas, são desprezíveis.

Como eu digo, esta não é provavelmente a única hipótese que se encaixará nos fatos. Mas tem sido uma experiência muito inquietante. Não somente porque lamento pelo pobre Durward. Suponha que esse tipo de coisa passasse a ser comum. E como seria se, em outra ocasião, eu não fosse o explorador e sim o explorado?

Anjos ministradores

O Monge, como eles o chamavam, se acomodou em uma cadeira de descanso ao lado de seu beliche e olhou pela janela para a areia dura e para o céu azul escuro de Marte. Ele não fez menção de começar seu “trabalho” nos próximos dez minutos. Não, é claro, o trabalho que o havia trazido ali para ser feito. Ele era o meteorologista da equipe, e sua obra naquela unidade havia sido amplamente feita; havia descoberto o que quer que pudesse ser descoberto. Não havia nada mais, dentro do raio limitado que ele podia investigar, a ser observado por no mínimo 25 dias. E a meteorologia não havia sido seu verdadeiro motivo. Ele havia escolhido três anos em Marte como o equivalente moderno mais próximo de um ermitão no deserto. Fora para lá a fim de meditar: continuar a reconstrução lenta e perpétua daquela estrutura interior que, em sua visão, era o principal propósito de vida a reconstruir. E agora seus dez minutos de descanso se acabaram. Ele começou com sua fórmula já bem usada. “Mestre bondoso e paciente, ensina-me a necessitar menos dos homens e a amar mais a ti.” Então a ela. Não havia mais tempo a perder. Quase seis meses se passaram desse deserto sem vida, sem pecado, sem sofrimento adiante dele. Três anos foram curtos — mas quando o grito chegou, ele se levantou de sua cadeira com a prontidão prática e alerta de um marinheiro.

O botânico na cabana ao lado respondeu ao mesmo grito com um xingamento. Seu olho estava posto no microscópio quando ele chegou. Foi enlouquecedor. Interrupção constante. Um homem poderia também tentar trabalhar no meio de Piccadilly, como nesse campo infernal. E sua obra já era uma corrida contra o tempo. Mais seis meses — e ele mal havia começado. A flora de Marte, esses organismos minúsculos, miraculosamente fortes, a ingenuidade de suas maquinações para viverem sob nenhuma outra condição senão as mais impossíveis — era uma festa para toda a vida. Ele ignoraria o grito. Mas então veio o sino. Toda a tripulação para a sala principal.

A única pessoa que não estava fazendo, por assim dizer, nada, quando o grito

chegou, era o Capitão. Para ser mais exato, ele estava (como sempre) tentando parar de pensar em Clara e continuar lendo seu jornal oficial. Clara continuava lhe interrompendo, a 56 milhões de quilômetros de distância. Era absurdo. “*Teria necessitado de todas as mãos*”, ele escreveu. Mãos... suas próprias mãos... suas próprias mãos, mãos, ele sentia, com olhos nelas, viajando sobre toda a quente-fria, macia-firme, lisa, dócil, resistente vivacidade de Clara. “Cale a boca, há uma querida”, ele disse à foto sobre sua escrivadinha. E assim, de volta ao jornal, até que as palavras fatais “*que haviam me causado alguma ansiedade*”. Ansiedade — ó Deus, o que poderia estar acontecendo a Clara agora? Como ele sabia que havia uma Clara, àquela altura? Qualquer coisa poderia acontecer. Ele fora um tolo por aceitar esse trabalho. Que outro homem recém-casado no mundo teria feito isso? Mas o gesto parecera tão sensato. Três anos de separação horrível, mas então... ó! eles foram feitos um para o outro. A ele fora prometido um posto que somente poucos meses antes não teria ousado sonhar. E ele nunca teria necessidade de ir para o Espaço novamente. E todos os subprodutos; as palestras, o livro, provavelmente um título. Muitos filhos. Ele sabia que ela desejava isso e, de uma maneira misteriosa (como começou a descobrir), também ele. Mas, maldição, o jornal. Começar um novo parágrafo — e então chegou o grito.

Fora um dos dois jovens, ambos técnicos, quem gritara. Eles haviam estado juntos desde o jantar. Ao menos Paterson estivera em pé à porta aberta da cabana de Dickson, mudando de pé em pé e balançando a porta, e Dickson estivera sentado sobre sua cama, esperando que Paterson fosse embora.

— Sobre o que você está falando, Paterson? — ele perguntou. — Quem jamais disse alguma coisa sobre uma discussão?

— Está tudo bem, Bobby — disse o outro —, mas não somos amigos como costumávamos ser. Você sabe que não somos. Ó, *eu não* estou cego. Eu lhe *pedi* que me chamasse de Clifford. E você é sempre tão reservado.

— Ah, pare imediatamente com isso! — Exclamou Dickson. — Estou totalmente pronto para fazer as pazes com você e com qualquer outro de uma maneira comum, mas toda essa conversa, como a de duas meninas de colégio, eu não vou tolerar. De uma vez por todas...

— Ah, olhe, olhe, olhe — disse Paterson. E foi então que Dickson gritou e o Capitão chegou e tocou o sino e em vinte segundos eles estavam todos reunidos atrás da maior de todas as janelas. Uma nave espacial tinha acabado de fazer uma bela aterrissagem a aproximadamente 150 metros do acampamento.

— Rapaz! — exclamou Dickson. — Eles estão nos liberando antes de nossa hora.

— Malditos sejam seus olhos. Justamente o que eles fariam — disse o botânico. Cinco figuras estavam descendo da nave. Mesmo em roupas de astronauta, era claro que um deles era muito gordo; de nenhum outro modo eles eram figuras fora do comum.

— Despressurizar a cabine — disse o Capitão.

Bebidas de sua adega limitada estavam circulando. O Capitão havia reconhecido no líder dos estrangeiros um velho conhecido, Ferguson. Dois eram jovens comuns, não desagradáveis. Mas e os outros dois?

— Não compreendo — disse o Capitão — quem exatamente... quero dizer, estamos alegres por vê-los todos, é claro, mas o que exatamente...?

— Onde está o resto de seu grupo? — perguntou Ferguson.

— Tivemos dois incidentes, lamento — disse o Capitão. — Sackville e Dr. Burton. Foi desastroso. Sackville tentou comer o que chamamos de agrião marciano. Isso o levou à loucura em questão de minutos. Ele colocou Burton no chão e, por pura má sorte, Burton caiu justamente na posição errada: atravessado sobre aquela mesa ali. Quebrou seu pescoço. Levamos Sackville amarrado sobre uma cama, mas ele morreu antes do anoitecer.

— Ele não teve a iniciativa de provar o porquinho-da-índia primeiro? — perguntou Ferguson.

— Sim — disse o botânico. — Foi esse todo o problema. O engraçado é que o porquinho-da-índia viveu. Seu comportamento, no entanto, foi extraordinário. Sackville erroneamente concluiu que o material era alcoólico. Pensou que inventaria uma nova bebida. O incômodo é que uma vez Burton morto, nenhum de nós conseguiu fazer uma autópsia confiável em Sackville. Sob análise, essa verdura mostra...

— A-a-a-h — interrompeu um dos que ainda não haviam falado. — Devemos nos prevenir contra a tendência a simplificar demais as coisas. Duvido que a substância da verdura seja a explicação verdadeira. Há estresses e pressões. Vocês estão, todos, sem sabê-lo, em uma situação altamente instável, por razões que não são nenhum mistério para um psicólogo treinado.

Alguns dos presentes haviam duvidado do sexo dessa criatura. Seu cabelo era muito curto, seu nariz muito longo, sua boca muito cerrada, seu queixo muito pontudo, e seus modos muito autoritários. A voz se revelara, cientificamente falando, de uma mulher. Mas ninguém havia tido nenhuma dúvida sobre o sexo de seu vizinho mais próximo, o gordo.

— Ah, meu querido — ela disse, ofegante —, agora não. Vou falar direto que estou assim aturdida e frágil, vou gritar se você continuar desse jeito. Suponha que não haja algo como uma torta de limão disponível. Não? Bem, uma pequena gota de gim me acalmaria. É o meu estômago, de verdade.

A voz era infinitamente feminina e talvez estivesse na casa dos setenta anos. Seu cabelo havia sido tingido, sem sucesso, para uma cor parecida com mostarda. O pó (cujo odor era forte o bastante para jogar um trem para fora dos trilhos) ficava como montes de neve nos vales complexos de seu rosto enrugado e de queixo avantajado.

— Pare! — urrou Ferguson. — O que quer que façais, não dê a ela um trago sequer para beber.

— Não tem mais, eu sei — disse a velha mulher com um choramingo e um olhar de soslaio afetuoso dirigido a Dickson.

— Perdoe-me — disse o Capitão. — Quem são essas... ah... senhoras, e o que quer dizer tudo isso?

— Estou esperando para explicar — disse a Mulher Magra e, pigarreou, limpando a garganta. — Qualquer um que esteja seguindo as Tendências de Opinião Mundiais sobre os problemas surgidos do aspecto do bem-estar psicológico da comunicação interplanetária, estará consciente do acordo crescente que um avanço extraordinário inevitavelmente exige de nós, muito além de ajustes ideológicos. Psicólogos estão agora muito cientes de que uma inibição violenta de impulsos biológicos poderosos durante um período protegido tenha, provavelmente, resultados imprevisíveis. Os pioneiros das viagens espaciais estão expostos a esse perigo. Seria inculto se se permitisse que uma suposta moralidade se colocasse no caminho de sua proteção. Devemos, portanto, encorajar-nos a encarar a visão de que moralidade, como ela tem sido até aqui chamada, não deva ser mais considerada antiética...

— Não entendo isso — disse o Monge.

— Ela quer dizer — disse o Capitão, que era um bom linguista — que o que você chama de fornicção, não deve mais ser considerado imoral.

— Correto, meu querido — disse a Mulher Gorda a Dickson —, ela só quer dizer que um pobre rapaz necessita de uma mulher de vez em quando. É apenas o natural.

— O que se exigiu, portanto — continuou a Mulher Magra —, foi um grupo de fêmeas dedicadas que dessem o primeiro passo. Isso as exporia, sem dúvida, às calúnias de muitas pessoas ignorantes. Elas seriam sustentadas pela consciência de

que estavam desempenhando uma função indispensável na história do progresso humano.

— Ela quer dizer que vocês devem ter prostitutas, queridinho — disse a Mulher Gorda a Dickson.

— Agora você está falando — disse ele com entusiasmo. — Um pouco tarde no dia, mas antes tarde do que nunca. Mas você não pode ter trazido muitas garotas àquela nave. E por que não as trouxe para dentro? Ou elas estão seguindo?

— Não podemos de fato afirmar — continuou a Mulher Magra, que aparentemente não havia notado a interrupção — que a resposta ao nosso apelo foi a que esperávamos. O pessoal da primeira unidade da Organização do Mais Elevado Afrodisíaco-Terapêutico Humano da Mulher (abreviada MEATHM) talvez não esteja... bem. Muitas mulheres excelentes, colegas de universidade meus, mesmo colegas antigos, a quem me referi, mostraram-se curiosamente convencionais. Mas ao menos um início foi dado. E aqui — ela concluiu brilhantemente — estamos nós.

E ali, durante quarenta segundos de silêncio constrangedor, estavam eles. Então o rosto de Dickson, que já havia experimentado certas contorções, ficou muito vermelho; ele colocou seu cachecol e balbuciou como um homem tentando sufocar um espirro, levantou-se abruptamente, voltou suas costas à companhia e escondeu seu rosto. Ficou levemente agachado e dava para ver seus ombros chacoalhando.

Paterson saltou e correu em direção a ele; mas a Mulher Gorda, embora com infinitos grunhidos e agitações, também havia se levantado.

— Divirta-se, Marica — ela enrolou-se em Paterson. Você nunca teve muita sorte.

Um momento depois, seus braços enormes estavam ao redor de Dickson; todo o maternalismo caloroso e agitado dela o envolveu.

— Veja, meu filho — ela disse —, vai dar tudo certo. Não chore, benzinho. Não

chore. Pobre menino, então. Pobre menino, eu vou lhe proporcionar um tempo bom.

— Eu acho — disse o Capitão — que o jovem está rindo, não chorando.

Foi o Monge quem a essa altura suavemente sugeriu uma refeição. Algumas horas mais tarde, a festa havia sido temporariamente interrompida.

Dickson (apesar de seus esforços, a Mulher Gorda tanto fez que deu um jeito de sentar a seu lado; ela mais de uma vez havia confundido os óculos dele com os dela) mal havia terminado de comer seu último garfo quando disse aos técnicos recém-chegados:

— Eu adoraria ver a sua nave, se pudesse.

É de se esperar que dois homens que estiveram enclausurados naquela nave por tanto tempo e tirado suas roupas espaciais havia poucos minutos relutassem em reassumir um e retornar ao outro. Essa era, certamente, a visão da Mulher Gorda:

— Não, não — ela disse. — Não se agite, filho. Eles já viram o bastante daquela nave rosada, o mesmo que eu. Não é bom para você ficar correndo, não assim com a barriga cheia.

Mas os dois jovens eram maravilhosamente complacentes.

— Com certeza. Era justamente o que eu ia sugerir — disse o primeiro.

— De minha parte, tudo bem, companheiro — disse o segundo.

Todos os três estavam fora da cabine despressurizada em tempo recorde.

Pela areia, subindo a escada, sem os capacetes, e então:

— Por que raios você despejou essas duas mulheres sobre nós? — perguntou Dickson.

— Vocês não imaginam? — perguntou o estrangeiro do leste londrino. — As pessoas em casa pensaram em como você estaria um pouco faminto agora. Eu chamo isso de ingratidão.

— Muito engraçado, sem dúvida — disse Dickson. — Mas não é motivo de riso

para nós.

— Também não tem sido para nós, você sabe — disse o estrangeiro de Oxford.

— Lado a lado com eles por 85 dias. Eles empalideceram um pouco após o primeiro mês.

— Você está me dizendo... — disse o morador do leste de Londres.

Houve uma pausa indesejada.

— Alguém pode me dizer — disse Dickson, por fim — quem no mundo, e por que no mundo, de todas as mulheres possíveis, escolheu esses dois horrores para enviar para Marte?

— Meu querido companheiro — disse seu colega —, isso não está perfeitamente óbvio? Que tipo de mulher, que não seja à força, vai querer vir e viver neste lugar horrível e posar de concubina com meia dúzia de homens que nunca viu? As Garotas Promotoras de Momentos Agradáveis não virão porque sabem que não se consegue ter um tempo bom em Marte. Uma prostituta profissional comum não virá, uma vez que tenha a mínima chance de ser apanhada na esquina mais barata de Liverpool ou Los Angeles. E você tem uma que não tem essa oportunidade. A única outra que viria é uma excentricidade que acredita em toda aquela conversa fiada sobre a nova ética. E você também tem uma dessas.

— Simples, não é? — disse o londrino.

— Qualquer um — disse o outro —, exceto os Tolos no Topo poderiam, é claro, tê-la antevisto com antecedência.

— A única esperança agora é o Capitão — disse Dickson.

— Olhe, companheiro — disse o londrino —, se você pensa que há alguma pergunta relacionada à nossa devolução de bens retornados, acertou. Nada a ser feito. Nosso capitão terá um motim para dominar se tentar isso. E também não dominará. Ele já teve sua cota. Como nós. É com você agora.

— O que é justo é justo, você sabe — disse o outro. — Resistimos o máximo que

pudemos.

— Bem — disse Dickson —, devemos deixar que os dois chefes briguem. Mas com disciplina ou não, há algumas coisas que um homem não consegue suportar. Aquela professora terrível...

— Ela é professora de uma universidade nova, na verdade.

— Bem — disse Dickson após uma longa pausa —, vocês irão me mostrar a nave. Isso irá distrair um pouco a minha cabeça.

A Mulher Gorda estava conversando com o Monge.

— ...E ah, querido padre, sei que você vai pensar que isso é o pior de tudo. Eu não desisti quando poderia ter desistido. Depois que a esposa de meu irmão morreu... ele teria me levado para casa com ele e o dinheiro não era tão curto. Mas continuei, com a ajuda de Deus, continuei.

— Por que você fez isso, filha? — perguntou o Monge. — Você gostou?

— Bem, padre, não de todo. Nunca fui alguém que gostasse de repartir. Mas o senhor sabe... ah padre, eu era a atração naqueles dias, embora o senhor não pense isso agora... e os pobres cavaleiros, eles gostavam tanto dela.

— Filha — ele disse —, você não está longe do Reino. Mas estava errada. O desejo de dar é uma bênção. Mas você não pode transformar dinheiro ruim em bom só pelo fato de doá-lo.

O Capitão também havia deixado a mesa muito rapidamente, pedindo a Ferguson que o acompanhasse à sua cabana. O botânico os seguiu apressadamente.

— Um momento, senhor, um momento — ele disse com empolgação. — Sou um cientista. Já estou trabalhando sob uma pressão muita alta. Espero que não haja nenhuma reclamação a ser feita sobre minha liberação de todas essas outras obrigações que tão incessantemente interrompem meu trabalho. Mas se esperam que eu perca mais tempo entretendo essas fêmeas abomináveis...

— Quando eu lhe der qualquer ordem que possa ser considerada para além do poder da autoridade — disse o Capitão —, será hora de fazer o seu protesto.

Paterson ficou com a Mulher Magra. A única parte de qualquer mulher que o interessava era os ouvidos dela. Ele gostava de contar seus problemas às mulheres; especialmente sobre a injustiça e a maldade de outros homens. Infelizmente, a ideia da senhora era a de que a entrevista deveria ser dedicada à Afrodísio Terapia ou à instrução em psicologia. Ela, na verdade, não via nenhuma razão para que as duas operações não fossem realizadas simultaneamente; apenas mentes não treinadas não conseguem sustentar mais de uma ideia. A diferença entre esses dois conceitos de conversa colocavam-se no caminho para comprometer o seu sucesso. Paterson se tornara desagradável; a senhora permanecia brilhante e paciente como um iceberg.

— Mas, como eu dizia — resmungou Paterson —, o que eu penso ser muito ruim é um companheiro ser muito decente um dia e em outro...

— O que justamente ilustra o meu argumento. Essas tensões e desajustes estão destinados, sob condições não naturais, a surgir. E a menos que desinfetemos o remédio óbvio de todas essas associações sentimentais ou, o que é ainda pior, lascivas, com a era vitoriana a ele atrelado...

— Mas eu não lhe disse ainda. Escute. Somente dois dias atrás...

— Um momento. Isso deveria ser considerado como qualquer outra injeção. Se tão somente pudermos persuadir...

— Como algum companheiro pode ter prazer...

— Concordo. A associação disso com prazer (que é puramente uma fixação adolescente) deve ter causado danos incalculáveis. Visto racionalmente...

— Digo que você está se desviando do assunto.

— Um momento...

O diálogo continuou.

Eles haviam terminado de olhar a espaçonave. Ela era, com certeza, uma beleza. Ninguém depois se lembrou de quem havia dito primeiro, “Qualquer um pode pilotar uma nave como esta”.

Ferguson sentou-se silenciosamente, fumando, enquanto o Capitão leu a carta que havia enviado a ele. Ele sequer olhava em direção ao Capitão. Quando, enfim, a conversa começou, havia tanta felicidade cercando a cabine que eles levaram um longo tempo para chegar à parte difícil de sua atividade. O Capitão parecia a princípio totalmente ocupado com seu lado cômico.

— Ainda assim — ele disse, afinal —, ela também tem seu lado sério. Sua impertinência, em primeiro lugar! Eles acham...

— Vós, mognos, lembrai-vos — disse Ferguson — de que eles estão lidando com uma situação absolutamente nova.

— Ah, que seja amaldiçoado o *novo*! Como diferir de homens em baleeiros, ou mesmo em veleiros nos dias antigos? Ou na Fronteira Noroeste? Ela é tão nova quanto as pessoas famintas quando a comida era pouca.

— Ah, monsenhor, mas vós estais esquecendo a nova luz da psicologia moderna.

— Acho que aquelas duas mulheres apavorantes já aprenderam alguma psicologia mais nova desde que chegaram. Elas realmente supõem que todo homem no mundo seja tão inflamável que saltará nos braços de qualquer mulher?

— Sim, elas supõem. Estarão dizendo que você e seu parceiro são muito anormais. Eu não colocaria minha mão no fogo por elas ao estar lhe enviando pequenos pacotes de hormônios a seguir.

— Bem, se for esse o caso, elas supõem que homens se ofereceriam para um trabalho assim, a menos que pudessem, ou pensassem que poderiam, ou quisessem tentar se pudessem, fazê-lo sem mulheres?

— Há então, além disso, a nova ética.

— Ah, arrume as malas, velho crápula. O que há de novo aí? Quem jamais tentou viver limpo, exceto uma minoria com uma religião, ou que estivesse apaixonada? Eles tentarão isso ainda em Marte, como tentaram na Terra. Quanto à maioria, ela alguma vez hesitou em viver seus prazeres onde quer que ele a levasse? As mulheres da vida sabem melhor. Você alguma vez viu um porto ou a guarnição de uma cidade sem muitos bordéis? Quem são os idiotas no Conselho Consultivo que começaram todas essas tolices?

— Och, um grupo de mulheres velhas (usando calças na maior parte do tempo) que gosta de qualquer coisa sexy, qualquer coisa científica, qualquer coisa que as faça se sentirem importantes. E isso lhes dá a todas três prazeres em um, vós sabeis.

— Bem, há somente uma coisa para isso, Ferguson. Não terei nem sua Concubina Abusada nem a prorrogação de sua professora aqui. Você pode simplesmente...

— Não há nenhuma utilidade em se falar assim. Fiz meu trabalho. Outra viagem com ataque a uma carga de animais eu não irei enfrentar. E meus dois jovens farão o mesmo. Haveria rebelião e assassinato.

— Mas você deve, eu estou...

Naquele momento, um raio ofuscante veio de fora e a terra tremeu.

— Minha nave! Minha nave! — exclamou Ferguson. Ambos os homens olharam sobre a areia vazia. A espaçonave havia obviamente feito uma excelente decolagem.

— Mas, o que aconteceu? — perguntou o Capitão. — Eles não...

— Rebelião, deserção e roubo de uma nave governamental, é isso o que aconteceu — disse Ferguson. — Meus dois jovens e seu Dickson estão longe de casa.

— Mas, bom Senhor, eles terão o inferno por isso. Arruinaram suas carreiras. Serão...

— Sim. Sem dúvida. E pensam que o preço é barato. Vós vereis por que, talvez, antes de serdes duas semanas mais velhos.

Um lampejo de esperança surgiu nos olhos do Capitão.

— Eles não poderiam ter levado as mulheres com eles?

— Fale coisa com coisa, monsenhor, fale coisa com coisa. Ou se tiverdes qualquer senso, usai vossos ouvidos.

No zumbido da conversa empolgada que tornaram todos os momentos mais audíveis a partir da sala principal, vozes femininas podiam ser intoleravelmente distinguidas.

Ao se recompor para sua noite de meditação, o Monge pensou que talvez estivesse por demais concentrado em “precisar menos” e por isso deveria fazer um curso (avançado) sobre “amar mais”. Seu rosto então se contorceu em um sorriso que não era completamente de alegria. Ele estava pensando na Mulher Gorda. Quatro coisas formavam um acorde sensível. Primeira, o horror de tudo o que ela havia feito e sofrido. Segunda, a piedade — terceira, e comicamente — sua crença de que ainda poderia despertar desejo; quarta, sua bendita ignorância acerca daquela beleza totalmente diferente que já existia dentro dela e que, sob a graça, e com a direção tão pobre que ele podia fornecer, poderia um dia estabelecê-la, brilhantemente na terra do esplendor, junto a Magdalene.

Mas espere! Havia ainda uma quinta nota no acorde.

— Ó Mestre — ele murmurou —, perdoe, ou tu podes apreciar?, também, a minha falta de lógica. Suponho que tu me enviaste em uma viagem de 56 milhões de quilômetros simplesmente para a minha própria conveniência espiritual.

As formas das coisas desconhecidas

...aquilo que foi mito em um mundo poderia sempre ser fato em algum outro.

PERELANDRA

— Antes que a classe se disperse, cavalheiros — disse o instrutor —, eu gostaria de fazer alguma referência ao fato que é conhecido de alguns, mas provavelmente não de todos. O Alto Comando, preciso lembrá-los, pediu-me um voluntário para mais uma tentativa na Lua. Será o quarto. Vocês conhecem a história dos três anteriores. Em cada caso, os exploradores aterrissaram a salvo; ou, de certa forma, vivos. Recebemos suas mensagens. Todas elas curtas, algumas aparentemente interrompidas. E depois disso, mais nenhuma palavra, cavalheiros. Acredito que o homem que se oferecer para fazer a quarta viagem tenha tanta coragem quanto qualquer um de quem eu tenha ouvido. E não posso expressar em palavras o quão orgulhoso fico por ele ser um de meus alunos. Ele está nesta sala, neste momento. Nós lhe desejamos toda sorte possível. Cavalheiros, eu lhes peço que façam três aclamações para o tenente John Jenkin.

A classe então se tornou uma multidão de aplausos por dois minutos; depois disso, uma multidão apressada e falante no corredor. Os dois maiores covardes trocaram as várias razões familiares que os impediam de se voluntariar. O homem instruído disse:

— Há algo por trás de tudo isso.

O canalha disse:

— Ele sempre foi um indivíduo que faria qualquer coisa para ser o centro das atenções.

Mas a maioria apenas gritava:

— Vá à luta e dê um grande show, Jenkin — e lhe desejavam boa sorte.

Ward e Jenkin saíram juntos até um pub.

— Você manteve esse bem escuro — disse Ward. — Qual é o seu?

— Um trago de Bass — disse Jenkin.

— Você quer falar sobre isso? — perguntou Ward meio sem jeito quando as bebidas haviam chegado. — Quero dizer... se você não pensar que estou interferindo... não é apenas por causa daquela garota, é?

“Aquela garota” era uma jovem que, se pensava, havia tratado Jenkin muito mal.

— Bem — disse Jenkin —, não suponho que fosse se ela se casasse comigo. Mas não se trata de uma atitude espetacular de suicídio ou de qualquer besteira desse tipo. Não estou deprimido. Não sinto nada em particular a respeito dela. Não estou muito interessado em mulheres para lhe dizer a verdade. Não agora. Estou um pouco petrificado.

— O que é então?

— Pura curiosidade incontrolável. Li aquelas pequenas mensagens várias vezes até decorá-las. Ouvi todas as teorias que existem sobre o que as interrompeu. Eu...

— É certo que elas foram interrompidas? Pensei que uma delas estaria completa.

— Você quer dizer Traill e Henderson? Acho que estava tão incompleta quanto as outras. Primeiro houve Stafford. Ele foi sozinho, como eu.

— Você precisa ir só? Eu irei, se você me aceitar.

Jenkin balançou a cabeça.

— Sei que iria — ele disse. — Mas verá em um momento por que não quero que você vá. Mas voltando às mensagens. A de Stafford foi obviamente interrompida por algo. Ela dizia: “Stafford, a oitenta quilômetros do Ponto X0308 na Lua. Minha aterrissagem foi excelente. Eu tenho...” e silêncio. Veio então Traill e Henderson. “Aterrissamos. Estamos perfeitamente bem. A cadeia de montanhas M392 está bem adiante de mim enquanto falo. Câmbio.”

— O que você conclui de “câmbio”?

— Não o que você conclui. Você acha que quer dizer “finis”; a mensagem

acabou. Mas quem no mundo, falando para a Terra da Lua pela primeira vez em toda a história, teria tão pouco a dizer... se pudesse dizer mais? Como se tivesse cruzado de Dover a Calais e enviado um cartão para a sua avó dizendo, “Cheguei são e salvo”. Seria ridículo.

— Bem, o que você *conclui* de “câmbio”?

— Espere um momento. A última parte foi Trevor, Woodford e Fox. Foi Fox quem enviou a mensagem. Lembra?

— Provavelmente não tão bem como você.

— Bem, foi isso. “Aqui é Fox falando. Tudo transcorreu maravilhosamente bem. Uma aterrissagem perfeita. Você mirou muito bem, pois estou no Ponto X0308 neste momento. A cadeia de montanhas M392 está em frente. À minha esquerda, bem distante da cratera, vejo grandes picos. À minha direita vejo rachaduras Yerkes. Atrás de mim.” Entendeu?

— Não vejo o ponto...

— Bem, Fox foi interrompido no momento em que disse, “atrás de mim”. Suponhamos que Traill fosse interrompido enquanto dizia “sobre os meus ombros posso ver” ou “atrás de mim”, ou algo assim?

— Você quer dizer...

— Toda evidência é consistente com a visão de que tudo foi bem até que o locutor olhou atrás de si. Então, alguma coisa o interrompeu.

— O quê?

— É o que quero descobrir. Uma ideia em minha cabeça é esta: poderia haver algo na Lua, ou algo psicológico sobre a experiência de aterrissar na Lua, que levasse os homens a lutar como loucos?

— Entendo. Você quer dizer que Fox olhou em redor justamente a tempo de ver Trevor e Woodford preparando-se para acertá-lo na cabeça?

— Exatamente. E Traill, pois foi Traill, justamente a tempo de ver Henderson

em uma fração de segundo antes que Henderson o matasse. E é por isso que não vou arriscar ter uma companhia; muito menos a de meu melhor amigo.

— Isso não explica, Stafford.

— Não. É por isso que não se pode rejeitar a outra hipótese.

— Qual?

— Oh, o que quer que os tenha matado todos, era algo que eles encontraram ali.

Algo lunar.

— Você não está sugerindo que há vida na Lua, está?

— A palavra “vida” sempre pede a pergunta. Porque, é claro, ela sugere organização como a conhecemos na Terra, com toda a química que envolve organização. É claro que é quase impossível haver algo desse tipo. Mas poderia haver... eu, de qualquer modo, digo que não poderia haver massas de matéria capazes de movimentos determinados de dentro, determinados, na verdade, por intenções.

— Ó Senhor, Jenkin, isso é besteira. Pedras animadas, sem dúvida! Isso é mera ficção científica ou mitologia.

— Ir até a Lua já foi ficção científica. E quanto à mitologia, não encontraram o labirinto cretense?

— E tudo isso verdadeiramente é equivalente a dizer que — disse Ward — ninguém jamais voltou da Lua e que ninguém, até onde sabemos, jamais sobreviveu ali por mais que alguns poucos minutos. Maldito seja tudo isso. — Ele olhou com tristeza para seu copo.

— Bem — disse Jenkin animadamente —, alguém tem de ir. Toda a raça humana não vai ser golpeada por algum maldito satélite.

— Eu deveria saber que essa foi sua verdadeira razão — disse Ward.

— Tome outro trago e não fique tão triste — disse Jenkin. — De certa forma temos muito tempo. Não suponho que me enviem nos próximos seis meses, no

mínimo.

Mas quase não havia tempo. Como qualquer homem no mundo moderno sobre quem a tragédia se precipitou ou que tomou para si um alto empreendimento, ele viveu pelos próximos meses uma vida não muito diferente da de um animal caçado. A Imprensa, com todas as suas câmeras e cadernos, estava atrás dele. Eles não se importavam nem um pouco se ele conseguia comer ou dormir, ou se o deixavam uma pilha de nervos antes que partisse. “Moscas varejeiras”, ele os chamava. Quando forçado a dirigir-se a eles, ele sempre dizia, “Gostaria de levá-los todos comigo”. Mas ele refletia também que um anel de Saturno de repórteres mortos (e queimados) circulando ao redor de sua espaçonave poderia deixá-lo irritado. Eles dificilmente tornariam “o silêncio daqueles espaços eternos” mais confortável.

A decolagem, quando aconteceu, foi um alívio. Mas a viagem foi pior do que eu havia antecipado. Não fisicamente — desse lado não foi nada pior que desconfortável —, mas na experiência emocional. Ele havia sonhado toda a sua vida, com terror e anseio misturados, com aqueles espaços eternos; em estar absolutamente “fora”, no céu. Ele se perguntara se a agorafobia daquele vão sem teto e sem fundo poria fim à sua razão. Mas, no momento em que fora trancado em sua nave, desceu sobre ele o conhecimento sufocante de que o perigo real da viagem espacial é o da claustrofobia.

Digamos que você seja colocado em um pequeno contêiner de metal; em algo como um armário, muito semelhante a um caixão. Não consegue enxergar do lado de fora; só pode ver as coisas na tela. O espaço e as estrelas são tão distantes como estavam na Terra. Onde você está é sempre o seu mundo. O céu nunca é onde você está. Tudo o que você fez foi trocar um mundo extenso de terra, rocha, água e nuvens por um minúsculo mundo de metal.

Essa frustração de um desejo de toda uma vida penetrara profundamente em sua mente enquanto as horas se arrastavam. Ele então ficou consciente de outro

motivo que, imperceptível, atuou nele quando se dispôs a ir. Aquele caso com a garota havia de fato o congelado por completo; petrificado, podia-se dizer. Ele queria sentir novamente, ser carne e não pedra. Sentir qualquer coisa, até mesmo terror. Bem, nessa viagem haveria terrores suficientes antes que tudo estivesse concluído. Ele seria despertado, jamais temeria. Dessa parte de seu destino ele sentia que poderia se livrar.

A aterrissagem não deixou de trazer terror, mas havia tantos aparelhos para cuidar, tantas habilidades a serem exercitadas, que ele não sentiu muito. Mas seu coração estava batendo de uma forma um pouco mais perceptível que o usual enquanto acertava os detalhes de sua roupa espacial e saía. Com ele, carregava o aparato de comunicação. Sentia-se, como era de se esperar, leve como pão de forma. Mas não enviaria nenhuma mensagem apressadamente. Talvez fosse aí onde todos os outros erraram. De todo modo, quanto mais esperasse, mais aqueles jornalistas ficariam fora de suas camas aguardando por suas histórias. Faça-lhes bem.

A primeira coisa que o impressionou foi que seu capacete havia sido pintado muito levemente. Era doloroso olhar na direção do Sol. Mesmo a rocha — ela era, afinal, rocha, e não pó (o que eliminou uma hipótese) — era ofuscante. Ele colocou de lado o instrumento; tentou captar a cena.

O surpreendente foi o quão pequena ela parecia. Ele pensou que poderia explicar isso. A ausência de atmosfera anulava quase todos os efeitos que a distância exerce sobre a Terra. A fronteira serrilhada da cratera estava, e ele sabia, a aproximadamente quarenta metros de distância. É como se você pudesse tocá-la. Os picos eram como se estivessem a poucos metros de altura. O céu negro, com sua enorme multidão inconcebível e selvagem de estrelas, era como uma capa aterrada sobre a cratera; as estrelas simplesmente fora de seu alcance. A impressão de um palco montado em um teatro de brinquedos, ora de algo arranjado, ora de algo

esperando por ele, era ao mesmo tempo decepcionante e opressora. Quaisquer terrores que pudessem haver, aqui a agorafobia não seria um deles.

Ele fez um cálculo, e o resultado foi bastante fácil. Ele estava, como Fox e seus amigos, quase que exatamente no Ponto X0308. Mas não havia qualquer vestígio de cadáveres humanos.

Se pudesse encontrar algum, poderia ter alguma pista de como morreram. Ele começou a procurar. Foi em cada círculo além da nave. Não havia qualquer perigo de perdê-la de vista em um lugar assim.

Então teve seu primeiro choque de medo. Ainda pior, não conseguia dizer o que o estava assustando. Apenas sabia que fora engolido em uma irrealdade repugnante; parecia não estar onde estava, nem fazer o que fazia. Parecia também estar conectado a uma experiência de um passado distante. Era algo que acontecera em uma caverna. Sim; agora ele lembrava. Ele caminhara, supondo-se estar só, e então notou que sempre havia um som de outros pés lhe seguindo. Em um instante, então, percebeu o que estava errado. Essa fora o reverso exato da experiência na caverna. Muitos e muitos passos haviam sido ouvidos. Agora havia poucos. Ele caminhou sobre uma rocha tão silenciosamente quanto um fantasma. Xingou a si mesmo de tolo — como se todas as crianças não soubessem que um mundo sem ar seria um mundo sem ruído. Mas o silêncio, embora explicado, tornou-se aterrador.

Ele agora estava sozinho na Lua por, talvez, 35 minutos. Foi então que notou as três coisas estranhas.

Os raios do sol estavam mais ou menos nos mesmos ângulos de sua linha de vista, de modo que cada uma das coisas tinha seu lado luminoso e seu lado escuro; por todos os lados escuros, uma sombra como de tinta indiana tomava forma sobre a rocha. Ele achou parecido com faróis. Então pensou que pareciam macacos enormes. Tinham mais ou menos a altura de um homem. Eram, na verdade, como

homens desajeitadamente dispostos. Exceto — e ele resistiu ao impulso de vomitar — que não tinham cabeças.

No lugar delas havia outra coisa. Eles eram (grosso modo) humanos até os ombros. Então, onde deveriam estar as cabeças, havia uma monstruosidade terrível — um enorme bloco esférico; opaco, uniforme. E cada um deles parecia haver parado de se mover naquele momento ou que estava para se mover naquele momento.

A frase de Ward sobre “pedras animadas” ressurgiu horivelmente em sua memória. E ele não havia falado de algo que não poderíamos chamar vida, não no nosso sentido, algo que, no entanto, poderia produzir locomoção e ter intenções? Algo que, de qualquer modo, compartilhasse com a vida a tendência humana de matar? Se haviam tais criaturas — minerais equivalentes a organismos —, elas poderiam permanecer perfeitamente imóveis por cem anos sem sentirem qualquer tensão.

Eles estavam cientes dele? Quais eram os seus sentidos? Os globos opacos sobre seus ombros não davam qualquer pista.

Chega um momento no pesadelo, ou às vezes na batalha real, quando o medo e a coragem ditam o mesmo curso: precipitar-se, desorganizadamente, sobre aquilo que lhe assusta. Jenkin atacou a mais próxima das três abominações e bateu suas articulações cobertas de luvas em seu topo globular.

Ai! — ele havia se esquecido. Nenhum ruído. Todas as bombas do mundo poderiam ser detonadas aqui e não fariam nenhum ruído. Os ouvidos são inúteis na Lua.

Ele retrocedeu um passo e, no momento seguinte, se viu caído no chão. “É assim que todos eles morrem”, pensou.

Mas estava errado. A figura acima dele não havia se movido. E não estava danificada. Levantou-se novamente e viu sobre o que havia tropeçado.

Tratava-se de um objeto puramente terrestre. Era, na verdade, um equipamento de transmissão. Não exatamente como o seu, mas um modelo anterior e supostamente inferior — do tipo que Fox tinha.

À medida que a verdade se revelava, uma excitação muito diferente da do terror lhe dominou. Ele olhou para seus corpos desfigurados; e então para os seus membros. É claro; era como alguém parecia em uma vestimenta espacial. Em sua própria cabeça havia um globo monstruoso semelhante, mas felizmente não opaco. Ele estava olhando para três estátuas de astronautas: para as estátuas de Trevos, Woodford e Fox.

Mas então a Lua deve ter habitantes; e habitantes racionais; mais que isso, artistas.

E que artistas! Você pode questionar seu gosto, pois nenhuma linha em parte alguma das estátuas tinha qualquer beleza, mas não poderia dizer nem uma palavra sobre sua habilidade. Com exceção da cabeça e do rosto dentro de cada capacete, que obviamente não poderiam ser tentados em tal meio, elas eram perfeitas. A exatidão fotográfica nunca havia alcançado tal ponto na Terra. E embora não tivessem rostos, você poderia ver a partir de seus ombros e, de fato, de todos os seus corpos, que uma pose momentânea havia sido capturada. Cada uma delas era uma estátua de um homem voltando-se para olhar para trás. Meses de trabalho, sem dúvida, haviam sido investidos para esculpi-las; um gesto instantâneo havia sido congelado como uma foto de pedra.

A ideia de Jenkin era agora de enviar sua mensagem imediatamente. Antes que alguma coisa acontecesse a ele, a Terra deveria ouvir essa notícia impressionante. Ele saiu a caminho apressadamente, a passos largos — agora primeiro desfrutando da gravitação lunar — rumo à sua nave. Agora estava feliz. *Havia* escapado de seu destino. Petrificado? Sem sentimentos? Sentimentos suficientes para permanecerem nele para sempre.

Ele armou o equipamento de modo a ficar de costas para o sol. Ligou a parafernália. “Jenkin, falando da Lua”, começou.

Sua própria sombra, enorme, posicionara-se diante dele. Não há qualquer ruído na Lua. Por detrás dos ombros de sua própria sombra, outra sombra abriu caminho ao longo da rocha ofuscante. Era de uma cabeça humana. E quantos cabelos nessa cabeça. Cabelos erguidos, desgrenhados — balançando ao vento, talvez. Pareciam muito grossos. Então, ao virar-se, aterrorizado, passou em um instante por sua mente o pensamento, “Mas não há vento. Não há ar. Eles não podem estar *balançando*”. Seus olhos encontraram os dela.

Depois de dez anos

Por vários minutos, Cabeça Amarela havia pensado seriamente em mover sua perna direita. Embora o desconforto de sua posição presente fosse quase insustentável, o movimento não parecia nem de longe prestes a ser feito. Não nessa escuridão, tão comprimidos quanto estavam. O homem ao seu lado (ele não lembrava quem era) poderia estar dormindo, ou ao menos estar toleravelmente confortável, de modo que rosnaria ou até mesmo xingaria se você o apertasse ou o empurrasse. Uma briga seria fatal; e algumas das companhias eram muito temperamentais e falavam alto o bastante. Havia também outras coisas a serem evitadas. O lugar fedia vergonhosamente; eles estiveram trancados por horas, junto com suas necessidades naturais (incluindo-se o medo). Alguns deles — jovens tolos — haviam vomitado. Mas isso ocorrera quando tudo se moveu, de modo que havia alguma desculpa; eles tinham sido rolados de um lado para outro em sua prisão, da esquerda para a direita, para cima e (interminavelmente, de modo asqueroso) para baixo; pior que uma tempestade no mar.

Isso fora horas atrás. Ele se perguntava quantas horas. Já devia ter anoitecido. A luz que, a princípio, descera até eles através do poço inclinado em uma extremidade do instrumento maldito, havia há muito desaparecido. Eles estavam em perfeita escuridão. O zunido de insetos cessara. O ar fedorento estava começando a ficar fresco. O sol havia se posto fazia tempo.

Cuidadosamente tentei estender sua perna. O músculo estava enrijecido; músculo audaciosamente rijo na perna de alguém que estava totalmente desperto e não se movia. Assim, a ação não surtiu efeito. Cabeça Amarela recolheu seu pé e trouxe seu joelho para baixo de seu queixo. Não era uma posição que você pudesse manter por muito tempo, mas, por um momento, trouxe alívio. Ah, se eles

estivessem fora dessa coisa...

E, quando estivessem, o que viria a seguir? Uma boa possibilidade de tirar o cansaço dos membros de alguém. Talvez haja duas horas de trabalho bem duro; não mais, ele pensou. Ou seja, se tudo corresse bem. E depois disso? Depois disso, ele encontraria a Mulher Má. Ele tinha certeza de que a encontraria. Todos sabiam que no último mês ela ainda estava viva. Ele chegaria até ela com certeza. E faria coisas semelhantes a ela... Talvez a torturasse. Ele disse a si mesmo, mas tudo em palavras, sobre as torturas. E tinha de fazer em palavras porque nenhuma imagem viria à sua mente. Talvez a possuísse primeiro; brutal, insolentemente, como um inimigo e um conquistador; mostrar-lhe-ia que ela nada mais era senão outra garota capturada. E ela não era nada mais que uma garota. O pretexto que ela fosse de algum modo diferente, a lisonja sem fim era muito provavelmente o que produzira o seu erro, para começar. Pessoas eram tolas assim.

Talvez, depois de possuí-la, ele a entregasse aos outros prisioneiros para que se divertissem. Excelente. Mas ele pagaria os escravos para tocarem-na também. A imagem do que ele faria aos escravos formou-se muito facilmente.

Ele tinha de esticar sua perna novamente, mas agora descobrira que o lugar onde ela estivera havia de algum modo sido preenchido. Aquele outro homem o havia ocupado e Cabeça Amarela estava em estado pior para se movimentar. Ele se entortou um pouco como que para repousar parcialmente sobre seu quadril esquerdo. Isso também foi algo pelo que teve de agradecer à Mulher Má; foi graças a ela que eles estavam todos sufocados nessa caverna.

Mas ele não a torturaria. Entendeu que isso seria tolice. Tortura funcionava muito bem para obter informação; não tinha qualquer utilidade como vingança. Todas as pessoas sob tortura têm o mesmo rosto e fazem o mesmo ruído. Você perde a pessoa que detestou. E nunca as faz sentirem-se más. E ela era jovem; apenas uma garota. Ele poderia ter piedade dela. Havia lágrimas nos olhos dele.

Talvez fosse melhor apenas matá-la. Sem estupro, sem punições; apenas um assassinato solene, majestoso, fúnebre, quase pesaroso, como um sacrifício.

Mas eles tinham de sair primeiro. O sinal exterior deveria ter vindo horas atrás. Talvez todos os outros, todos em redor dele na escuridão, estivessem absolutamente certos de que algo dera errado, e cada um esperasse que alguém dissesse isso. Não havia nenhuma dificuldade em se pensar em coisas que poderiam ter dado errado. Ele enxergava agora que todo o plano fora louco desde o princípio. O que evitaria que todos fossem assados vivos onde estavam sentados? Por que seus amigos de fora os encontrariam? Ou os encontrariam sozinhos e desprotegidos? Como se nenhum sinal jamais chegara e eles nunca saíram? Eles estavam em uma armadilha mortal.

Ele colocou suas unhas nas palmas de suas mãos e deteve esses pensamentos por mera força, pois todos sabiam, e todos haviam dito antes de entrar, que esses eram os pensamentos que viriam durante uma longa espera, e que a todo custo não deveriam ser pensados; poderia pensar qualquer outro que quisesse, mas não esses.

Ele começou pensando na Mulher de novo. Deixou que as imagens surgissem na escuridão, todos os tipos; vestida, nua, dormindo, acordada, bebendo, dançando, cuidando do filho, sorrindo. Uma pequena centelha de desejo começou a brilhar; o velho e sempre renovado assombro. Ele viajou nele mais deliberadamente. Nada como a lascívia para manter o medo a distância e fazer passar o tempo.

Mas nada faria com que o tempo passasse.

Horas mais tarde o espasmo o despertou com um grito de sua boca. Instantaneamente uma mão estava posta debaixo de seu queixo, forçando seus dentes a ficarem cerrados.

— Quietos. Escute — disseram várias vozes. Agora enfim havia um ruído externo; uma batida que vinha de debaixo do chão. Ah, Zeus, Zeus, fazei com que seja real; não permita que seja um sonho. Lá veio ele de novo, cinco batidas e então

cinco e então duas, justamente como haviam sido combinadas. A escuridão em seu redor estava repleta de cotovelos e articulações. Todos pareciam estar se movendo.

— Abram alas aí — disse alguém. — Deem-nos espaço.

Com um grande som distorcido o alçapão se abriu. Um quadrado de menor escuridão — quase, por comparação, de luz — apareceu aos pés de Cabeça Amarela. A alegria de simplesmente ver, de enxergar qualquer coisa e as profundas inspirações de ar limpo e frio que ele realizou colocaram tudo o mais fora de sua mente de imediato. Alguém ao seu lado estava jogando uma corda através de uma abertura.

— Agarre-se nela — disse uma voz em seu ouvido.

Ele tentou, e então desistiu.

— Eu devo soltar primeiro — ele disse.

— Então saia do meu caminho — disse a voz. Uma figura musculosa abriu caminho e foi, de mão em mão, descendo pela corda até desaparecer de vista. Um após o outro a seguiram. Cabeça Amarela foi quase o último.

E assim, respirando fundo e esticando seus membros, eles todos ficaram aos pés do grande cavalo de madeira com as estrelas sobre eles, e tremeram um pouco no vento frio da noite que sobrava nas ruas estreitas de Troia.

— Firmes, homens — disse Cabeça Amarela Menelau. — Não entrem ainda. Tomem fôlego. — Então, com uma voz mais baixa: — Fiquem na entrada, Eteoneu, e não os deixem entrar. Ainda não queremos que eles iniciem a pilhagem.

Havia se passado menos de duas horas desde que deixaram o cavalo, e tudo tinha corrido extremamente bem. Eles não haviam tido nenhuma dificuldade de encontrar o portão de Troia. Uma vez do outro lado de um muro da cidade, todo inimigo desarmado é um guia ou um homem morto, e a maioria escolhe ser o primeiro. Havia um guarda no portão, é claro, mas eles haviam disposto dele rapidamente e, o que era melhor de tudo, com muito pouco barulho. Em vinte minutos haviam aberto o portão, e o exército principal entrara pela frente. Não havia tido nenhuma luta séria até que alcançaram a fortaleza. Ela fora vigorosa o bastante ali por um tempo, mas Cabeça Amarela e seus espartanos haviam sofrido pouco, porque Agamenon insistira em liderar. Cabeça Amarela pensara, considerando todas as coisas, que esse lugar deveria ter sido seu, pois toda a guerra era em certo sentido sua guerra, mesmo se Agamenon fosse o Rei dos Reis e seu irmão mais velho. Uma vez dentro dos muros externos que circundavam a fortaleza, o corpo principal atacara o portão interno que era muito forte, enquanto Cabeça Amarela e seu bando haviam sido enviados ao redor para encontrar uma entrada pelos fundos. Eles haviam dominado a defesa que encontraram ali e agora pararam para respirar, lavar seus rostos e limpar suas espadas e lanças.

Essa pequena varanda se abria sobre uma plataforma de pedra circundada por um muro cuja altura vinha somente até o peito. Cabeça Amarela inclinou seu cotovelo sobre ele e olhou para baixo. Ele não podia ver as estrelas agora. Troia estava em chamas. Os fogos gloriosos, os cabelos longos, as barbas vistosas das

chamas e as ondas de fumaça manchavam o céu. Além da cidade, todo o campo estava repleto de fulgor; podia-se ver até mesmo a praia familiar e odiada e as linhas infinitas de navios. Graças aos deuses, eles em breve dariam adeus a isso!

Enquanto estiveram lutando, ele nunca tinha pensado uma vez sequer em Helena e se sentido feliz; sentia-se mais uma vez um rei e um soldado e toda decisão que havia tomado tinha se mostrado correta. À medida que o suor secava, embora ele tivesse muita sede e um pequeno corte dolorido acima de seu joelho, algumas das doçuras da vitória começaram a vir à sua mente. Agamenon sem dúvida seria chamado de Saqueador da Cidade. Mas Cabeça Amarela tinha uma noção de que, quando a história chegasse aos trovadores, ele seria o centro dela. A parte essencial da canção seria como Menelau, rei de Esparta, havia reconquistado dos bárbaros a mulher mais bela do mundo. Ele ainda não sabia se a levaria de volta para a sua cama ou não, mas com certeza não a mataria. Destruir um troféu como esse?

Um calafrio lhe lembrou de que os homens ficariam resfriados e se apavorariam. Ele abriu caminho no meio da massa e subiu em passos curtos até onde estava Eteoneu.

— Eu virei aqui — ele disse. — Vocês ficam na retaguarda e os importunam. — Ele então ergueu sua voz. — Agora, amigos — ele disse —, iremos entrar. Mantenham-se juntos e com seus olhos abertos. Talvez haja eliminação a ser feita. E eles estão provavelmente segurando alguma passagem mais adiante.

Ele os conduziu por alguns lugares sob a escuridão adiante de algumas colunas corpulentas e então para fora, até um pequeno pátio a céu aberto — reluzindo intensamente em determinado momento com as chamas subindo de alguma casa desmoronando na cidade afastada e então de novo quase que totalmente escura. Tratava-se claramente de regiões de escravos. Um cão acorrentado, sobre suas patas traseiras, latindo para eles com ódio intenso de um canto, e havia ali pilhas

de lixo. E então — “Ah! Podem entrar”, ele exclamou. Homens armados entrando em massa, a partir de uma passagem bem à frente. Eram príncipes de sangue pelo aspecto de suas armaduras, um deles um pouco mais que uma criança, e tinham a aparência — Cabeça Amarela a tinha visto antes nas cidades conquistadas — de homens que estavam lutando para morrer, em vez de matar. Eles são o tipo mais perigoso enquanto duram. Ele perdeu três homens ali, mas pegaram todos os troianos. Cabeça Amarela inclinou-se e liquidou o menino que ainda estava se retorcendo como um inseto ferido. Agamenon lhe dissera muitas vezes que isso era perda de tempo, mas ele odiava vê-los se contorcendo.

O próximo pátio era diferente. Parecia haver muito trabalho de escultura nos muros, o calçamento era de ladrilhos azuis e brancos, e havia um lago no meio. Formas femininas, difíceis de serem vistas exatamente à luz do fogo dançante, dispersas à esquerda e à direita nas sombras, como ratos quando você chega repentinamente a um porão. Os velhos pranteavam em voz alta e sem lógica enquanto mancavam. As meninas gritavam. Seus homens estavam atrás delas; como se cães terrier tivessem sido enviados entre os ratos. Aqui e ali um grito terminava em um riso contido.

— Nenhuma dessas — berrou Cabeça Amarela. — Vocês podem ter todas as mulheres que quiserem amanhã. Não agora.

Um homem bem ao seu lado soltou sua lança para ter ambas as mãos livres para explorar uma menina morena, de dezesseis anos, que parecia uma egípcia. Seus lábios grossos se alimentavam do rosto dela. Cabeça Amarela passou a parte lisa de sua espada no traseiro dele.

— Deixe-a ir, com um feitiço sobre você — ele disse —, ou eu cortarei sua garganta.

— Adiante! Adiante! — exclamou Eteoneu de trás. — Siga o rei.

Através de uma arcada uma luz nova e mais estável apareceu; luz de lampião.

Eles chegaram a um lugar coberto com teto. Era extraordinariamente tranquilo, e eles ficaram calmos ao entrar nele. O ruído do ataque e do aríete no portão principal do outro lado do castelo parecia estar vindo de uma grande distância. As chamas da lanterna estavam inalteradas. A sala estava repleta de um aroma doce, você podia sentir sua opulência. O chão estava coberto por um material macio, tingido de carmesim. Havia almofadas de seda empilhadas sobre sofás de marfim; painéis de marfim também sobre as paredes e vidraças de jade trazidas dos confins do mundo. A sala era de cedro e vigas douradas. Eles eram humilhados pelas riquezas. Não havia nada assim em Messene, muito menos em Esparta; dificilmente talvez em Cnossus. E cada homem pensou: “E assim os bárbaros têm vivido esses dez anos enquanto suávamos e tremíamos nas cabanas na praia”.

“Era hora de acabar”, disse Cabeça Amarela consigo mesmo. Ele viu um grande vaso, tão perfeito em sua forma que se pensaria que crescera como uma flor, feito de algum material transparente que ele nunca havia visto antes. Isso o deixara abobalhado por um segundo. Então, em retaliação, ele lançou sobre o vaso a extremidade grossa de sua lança o mais forte que pôde e o quebrou em centenas de fragmentos reluzentes e brilhantes. Seus homens riram. Começaram a seguir seu exemplo — quebrando, rasgando. Mas ele ficou enojado quando fizeram isso.

— Tentem o que está atrás das portas — ele disse.

Havia muitas delas. De trás de algumas delas, eles arrastaram ou conduziram mulheres para fora; não escravas, mas esposas ou filhas de reis. Os homens não tentaram nenhuma bobagem; eles sabiam muito bem que essas eram reservadas para os seus melhores. E seus rostos mostravam pavor. Havia uma entrada fechada com uma cortina adiante. Eles arrastaram de lado o material pesado e bordado em detalhes e entraram. Ali estava uma sala secreta, menor e mais delicada.

Ela possuía muitos lados. Quatro colunas muito finas sustentavam o teto pintado, e entre elas um candelabro, uma obra maravilhosa de ourives. Debaixo

dele, sentada recostada sobre uma das colunas, uma mulher, não mais uma jovem, com seu fuso, fiando; como uma grande dama poderia sentar-se em sua casa, mil quilômetros distante da guerra.

Cabeça Amarela havia estado em ciladas. Sabia o que custa mesmo a um homem treinado estar quieto diante do perigo mortal e iminente. Ele pensou: “Essa mulher deve ter o sangue dos deuses em suas veias”. E decidiu que perguntaria a ela onde encontrar Helena. E perguntaria com cortesia.

Ela olhou para cima e parou de fiar, mas ainda assim não se moveu.

— A criança — ela disse em voz baixa. — Ainda está viva? Está bem? — Então, auxiliado pela voz, ele a reconheceu. E com o primeiro segundo de seu reconhecimento, tudo que moldara sua mente por onze anos desmoronou, em uma ruína irreparável. Nem aqueles ciúmes, nem aquela luxúria, nem aquela fúria nem aquela ternura, poderiam ser revividos. Não havia nada dentro dele apropriado para o que ele enxergara. Por um instante, não houve nada dentro dele.

Pois ele nunca sonhara que ela seria assim; nunca sonhara que a carne se juntaria sobre seu queixo, que o rosto poderia ficar tão rechonchudo e ainda assim tão esticado, que haveria cabelo prateado em suas têmporas e rugas nos cantos de seus olhos. Mesmo sua altura era menor do que ele se lembrava. A glória macia de sua pele que outrora parecia fazer com que lançasse luz de seus braços e ombros se perdera. Uma mulher envelhecida; uma mulher triste, paciente, contida, perguntando por sua filha; pela filha deles.

O assombro da cena arrancou-lhe uma resposta antes que ele soubesse bem o que estava fazendo.

— Não vejo Hermione há dez anos — ele respondeu. E então se recompôs. Como ela tivera a audácia de perguntar assim, justamente como uma esposa honesta poderia fazer? Seria terrível para eles ter uma conversa de marido e mulher, como se nada tivesse se colocado entre eles. No entanto, o que se colocara entre eles era

menos desqualificável do que ele agora encontrara.

Sobre isso, ele sofreu um entrave de emoções conflitantes. E isso serviu bem a ela. Onde estava sua beleza exaltada agora? Vingança? Seu espelho a punira pior do que poderia todos os dias. Mas também havia piedade. A história de que ela era filha de Zeus, a fama que a tornara uma lenda de ambos os lados do Egeu, tudo se definhara nisso, tudo se destruía como o vaso que ele quebrara cinco minutos atrás. Mas havia vergonha também. Ele sonhara em entrar para a História como o homem que reconquistara a mulher mais bela do mundo, não sonhara? E o que reconquistara era isso. Por isso, Pátroclo e Aquiles haviam morrido. Se ele aparecesse diante do exército trazendo isso como seu prêmio, como prêmio deles, o que aconteceria senão maldições ou riso universais? Riso incessante até o fim do mundo. Então lhe ocorreu que os troianos devem ter sabido por anos. Eles também devem ter morrido de rir toda vez que um grego caía. Não somente os troianos, mas os deuses também. Eles sabiam já havia muito. Eles haviam se divertido com o fato de, por meio dele, provocar Agamenon e, por meio de Agamenon, provocar toda a Grécia, e incitar uma nação contra outra por dez invernos, tudo por uma mulher que ninguém compraria em mercado algum, exceto como governanta ou enfermeira. O vento amargo da zombaria divina soprou em seu rosto. Tudo por nada, tudo estupidez, e ele o estúpido principal.

Ele podia ouvir seus próprios homens tagarelando na sala, atrás dele. Algo teria de ser decidido. Helena não fez nem disse nada. Se ela tivesse caído a seus pés e implorado perdão; se tivesse se levantado e o amaldiçoado; se tivesse se esfaqueado... Mas ela apenas esperava com suas mãos (mãos envelhecidas agora) sobre seu colo. A sala estava repleta de homens. Seria terrível se reconhecessem Helena; talvez pior se ele tivesse de lhes dizer. O mais velho dos soldados olhava atentamente para ela e para Cabeça Amarela.

— Então! — disse o homem, por fim, quase que com uma risada. — Bem, por

todos os...

Eteoneu o cutucou para que silenciasse.

— O que você deseja que façamos, Menelau? — ele perguntou, olhando para o chão.

— Com os prisioneiros... os outros prisioneiros? — perguntou Cabeça Amarela.
— Você deve nomear uma guarda e levá-la até o campo. O restante, para o lugar de Nestor, para distribuição. A rainha... esta... para nossas tendas.

— Amarrada? — perguntou Eteoneu em seu ouvido.

— Não é necessário — disse Cabeça Amarela. Foi uma pergunta abominável: qualquer resposta era um escândalo.

Não havia necessidade de levá-la. Ela foi com Eteoneu. Houve ruído, confusão e lágrimas suficientes para fazer os outros subirem na corda e pareceu muito tempo a Cabeça Amarela até que tudo estivesse terminado. Ele manteve seus olhos longe de Helena. O que seus olhos diriam aos dela? No entanto, como poderiam não dizer nada? Ele se ocupou de escolher os homens que seriam os acompanhantes dos prisioneiros.

Finalmente. As mulheres e, por hora, os problemas estavam resolvidos.

— Venha, rapaz — ele disse. — Devemos nos ocupar novamente. Devemos atravessar o castelo e encontrar os outros. Não pense que está tudo acabado.

Ele ansiava por lutar novamente. Lutaria como nunca lutara antes. Talvez fosse morto. O exército então poderia fazer o que quisesse com ela. Pois essa imagem turva e, na maioria das vezes, confortável de um futuro que paira diante dos olhos da maioria dos homens, havia desaparecido.

A primeira coisa que Cabeça Amarela sentiu na manhã seguinte foi o ardor do corte sobre o seu joelho. Ele então se espreguiçou e sentiu a dor pós-batalha em todos os músculos; engoliu sua saliva uma ou duas vezes e percebeu que estava com muita sede; sentou-se, e viu que seu cotovelo estava machucado. A porta da cabana estava aberta, e ele podia dizer pela luz que o sol já nascera havia horas. Dois pensamentos persistiam em sua mente: a guerra estava acabada — Helena está aqui. Sem muita emoção para ambos.

Ele se levantou, gemendo um pouco, esfregou os olhos, foi para fora e viu a fumaça no ar parado sobre as ruínas de Troia, e, mais para baixo, pássaros inumeráveis. Tudo estava horrivelmente quieto. O exército deveria estar dormindo até mais tarde.

Eteoneu, mancando um pouco e usando uma atadura em sua mão direita, veio na direção dele.

— Tem água sobrando? — perguntou Menelau. — Minha garganta está tão seca quanto aquela areia.

— Você terá que misturá-la com vinho, Cabeça Amarela Menelau. Temos vinho o bastante para nadar nele, mas a água está quase acabando.

Menelau fez uma careta.

— Deixe-o o mais fraco que puder — ele disse.

Eteoneu se afastou mancando e retornou com o copo. Ambos entraram na cabana do rei e Eteoneu fechou a porta.

— Para que você fez isso? — perguntou Cabeça Amarela.

— Temos que conversar, Menelau.

— Conversar? Penso que irei dormir de novo.

— Olhe — disse Eteoneu —, eis algo que você deve saber. Quando Agátocles trouxe toda a nossa porção de mulheres ontem à noite, ele amontoou o restante delas na cabana grande, onde temos mantido os cavalos. Ele os colocou para fora, em lugar seguro. Mas colocou a rainha sozinha na cabana, do outro lado.

— Você a chama de *rainha*? Como você sabe se ela será uma rainha por mais tempo? Não dei nenhuma ordem. Não decidi.

— Não, mas os homens decidiram.

— O que você quer dizer?

— É como elas a chamam. E a chamam de Filha de Zeus. E saudaram a cabana ao passar por ela.

— Bem, de todos os...

— Escute, Menelau. Não há qualquer proveito em pensar em sua ira. Você *não pode* tratá-la de outro modo, senão como sua rainha. Os homens não aceitarão isso.

— Mas, pelos portões do Hades, pensei que o exército inteiro ansiava por seu sangue! Afinal, tudo pelo que eles passaram foi por causa dela.

— O exército em geral, sim. Mas não nossos espartanos. Ela ainda é a rainha para eles.

— Essa aí? Essa velha murcha, gorda? Prostituta rejeitada por Paris e também mais por sabem lá quem os deuses? Eles estão loucos? O que é Helena para eles? Todos esqueceram que sou em quem sou marido dela e seu rei, e rei deles também, malditos?

— Se você quer que eu responda isso, devo dizer algo que não é de seu gosto.

— Diga o que quiser, por favor.

— Você disse que era marido dela e rei deles. Eles diriam que você é rei deles só porque é marido dela. Você não tem o sangue real de Esparta. Você se tornou rei deles casando-se com ela. Sua realeza está atrelada à realeza dela.

Cabeça Amarela apanhou uma bainha e atingiu com violência três ou quatro

vezes uma vespa que flutuava sobre uma gota de vinho derramada.

— Maldita, maldita criatura! — ele berrou. — Não posso sequer matá-la? Talvez você também seja muito sagrada. Talvez Eteoneu aqui corte minha garganta se eu lhe atingir. Ali! Ali!

Ele não pegou a vespa. Quando se sentou de novo, estava suando.

— Sei que isso não lhe agradaria — disse Eteoneu —, mas...

— Foi a vespa quem me fez perder a paciência — disse Cabeça Amarela. — Você acha que sou tão tolo a ponto de não saber como assumi meu próprio trono? Você acha que isso me atormenta? Pensei que me conhecesse melhor. É claro que eles estão certos; pela lei. Mas ninguém jamais nota essas coisas quando um casamento é realizado.

Eteoneu não disse nada.

— Você quer dizer — disse Cabeça Amarela — que eles pensaram assim o tempo todo?

— Isso nunca surgiu antes. Como deveria? Mas eles nunca esqueceram que ela era a filha do maior de todos os deuses.

— Você acredita?

— Até que eu saiba o que agrada aos deuses que seja dito sobre isso, mantereí minha língua entre meus dentes.

— E então — disse Cabeça Amarela, tentando novamente acertar a vespa — há isso. Se ela era realmente filha de Zeus, não seria a filha de Tindareu. Não estaria nem um pouco mais próxima da linhagem verdadeira que eu.

— Suponho que eles pensavam que Zeus seja um rei maior que você ou que Tindareu.

— E você também — disse Cabeça Amarela, forçando um riso.

— Sim — disse Eteoneu. — Então, tenho tido de falar claro, filho de Atreus. É uma questão de minha própria vida, bem como da sua. Se você fizer com que meus

homens lutem como loucos contra você, sabe muito bem que estarei com você lado a lado, e eles não rasgarão sua garganta sem que primeiro rasguem a minha.

Uma voz alta, brilhante e feliz, a voz como de um tio, foi ouvida cantando do lado de fora. A porta se abriu. Lá estava Agamenon. Ele estava com sua melhor armadura, toda de bronze e recém-polida, e o manto sobre seus ombros era vermelho, e sua barba resplandecia com óleo doce. Os outros dois pareciam mendigos em sua presença. Eteoneu levantou-se e curvou-se diante do Rei dos Homens. Cabeça Amarela saudou seu irmão com a cabeça.

— Bem, Cabeça Amarela — disse Agamenon —, como você está? Diga ao seu escudeiro para vir tomar vinho. — Ele entrou na cabana e despenteou os caracóis da cabeça de seu irmão como se fossem os de uma criança. — Por que a alegria? Você não parece um saqueador de cidades. Resmungando? Você não conquistou uma vitória? Ah, e recebeu seu prêmio de volta? — Ele deu uma gargalhada que balançou por inteiro seu peito enorme.

— Do que você está rindo? — perguntou Cabeça Amarela.

— Ah, o vinho — disse Agamenon, tomando o copo da mão de Eteoneu. Ele bebeu tudo, colocou o copo sobre a mesa, chupou seu bigode molhado e disse: — Não é de se admirar que você esteja mal-humorado, irmão. Eu vi seu prêmio. Dei uma olhada na cabana dela. Deuses! — Ele jogou sua cabeça para trás e riu muito.

— Não acho que você e eu tenhamos qualquer necessidade de conversar sobre minha esposa — disse Cabeça Amarela.

— Com certeza temos — disse Agamenon. — Quanto a isso, teria sido melhor se tivéssemos conversado sobre ela antes que vocês se casassem. Eu poderia ter lhe dado alguns conselhos. Você não sabe como lidar com as mulheres. Quando um homem sabe, nunca há problema algum. Olhe para mim agora. Já ouviu alguma vez que Clitemnestra tenha me dado qualquer problema? Ela sabe melhor.

— Você disse que tínhamos de conversar agora, não todos esses anos.

— Vou chegar ao ponto. A questão é o que deve ser feito com essa mulher. E, a propósito, o que você quer fazer?

— Ainda não decidi. Suponho que seja da minha conta.

— Não inteiramente. O exército decidiu, como você pode ver.

— O que fazer com eles?

— Você nunca vai crescer? Eles nunca disseram todos esses anos que ela é a causa de tudo isso: da morte dos amigos deles e de suas próprias feridas e que só os deuses sabem que problemas lhes aguardam quando chegarem a casa? Nós não lhes dissemos sempre que estávamos lutando para trazer Helena de volta? Eles não querem que ela pague por isso?

— Seria muito mais verdadeiro dizer que eles estavam lutando por mim. Lutando para devolver a mim minha esposa. Os deuses sabem que isso é verdade. Não mexa nessa ferida. Eu não culparia o exército se eles me matassem. Eu não queria que as coisas fossem assim. Preferiria ter ido com um punhado de meus homens e me arriscado. Mesmo quando chegamos aqui, tentei estabelecer um único combate. Você sabe que tentei. Mas, em se tratando de...

— Veja, veja, veja, Cabeça Amarela. Não comece a se culpar de novo. Já ouvimos isso antes. E se isso não lhe consola, não vejo nenhum mal em lhe dizer (agora que acabou) que você não foi tão importante para o início da guerra como parece pensar. Não consegue entender que Troia tinha de ser exterminada? Não poderíamos continuar tendo-a sentada diante do portão na direção do mar Negro, cobrando impostos de navios gregos, afundando navios gregos e estabelecendo o preço dos grãos. A guerra tinha de vir.

— Você quer dizer que eu, e Helena, éramos apenas pretextos? Se eu pensasse...

— Irmão, você torna tudo tão infantilmente simples. É claro que eu queria vingar sua honra, e a honra da Grécia. Eu estava atado a meus juramentos. E eu também sabia, todos os reis gregos que tinham qualquer consciência sabiam, que

tínhamos de dar um fim a Troia. Mas foi um fruto do acaso, um dom dos deuses, que Paris fugisse com sua esposa no momento certo.

— Então eu lhe agradeceria que tivesse contado ao exército a verdade desde o princípio.

— Meu menino, nós lhes dissemos a parte da verdade com a qual eles se importariam. Vingando um estupro e recuperar a mulher mais bela do mundo: esse é o tipo de coisa que as tropas podem entender e pela qual lutarão. Qual seria a utilidade de conversar com eles sobre o comércio de cereais? Você nunca criará um general.

— Vou beber algum vinho, também, Eteoneu — disse Cabeça Amarela. Ele o bebeu impetuosamente quando o recebeu e não disse nada.

— E agora — continuou Agamenon —, agora que eles a têm, irão querer vê-la morta. Provavelmente queiram cortar seu pescoço sobre a tumba de Aquiles.

— Agamenon — disse Eteoneu —, não quero saber o que Menelau pretende fazer. Mas nós, espartanos restantes, lutaremos se houver alguma tentativa de matar a rainha.

— E você acha que eu me sentaria e somente observaria? — disse Menelau, olhando com raiva para ele. — Se for para lutar, eu ainda serei o seu líder.

— Isso é muito lindo — disse Agamenon. — Mas vocês são, ambos, muito precipitados. Eu vim, Cabeça Amarela, para lhe contar que o exército quase que certamente exigirá que Helena seja entregue à sorte do sacerdote. Eu esperava que vocês dissessem “que bons ventos lhe levem” e a enforcassem. Mas então eu teria que ter lhes dito algo mais. Quando eles a virem, como ela está agora, não penso que creiam que ela seja Helena. Esse é o perigo real. Eles acharão que você tem uma Helena bela — a Helena do sonho deles — escondida e a salvo. Haverá uma reunião. E você será o homem a quem eles atacarão.

— Você espera que uma garota tenha a mesma aparência após dez anos? —

perguntou Cabeça Amarela.

— Bem, fiquei um pouco surpreso quando a vi — disse Agamenon. — E tenho a impressão de que você também. (Ele repetiu seu riso detestável.) É claro que podemos fazer passar outro prisioneiro como Helena. Há algumas garotas extraordinariamente belas. Ou mesmo, se não ficassem muito convencidos, isso poderia mantê-los em silêncio; desde que pensassem que a Helena real fosse impossível de se obter. Assim, tudo se resume nisso. Se você quer ficar a salvo juntamente com seus espartanos e a mulher, só há um caminho. Devem todos embarcar silenciosamente esta noite, e deixar-me agir sozinho. Farei melhor sem você.

— Você fará melhor sem mim sua vida inteira.

— Nem um pouco, nem um pouco. Vou para casa como o Saqueador de Troia. Pense em Orestes crescendo com isso para apoiá-lo! Pense nos maridos que conseguirei para minhas garotas! Pobre Clitemnestra, também parecerá assim. Serei um homem feliz.

Eu só quero justiça. E ficar só. Desde o princípio, do dia em que me casei com Helena até este momento, quem pode dizer que errei com ele? Eu tinha direito de me casar com ela. Tindareu a deu para mim. Ele até mesmo pediu à garota e ela não fez nenhuma objeção. Que falta ele poderia encontrar em mim depois que eu fosse seu marido? Nunca bati nela. Nunca a repreendi. Muito raramente tive uma das criadas em minha cama, e nenhuma mulher sensível cria caso sobre isso. Alguma vez tirei a criança dela e a sacrifiquei aos deuses da tempestade? No entanto, Agamenon faz isso e tem uma esposa fiel e obediente.

Alguma vez invadi a casa de outro homem e roubei sua mulher? Paris fez isso. Em tento fazer minha vingança do modo correto, combate simples entre dois exércitos. Há então alguma interferência divina, um tipo de perda dos sentidos — não sei o que aconteceu comigo — e ele escapou. Eu estava vencendo. Ele estaria morto de vez se eu tivesse mais dois minutos. Por que os deuses nunca interferem em favor do homem prejudicado?

Nunca lutei contra deuses como Diomedes lutou, ou diz que lutou. Nunca traí nosso próprio lado e trabalhei pela derrota dos gregos, como Aquiles. E agora ele é um deus e eles fazem de sua tumba um altar. Nunca faltei ao dever como Odisseu, nunca cometi sacrilégio como Odisseu. E agora ele é o verdadeiro capitão de todos eles — Agamenon por todas as suas vistas grossas e por sua esperteza não poderia comandar o exército por um dia sem ele — e eu não sou nada.

Nada e ninguém. Pensei que era o rei de Esparta. Aparentemente sou o único que pensou isso. Sou simplesmente o servo principal daquela mulher. Devo lutar suas guerras, recolher seu tributo e fazer todo o seu trabalho, mas ela é a rainha. Ela pode tornar-se prostituta, traidora, troiana. Isso não faz qualquer diferença. No

momento em que estiver em nosso campo, ela é a rainha como antes. Todos os arqueiros e cavaleiros podem falar-me para que eu corrija meus modos e me certifique de que trato sua majestade com respeito. Mesmo Eteoneu — meu próprio irmão em juramento — zomba de mim, dizendo que não sou um rei de verdade. No momento seguinte, ele diz que morrerá comigo se os espartanos decidirem que é melhor eu ser assassinado. Eu me pergunto: será ele também um traidor? Talvez seja esse próximo amante intratável da rainha.

Não um rei. É pior que isso. Não sou sequer um homem livre. Qualquer homem contratado, qualquer vendedor, qualquer pedinte, permitir-se-ia dar uma lição à sua esposa do modo que achasse melhor se ela fosse falsa para com ele. Para mim, é “sem pôr as mãos! Ela é a rainha, a Filha de Zeus”.

E então vem Agamenon zombando — justamente como sempre fizera, desde que éramos meninos — e fazendo piada porque ela perdeu sua beleza. Que direito ele tem de falar comigo sobre ela assim? Pergunto-me como está a aparência de sua Clitemnestra agora. Dez anos, dez anos. E eles devem ter tido porções de comida reduzidas em Troia por algum tempo. Também insalubre, confinada dentro dos muros. Os afortunados parem ter sido os que não adquiriram nenhuma peste. E quem sabe como esses bárbaros a trataram quando começaram a perder a guerra? Por meio de Hera, devo descobrir sobre isso. Quando puder falar com ela. Posso falar com ela? Como eu começaria?

Eteoneu a adora, e Agamenon zomba dela, e o exército quer cortar sua garganta. De quem é essa mulher? Em que atividade está envolvida? Na de todos, exceto com a minha, ao que parece. Eu não tenho qualquer valor. Sou um pouco propriedade dela e ela, um pouco de todos.

Tenho sido uma marionete em uma guerra sobre navios de grãos.

Pergunto-me no que ela está pensando. Sozinha, todas essas horas naquela cabana. Perguntando-se e perguntando-se, sem dúvida. A menos que esteja dando

uma audiência a Eteoneu.

Escaparemos a salvo hoje à noite? Temos feito tudo o que podemos à luz do dia. Não há nada mais a ser feito, senão esperar.

Talvez fosse melhor se o exército se inteirasse disso e fôssemos todos mortos, lutando, na praia. Ela e Eteoneu veriam que há algo que ainda posso fazer. Eu a mataria antes que eles a capturassem. Puni-la e salvá-la com um golpe.

Malditas sejam essas moscas.

(Mais tarde. Desembarcado no Egito e recepcionado por um egípcio.)

— Lamento que você tenha perguntado por isso, Pai — disse Menelau —, mas você disse isso para me poupar. Na verdade, na verdade, a mulher não é digna de você.

— A água fria que um homem deseja é melhor que o vinho que ele não quer — disse o velho homem.

— Por que você me negará a mulher, Convidado? — disse o velho homem, ainda sorrindo.

— Você deve me perdoar, Pai — disse Menelau. — Eu ficaria envergonhado...

— Ela é a coisa a qual eu peço.

“Amaldiçoe esses bárbaros e seus caminhos”, pensou Menelau. “Seria isso uma cortesia deles? É sempre a regra pedir por algo sem valor?”.

— Você não me negará? — perguntou o anfitrião, ainda sem olhar para Helena, mas olhando de soslaio para Menelau.

“Ele realmente a quer”, pensou Menelau. Isso começou a deixá-lo irado.

— Se você não a der — disse o egípcio, um pouco com desdém —, talvez a venda.

Menelau sentiu seu rosto enrubescer. Ele havia encontrado uma razão para sua ira agora: ela conseqüentemente ficou mais perigosa. O homem o estava insultando.

— Eu lhe afirmo que a mulher não está disponível para doação — ele disse. — E milhares de vezes não para venda.

O velho homem não demonstrou nenhuma raiva — poderia esse rosto macio e marrom mostrar isso? — e continuou sorrindo.

— Ah! — ele disse enfim —, você deveria ter me dito. Talvez ela seja sua velha enfermeira ou...

— Ela é minha esposa — gritou Menelau. As palavras saíram de sua boca, altas, infantis e ridículas; ele não pretendia dizer-lhes. Lançou seus olhos ao redor da sala. Se alguém sorrisse, ele o mataria. Mas todos os rostos dos egípcios estavam sérios. Seus próprios homens podiam ver que suas mentes estavam zombando dele. Seus próprios homens sentavam com seus olhos sobre o chão. Eles tinham vergonha dele.

— Estrangeiro — disse o velho homem —, você tem certeza de que essa mulher é sua esposa?

Menelau olhou de relance, com severidade, para Helena, acreditando por um momento que esses bruxos estrangeiros poderiam ter aplicado algum truque. A olhadela foi tão rápida que a capturou e, pela primeira vez, seus olhos se encontraram. E ela, de verdade, foi transformada. Ele pegou de surpresa um olhar do que parecia ser, dentre todas as coisas, alegria. Em nome da Casa de Hades, por quê? Ele passou em um instante. A desolação estabelecida retornou, mas agora seu anfitrião estava falando de novo.

— Eu sei muito bem quem é sua esposa, Menelau, filho de Atreus. Você se casou com Helena Tindares. E essa mulher não é ela.

— Mas isso é loucura — disse Menelau. — Você acha que não sei?

— Isso é o que, de fato, eu acho — respondeu o velho homem, agora totalmente sério. — Sua esposa nunca foi a Troia. Os deuses fizeram um truque com você. Aquela mulher estava em Troia. Aquela mulher deitada na cama de Paris. Helena foi capturada.

— Quem é ela, então? — perguntou Menelau.

— Ah, quem poderia responder? É algo... isso em breve irá embora... e coisas assim às vezes vagueiam pela terra por um tempo. Ninguém sabe o que elas são.

— Você está brincando comigo — disse Menelau. Ele achava que não; muito menos acreditava no que lhe fora dito. Ele pensou que não estava em seu pleno juízo; bêbado, talvez, ou então o vinho estava envenenado.

— Não é de admirar que você diga isso — respondeu o anfitrião. — Mas você não dirá isso quando eu tiver lhe mostrado a verdadeira Helena.

Menelau sentou-se em silêncio. Ele tinha a consciência de que algo ultrajante estava sendo feito a ele. Ninguém poderia argumentar com esses demônios estrangeiros. Ele nunca fora esperto. Se Odisseu estivesse ali, saberia o que dizer. Enquanto isso, os músicos reiniciaram sua música. Os escravos, movendo-se vagarosamente, circulavam ao redor. Eles estavam deslocando as luzes todas para um único lugar, no lado extremo, próximo a uma entrada, de modo que o restante do saguão largo ficava cada vez mais escuro e a claridade dos candelabros agrupados produzia dor nos olhos dos que os encaravam. A música continuou.

— Filha de Leda, apareça — disse o velho homem.

E ela imediatamente apareceu. Da escuridão da entrada

[O manuscrito termina aqui]

Notas sobre “Depois de dez anos”

1

Por Roger Lancelyn Green

Esta história de Helena e Menelau após a queda de Troia foi iniciada e o primeiro capítulo escrito em, eu acho, 1959 — antes da visita de Lewis à Grécia. Ele começou, como Lewis escreveu que se iniciaram e se desenvolveram as histórias de Nárnia, a “enxergar imagens” em sua mente — a imagem de Cabeça Amarela no Cavalo de Madeira e a concretização de que ele e o resto devem ter experimentado durante quase 24 horas de claustrofobia, desconforto e perigo. Lembro-me de ele ler para mim o primeiro capítulo e a emoção do conhecimento crescente de onde estávamos e de quem era Cabeça Amarela.

Mas Lewis não havia elaborado nenhuma trama para o resto da história. Discutimos todas as lendas de Helena e Menelau que ambos conhecíamos — e eu estava mais “informado” sobre os temas troianos à época, enquanto escrevia minha história *Luck of Troy* (Sorte de Troia), que termina onde Lewis começa. Lembro-me de observar que Menelau somente era rei de Esparta por conta de seu casamento com Helena, que era herdeira de Tindareu (após a morte de Castor e Polideuce) — um ponto que Lewis não conhecia, mas do qual se apoderou apaixonadamente e usou nos capítulos seguintes.

Ele leu o resto do fragmento para mim em agosto de 1960, depois de nossa visita à Grécia — e após a morte de Joy (sua esposa). A parte egípcia chegou ainda

mais tarde, eu acho: mas depois disso, Lewis descobriu que não era mais capaz de criar histórias — nem de seguir com esta. Foi por causa dessa secura da fonte imaginativa (talvez a incapacidade de não mais “ver imagens”) que ele planejou colaborar comigo em uma nova versão de minha história *The Wood that Time Forgot* (A floresta que o tempo esqueceu), que eu havia escrito por volta de 1950 e que Lewis sempre dizia que era a minha melhor — embora nenhum editor se arriscasse a publicá-la. Mas isso foi no fim de 1962 e início de 1963 — e nada aconteceu depois disso.

Naturalmente não é possível ter certeza do que Lewis teria feito em “Depois de dez anos” se ele tivesse continuado: ele mesmo não sabia — e nós discutimos tantas possibilidades que não posso sequer ter certeza de qual ele preferia.

A próxima “imagem” após a cena no Cavalo foi a ideia de como deveria realmente ser a aparência de Helena depois de dez anos como prisioneira, na Troia sitiada. É claro que os autores clássicos — Quintus, Smirneu, Trifiodoro, Apolodoro, etc. — insistiam em que sua beleza divina permaneceu inalterada. Alguns autores dizem que Menelau sacou sua espada para matá-la depois que Troia havia caído, e então viu sua beleza e a espada caiu de sua mão; outros dizem que os soldados estavam se preparando para apedrejá-la — mas ela deixou cair seu véu e eles deixaram cair as pedras e a adoraram em vez de matá-la. Sua beleza desculpava tudo: “Para Hércules, Zeus deu força; para Helena, beleza, que naturalmente impera sobre a força”, escreveu Isócrates — e como chamei a atenção de Lewis, Helena retornou para Esparta com Menelau e não era somente a rainha bela que dá boas-vindas a Telêmaco em *Odisseia*, mas foi adorada como uma deusa, cujo santuário ainda pode ser visto em Terafai, próximo a Esparta.

No entanto, a parte da história que se passa no Egito está baseada na lenda, iniciada por Estesicoro e desenvolvida por Eurípedes em sua peça *Helena*, de que Helena nunca foi para Troia. No caminho, ela e Paris pararam no Egito, e os deuses

criaram uma imitação de Helena, um “Eidolon”, uma coisa de ar, que Paris levou para Troia, pensando que fosse a Helena verdadeira. Por esse fantasma, os gregos lutaram e Troia caiu. Em seu retorno (e ele levou quase o mesmo tempo que Odisseu levou para voltar para casa), Menelau visitou o Egito; e ali o Eidolon desapareceu e ele encontrou a verdadeira Helena, atraente e imaculada e a levou de volta para Esparta com ele. (Essa lenda deu a Rider Haggard e Andrew Lang a ideia para seu romance de Helena no Egito, *The World’s Desire* (O desejo do mundo), embora ele se colocasse alguns anos após o fim de *Odisseia* — um livro que Lewis leu e admirou, mesmo se não o valorizasse tanto como eu o valorizo.)

A ideia que Lewis estava seguindo — ou com a qual estava experimentando — foi uma “distorção” da lenda de Eidolon — “da escuridão da entrada” saiu a bela Helena, com quem Menelau havia originalmente se casado — Helena tão bela que deve ter sido a filha de Zeus — o sonho de beleza cuja imagem Menelau havia construído durante os dez anos de cerco a Troia e que havia sido tão cruelmente destruída quando ele encontrou Helena no capítulo 2. Mas essa era Eidolon: a história foi estimular o conflito entre sonho e realidade. Ela deveria ser um desenvolvimento do tema *Mary Rose*, novamente com uma distorção: Mary Rose retorna depois de muitos anos a Fairyland, mas exatamente como no momento de seu desaparecimento — seu marido e pais pensaram nela, ansiaram por ela, assim — mas, quando ela retorna, simplesmente não se encaixa no ambiente.

Menelau havia sonhado com Helena, ansiado por Helena, construído sua imagem de Helena e a adorado como a um falso ídolo: no Egito aquele ídolo lhe é oferecido, o Eidolon. Não acho que ele devesse saber quem era a verdadeira Helena, mas sobre isso não tenho certeza. Mas acredito que deveria descobrir no fim que a Helena de meia-idade, sem cor, que ele havia trazido de Troia era a mulher real, e entre eles estava o amor real ou sua possibilidade: o Eidolon teria sido a *belle dame sans merci*...

Mas repito que não sei — e Lewis não sabia — o que exatamente teria acontecido se ele tivesse prosseguido com a história.

Lewis falou mais de uma vez sobre as dificuldades que estava tendo com a história. Ele tinha uma ideia clara do tipo de narrativa que queria escrever, do tema e dos personagens, mas não teve a possibilidade de ir além dos primeiros capítulos. Como era seu hábito nesses casos, ele colocou a obra de lado e deu continuidade a outra coisa. A partir do fragmento escrito, seria possível esperar que a continuação pudesse ser um mito de entendimento bem geral. Pois a barriga escura do cavalo poderia ser tomada como um útero, a fuga dela como um nascimento e a entrada na vida. Lewis estava bem ciente desse aspecto, mas dizia que a ideia para o livro tinha sido provocada pela narrativa tentadoramente breve do relacionamento entre Menelau e Helena, após o retorno de Troia (*Odisseia*, iv. I-305). Esta era, suponho, uma ideia tanto moral quanto literária. Lewis queria contar a história de uma traição de modo a salientar o significado de sua vida. Aos olhos dos outros, Menelau poderia parecer ter perdido quase tudo que era honrável e heroico, mas; aos seus próprios olhos, ele tinha tudo o que importava: amor. Naturalmente, o tratamento a tal tema exigia um ponto de vista narrativo muito diferente do de Homero. E isso já está visível no fragmento presente: em vez de olhar para o cavalo de fora, como fazemos quando Demódoco canta (*Odisseia*, viii. 499-520), aqui sentimos parte da dificuldade da vida lá dentro.